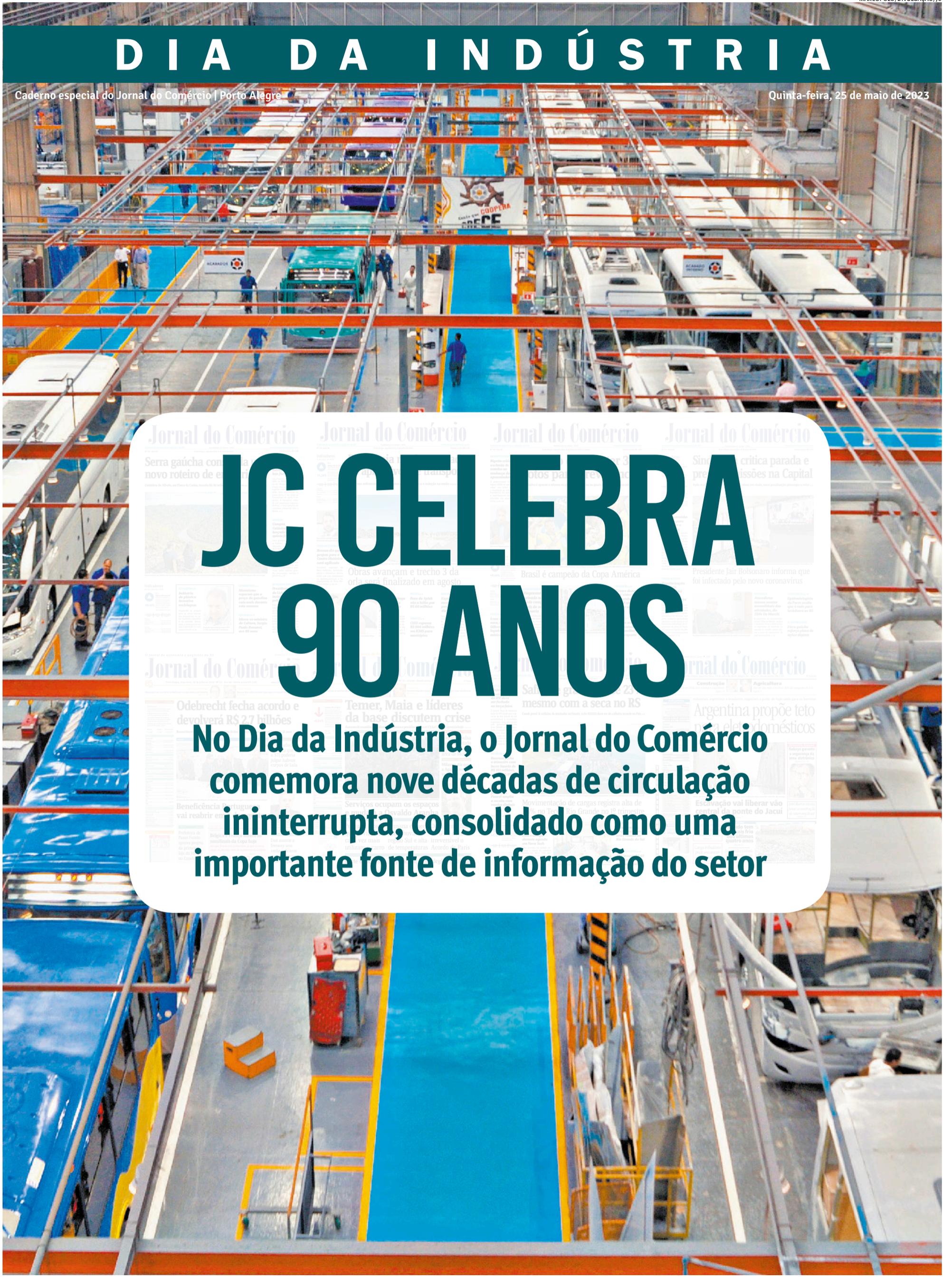


# DIADA INDÚSTRIA

Caderno especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre

Quinta-feira, 25 de maio de 2023



Jornal do Comércio Jornal do Comércio Jornal do Comércio Jornal do Comércio

# JC CELEBRA 90 ANOS

**No Dia da Indústria, o Jornal do Comércio comemora nove décadas de circulação ininterrupta, consolidado como uma importante fonte de informação do setor**

Serra gaúcha com novo roteiro de e  
transporte  
Sino crítica parada e premissões na Capital  
Obras avançam e trecho 3 da orla será finalizado em agosto  
Brasil é campeão da Copa América  
Presidente Jair Bolsonaro informa que foi infectado pelo novo coronavírus  
Odebrecht fecha acordo e devolverá R\$ 2,7 bilhões  
Temer, Maia e líderes da base discutem crise  
Argentina propõe teto na eletrodomésticos  
Beneficência Portuguesa vai reabrir e  
Serviços ocupam os espaços  
Movimentação de cargas registra alta de  
Escavação vai liberar vão central da ponte do Jacuí

## AO LEITOR

# Dia da Indústria e 90 anos do Jornal do Comércio

O Jornal do Comércio celebra, neste dia 25 de maio, 90 anos de circulação ininterrupta. A data também é simbólica por ser o Dia da Indústria. Por isso, o tradicional especial do JC aborda os principais setores da indústria gaúcha e ainda retrata a história do diário

de economia e negócios do RS.

Reportagens especiais se aprofundam acerca do contexto atual da indústria do Rio Grande do Sul em seus mais diversos setores, como construção civil, petroquímica, automotivo, celulose e metalmeccânico.

O conteúdo expõe, também, as principais dificuldades de crescimento do ramo, como os entraves logísticos e a alta carga tributária no Brasil, e traz uma entrevista com o governador gaúcho.

Os leitores encontrarão ainda um encarte especial dedicado às

nove décadas do JC, com depoimentos de autoridades políticas e empresariais do Estado. Todos são unânimes em destacar a credibilidade conquistada ao longo deste tempo pelo JC e o rigor editorial do veículo. Uma linha do tempo conta a história do

periódico, mostrando diferentes gerações à frente da publicação, bem como os novos projetos que estão por vir. Há detalhes da trajetória dos fundadores do antigo Consultor do Comércio e um perfil da atual administração.

Boa leitura!

BEIRA RIO/DIVULGAÇÃO/JC



Embora cada vez mais tecnológica, a indústria do RS é composta por profissionais com participação importante em todas as fases da produção, que é exportada para diversos países

## ÍNDICE

4	Sustentabilidade é peça-chave no futuro da indústria	20	Randocorp tem equipe exclusiva para novas tecnologias	44 a 48	Líder mundial em eteno renovável, Polo de Triunfo é o maior complexo petroquímico da região Sul
6	Indústria de celulose investe em melhora de práticas ambientais e crescimento	22 a 24	Mercado Digital - Indústria 4.0 precisa superar "purgatório de pilotos"	50 e 51	Perfil agrícola do RS impulsiona indústria de máquinas do setor
8	Construção civil celebra ciclo de crescimento desde a pandemia	26 e 27	Os avanços graduais do JC ao longo de nove décadas	52 a 55	Entrevista com o governador Eduardo Leite
9	Inovação turbina indústria metalmeccânica no RS	28 a 35	Depoimentos de autoridades sobre os 90 anos do JC	56 e 57	Novo projeto do Jornal do Comércio vai mapear a economia do Rio Grande do Sul
10	Resiliente, indústria gaúcha enfrenta desafios para crescer	36	Do sonho de Jenor Jarros nasce um novo jornal	58	Pioneiro, Homero Guerreiro liderou modernização do jornalismo no JC
12 e 13	Entrevista com o presidente da Fiergs, Gilberto Petry	37	Zaida Jarros comandou o JC por três décadas	59	Colaborador mais antigo do JC é referência na crítica de cinema
14	Indústria metalmeccânica da Serra busca acompanhar avanços	38	Quarta geração já exerce cargos executivos e planeja futuro do JC	60 e 61	GeraçãoE é aliado do empreendedorismo gaúcho há sete anos
16	Tramontina fortalece práticas sustentáveis	39	Conteúdo aprofundado em economia e negócios é a aposta	62	Reportagem Cultural: cinco anos traçando um painel da cultura gaúcha
18	Marcopolo diversifica linha com soluções sustentáveis	41 e 42	GM espera retomada para ampliar produção no RS	63	Série Porto Noite Alegre conta a história de casas noturnas que marcaram época

## EXPEDIENTE

■ Editor-Chefe: Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) ■ Editor-executivo: Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br);

■ Editora de Economia: Fernanda Crancio (fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br) ■ Reportagem: Claudio Medaglia, Eduardo Torres, Guilherme Kolling, Igor Natusch, Isadora Jacoby, Mauro Belo Schneider, Patricia Knebel, Patricia Lima, Pedro Carrizo e Roberto Hunoff ■ Projeto gráfico e diagramação: Luis Gustavo S. Van Ondheusden

# Hoje é um dia importante para os gaúchos.

## 25 de MAIO, Dia da INDÚSTRIA.

A FIERGS e o CIERGS celebram junto às indústrias associadas e os sindicatos filiados nesta data, que, em formato de rede, trabalham conectados em prol do desenvolvimento econômico e social da **nossa gente**.

 São **50 mil** fábricas em atividade no Rio Grande do Sul

 São **800 mil** pessoas empregadas diretamente

 O futuro passa pela Indústria



**ONDE TEM GENTE, TEM INDÚSTRIA.**



 [fiergs.org.br](http://fiergs.org.br)

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Sustentabilidade é peça-chave no futuro da indústria

Adesão do setor à agenda ESG ajuda a viabilizar a presença de produtos gaúchos no mercado global

Patrícia Lima, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Em 2016, o último lote de resíduos resultantes da produção de calçados da Beira Rio, uma das gigantes do setor no País, com sede no Rio Grande do Sul, foi para um aterro sanitário. A partir de então, todo o excedente da produção ganha destinação sustentável e, principalmente, rentável, por voltar à linha de produção em forma de matéria-prima.

De acordo com o último Relatório de Sustentabilidade da empresa, publicado em 2020, somente neste ano haviam sido enviados para coprocessamento e reciclagem mais de 3 mil toneladas de poliuretano. A matéria-prima resultante foi utilizada em itens para os pontos de venda da marca como cabides, pufes e displays, e também em novas palmilhas para os sapatos.

Até mesmo as embalagens dos calçados da marca que chegaram ao mercado foram produzidas com 100% de material reciclado oriundo das próprias fábricas.

Antes de o assunto tomar o debate mundial, a Beira Rio já estava trabalhando para adequar-se a uma tendência que agora dita os rumos da indústria no mundo: sustentabilidade não é mais acessório nem enfeite para turbinar relatórios. Quem não entra de cabeça nessa ideia por meio da adesão à tal agenda ESG estará fora do mercado em pouco tempo.

“Para nós isso é definitivo. Exigimos dos nossos fornecedores a adesão aos selos que certificam práticas sustentáveis na cadeia do calçado e, ao mesmo tempo, somos auditados pelos clientes em todo o mundo, que cada vez mais valorizam a responsabilidade ambiental na produção. O mercado procura por quem está correto e isso é vantagem

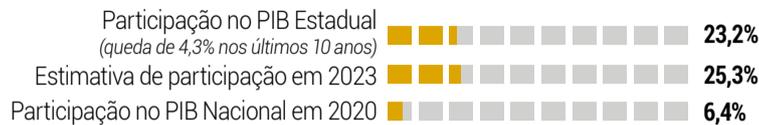
para nós”, afirma o diretor industrial da Calçados Beira Rio, João Arcanjo Henrich.

No ano passado, a Confederação Nacional da Indústria elaborou um levantamento para mapear a integração dos critérios ESG nas estratégias corporativas das indústrias do País. O resultado demonstrou que metade das unidades consultadas já formalizou, na estratégia corporativa da empresa, o compromisso de aderir à agenda ESG. Entre os participantes da pesquisa, 77% informaram que já haviam ouvido falar sobre o termo. Para 71,6%, são as exigências do mercado consumidor que levam à busca pela adesão à agenda de sustentabilidade, investimento social e governança. O estudo não setoriza os dados por estados, mas demonstra uma tendência que se replica na indústria de forma generalizada. Para uma atividade que, de acordo com números da CNI e da Fieggs, representa mais de 23% do PIB gaúcho, acumulando 8% de todas as exportações industriais do País, é determinante considerar esse futuro.

Professor da Escola de Economia da Unisinos, Marcos Lélis observa que a demanda mundial por produtos industrializados já está forçando a adoção de padrões ESG no que ele chama de “caminho sem volta”. “Não está mais em discussão se as práticas ESG devem ou não ser adotadas. A questão agora é a velocidade com que as empresas vão se adaptar a essa nova realidade. Quem perder tempo pode perder também a sua fatia de mercado”, destaca Lélis.

Enquanto algumas empresas já estão no caminho para operarem dentro de uma estratégia compatível com os padrões ESG, há, segundo o professor, organizações que sequer começaram a falar sobre isso. São dois grupos heterogêneos que compõem o tecido industrial do Estado. “Quem largou na frente para se adequar a essa nova realidade terá padrões de sustentabilidade e grande produtividade. E quem ficou para trás pode perder totalmente a relevância”, alerta.

## A Indústria no RS



Total do PIB Industrial no RS: **R\$ 95,2 bilhões**

## Perfil da Indústria do RS (2020)

Participação dos setores no PIB industrial RS



## Indústria gaúcha por setores

Fontes: IBGE, CNI e Fieggs



**17,4%**  
Construção



**7,3%**  
Químicos



**4,1%**  
Veículos automotores



**16,9%**  
Alimentos



**6,4%**  
Máquinas e Equipamentos



**4,0%**  
Derivados de petróleo e biocombustíveis



**12,4%**  
Serviços Industriais de Utilidade Pública



**5,2%**  
Produtos de metal



**3,5%**  
Couros e calçados

Outros: **22,8%**

## Dados do setor

Em 2021, o Rio Grande do Sul tinha  
**45.842**  
empresas industriais

De todas as empresas industriais brasileiras,  
**9,4%**  
são gaúchas

Entre as exportações de produtos industrializados do Brasil,  
**7,6%**  
são da indústria gaúcha

A indústria do Rio Grande do Sul exportou  
**US\$ 10,977 milhões**  
em 2022

O Estado é o  
**4º**  
colocado em exportações industriais do País

A indústria é responsável por  
**48,6%**  
das exportações gaúchas

**27,1%**  
do emprego formal do RS está na indústria (isso corresponde a 7,8% da força de trabalho nacional)

A indústria gaúcha pagou  
**R\$ 21,5 bilhões**  
somente de ICMS em 2022

## RS tem potencial de produzir energias renováveis e hidrogênio verde

Apesar de ainda ser novidade para muita gente, a agenda ESG está próxima da realidade do Rio Grande do Sul, especialmente quando o assunto é descarbonização da economia, contribuindo para o esforço global de frear as mudanças climáticas. Com mais de 80% de sua matriz energética com origem em fontes renováveis, segundo dados da Secretaria do Meio Ambiente, o Estado se prepara para lançar um plano ambicioso que, em se concretizando, pode favorecer a adesão da indústria aos critérios.

Palavra da moda entre os gaúchos nos últimos tempos, o hidrogênio verde vem sendo oficialmente estudado desde julho de 2022, quando o governo contratou a empresa de consultoria americana McKinsey & Company para avaliar as perspectivas do mercado desse combustível. Abundante na natureza, o processo de sintetização do hidrogênio não gera carbono. Mas, para ser considerado verde, é preciso utilizar fontes alternativas no processo, como a eólica e a solar. Segundo o estudo, o Rio

Grande do Sul tem grande potencial não apenas para a produção e transporte do hidrogênio verde, mas também para a geração de energia eólica e solar. De acordo com o governo do Estado, já foram firmados quatro memorandos de entendimento com empresas do setor interessadas em implementar projetos relacionados ao hidrogênio sustentável no Rio Grande do Sul. Boa parte desses projetos considera a integração com investimentos em usinas eólicas em alto-mar, chamadas de off-shore.

# CHEGAR AOS 90 ANOS É TER MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR.

Em nove décadas de vida, mais do que  
levar informações, o Jornal do Comércio  
faz a diferença na vida das pessoas.  
Cada edição lançada deixa um legado  
que é passado de geração em geração.

**Parabéns, Jornal do Comércio.**

Obrigado por deixar sua marca no coração dos gaúchos.

**Jornal do Comércio** 90  
O jornal de economia e negócios do RS ANOS

**TRAMONTINA**

o prazer de fazer bonito

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Indústria de celulose investe em melhora de práticas ambientais e crescimento

Visada pelo potencial de dano ambiental que pode causar, a produção de celulose representa 2,7% do PIB industrial do Rio Grande do Sul, segundo dados da CNI. A cifra pode parecer pequena, mas é justamente desse setor que vem um dos maiores cases de investimento em projetos de sustentabilidade do Estado. Está prevista para 2023 a conclusão das obras do BioCMPC, projeto bilionário lançado em 2021 pela CMPC, em Guaíba, e que tem, atualmente, 80% das obras concluídas.

De acordo com estimativas da companhia, a implantação do projeto irá proporcionar um ganho de 18% na capacidade produtiva, o que representa o acréscimo de cerca de 350 mil toneladas de celulose por ano – a produção da CMPC em 2022 foi de mais de 2 milhões de toneladas de celulose, com um

faturamento total de R\$ 7,3 bilhões.

Ao todo, os investimentos totalizam os R\$ 2,75 bilhões e contemplam 31 iniciativas de melhorias divididas em variadas áreas, desde a implantação de novos equipamentos de controle ambiental até ações de modernização operacional. “As melhorias implantadas vão posicionar a planta de Guaíba como uma das mais sustentáveis do mundo, quando considerados os parâmetros de gestão de resíduos, tratamento de efluentes, emissões atmosféricas, sistemas de tratamento de gases e gestão ambiental”, afirma o diretor-geral da CMPC Brasil, Maurício Harger.

Os entraves logísticos, que para muitos setores são um problema difícil de equalizar, viraram mais um case de sustentabilidade na CMPC. Considerando que a companhia exporta 91% do que é



TÂNIA MEINERZ/JC

Harger, da CMPC, diz que investimentos tornarão planta de Guaíba uma das mais sustentáveis do mundo

produzido em Guaíba, o transporte é uma etapa decisiva para os resultados. A hidrovia da Lagoa dos Patos é estratégica para o negócio. Com um porto próprio na unidade industrial, a embarcação carregada em Guaíba com celulose se desloca por cabotagem até o Porto de Rio Grande. A mesma barcaça viaja até Pelotas, onde recebe madeira de eucalipto que é plantada e colhida na região Sul, voltando

carregada de matéria-prima para a fábrica.

Em 2022, a CMPC transportou mais de 1,8 milhão de toneladas de celulose por hidrovia, mesmo modal por meio do qual transportou 1,2 milhão de metros cúbicos de madeira. “A utilização exitosa da hidrovia Guaíba-Lagoa dos Patos para o transporte de cargas torna nossa logística de exportação altamente eficiente e sustentável”,

salienta Harger.

O executivo destaca ainda que essa logística fechada gera 370 empregos diretos – entre os 6,5 mil diretos e indiretos gerados pela empresa – e evita a realização de 100 mil viagens de caminhão por ano, prevenindo a emissão de 56 mil toneladas de carbono. A CMPC estima que 20% de toda a madeira utilizada na operação chegue à unidade por meio da hidrovia.

## Ganhos de produtividade e certificação no setor de calçados passam por reaproveitamento de insumos

Os números da Calçados Beira Rio comprovam que investir em sustentabilidade e em inovação nos processos para reaproveitar insumos e controlar perdas não faz mal a ninguém – pelo contrário. Com 11 unidades fabris no Rio Grande do Sul, a empresa gera 25 mil postos de trabalho, 9,9 mil diretos, 64% dessas vagas ocupadas por mulheres. O ecossistema produtivo da calçadista conta com 384 ateliês terceirizados que contribuem

para a fabricação de calçados que chegam ao mercado com o selo de oito marcas próprias, vendidas em lojas de 26 mil clientes no Brasil e no exterior – a companhia exporta para 97 países. Além de calçados, a empresa também abriu novos segmentos de mercado com bolsas, meias, vestuário e óculos de sol.

Pensado para aumentar e modernizar a área de corte de matéria-prima, o mais recente investimento é a ampliação da estrutura da

filial 23, em Sapiranga, cuja cifra deve chegar aos R\$ 30 milhões. Aos 10,5 mil metros quadrados de área já existentes, serão adicionados outros 600 metros quadrados de espaço que será destinado ao corte da matéria-prima que, posteriormente, é enviada aos ateliês terceirizados, que montam o calçado. Segundo projeções da empresa, a conclusão das obras e início das operações deve ocorrer no segundo semestre de 2024, gerando 150 novos postos de trabalho diretos na unidade – atualmente, 300 trabalhadores já atuam na filial 23.

Um programa de melhoria contínua, implantado na empresa há mais de 10 anos, garante que a maior quantidade possível de resíduos da fabricação de calçados retorne ao processo produtivo como matéria-prima. “É vantajoso para nós produzir novos itens com insumos reciclados e reaproveitados. Isso é economia e eficiência”, lembra o diretor industrial da Beira Rio, João Arcanjo Henrich. Segundo ele, entre 50% e 60% de todos os resíduos gerados pela empresa voltam às linhas de produção como

matéria-prima – o que totaliza entre 500 e 600 toneladas de rejeitos todos os meses. Para transformar em insumos e até energia o percentual de rejeitos que ainda não volta à linha de produção, a empresa lançou, em 2021, o projeto-piloto de uma usina de queima de resíduos que, por meio do processo de pirólise, transforma o material em carvão, com potencial de geração de energia. O que ainda resta dessa queima vira um dos componentes utilizado na fabricação de palmilhas. A planta piloto passou por testes e recebeu a licença da Fepam.

Por iniciativas como essa e pelo rigoroso controle que a Calçados Beira Rio tem especialmente com a destinação dos rejeitos em toda a sua cadeia produtiva, detém o selo Origem Sustentável Diamante, única certificação de sustentabilidade no mundo que compreende toda a cadeia produtiva do calçado e foi lançado em 2013 pela Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal) e pela Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), em parceria com

o Laboratório de Sustentabilidade (Lassu) da Universidade de São Paulo (USP) e do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Para o presidente executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, a certificação ajudará cada vez mais o posicionamento do calçado brasileiro no mundo a partir de agora. “A sustentabilidade vem sendo um diferencial da indústria calçadista brasileira, que outros polos produtores no mundo não têm. Os clientes, especialmente de exportação, são cada vez mais rigorosos. Isso vai favorecer a indústria brasileira no longo prazo”, aponta.

Internamente, o dirigente aponta a necessidade de equalizar velhos problemas que ainda travam o desenvolvimento da cadeia calçadista, como a alta carga tributária e a logística de transporte para insumos e produtos, especialmente no Rio Grande do Sul. A guerra fiscal entre estados também gera problemas. “Temos que aumentar a competitividade tributária com medidas imediatas, pois perdemos ao esperar pela reforma tributária nacional.”



ABICALÇADOS/DIVULGAÇÃO/JC

Presidente da Abicalçados observa o rigor de clientes internacionais

# Gerdau e The Town.

## Aço, música e sustentabilidade

# SE MOLDAM AQUI.

GERDAU. O AÇO OFICIAL DO THE TOWN 2023.



**GERDAU**  
O futuro se molda

**THE TOWN**  
SÃO PAULO

O maior festival de música, cultura e arte da história de São Paulo, o The Town utilizará aço Gerdau, um produto infinitamente e 100% reciclável.

As toneladas de aço Gerdau, um produto infinitamente e 100% reciclável, e que carregam a força de mais de 1 milhão de catadores e cooperativas de reciclagem de sucata metálica, agora compõem algumas estruturas da Cidade da Música, no Autódromo de Interlagos, que vai receber alguns dos maiores artistas do planeta, num evento que celebra a pluralidade da maior cidade do Brasil.

Uma união que vai além dos palcos e soma forças com a ONG Gerando Falcões e a Fundação Volkswagen para transformar a Favela do Haiti, em São Paulo, que receberá a tecnologia da favela 3D, moldando um novo futuro para mais de 290 famílias.



Siga a Gerdau nas redes sociais:

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Construção civil celebra ciclo de crescimento

O principal setor industrial gaúcho, segundo o levantamento da CNI, vem nadando de braçada desde a pandemia, cujos efeitos ainda são sentidos – positivamente – pelas empresas. Detentora da maior fatia do PIB Industrial do Estado, 17,4%, a construção civil vive uma sequência de anos em que o crescimento se destaca.

A justificativa, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), Cláudio Teitelbaum, ainda é o rebote da crise provocada pela Covid-19.

Com a necessidade de isolamento e a disseminação do tele-trabalho, as pessoas repensaram seus conceitos sobre moradia. E eis que o setor, somente em Porto Alegre, faturou um recorde próximo dos R\$ 5 bilhões em 2022 – e 2023 não deve ser muito diferente, a se confirmarem as previsões.

“Nos últimos dois anos,

cremos praticamente o dobro do PIB nacional, com oito trimestres consecutivos com elevação nos indicadores. Segundo o Caged, somos o setor que mais emprega com carteira assinada, sem contar com os temporários. É um ciclo muito positivo”, destaca Teitelbaum.

Diante de números tão animadores, pode parecer que o setor goza da tranquilidade daqueles que não se preocupam com nada. Mas não é bem assim. As altas taxas de juros são especialmente sensíveis.

Por um lado, elas retiram o poder de compra do consumidor na medida em que encarecem os financiamentos; por outro, reduzem a competitividade das empresas, alterando a margem das incorporadoras na tomada de crédito para a concretização dos projetos.

“Ainda vivemos um cenário de otimismo que deve perdurar por pelo menos mais dois anos. Mas temos à frente essas preocupações,



Cláudio Teitelbaum, presidente do Sinduscon-RS, lembra que o setor é o que mais emprega com carteira

que podem afetar essa indústria”.

Conhecida pela grande empregabilidade que gera, especialmente para a parcela menos qualificada da mão de obra, a construção civil volta seus esforços para entrar na agenda ESG pela via social. Intensificar os esforços para a qualificação dos 130 mil trabalhadores empregados no setor somente no Rio Grande do Sul é o principal objetivo do Sinduscon,

que desenvolve projetos junto às empresas e ao Sindicato dos Trabalhadores. “Também buscamos, junto com as construtoras, meios para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores dentro dos canteiros de obras. Os clientes estarão cada vez mais atentos a essas questões. A agenda ESG diferencia as empresas. Quem começar antes, sai na frente”, observa.

Teitelbaum aponta o Programa de Premiação e Certificação em Sustentabilidade Ambiental, regulamentado pela prefeitura de Porto Alegre no final de 2022, como um exemplo de como a sociedade caminha para a busca de empresas que apostem em práticas sustentáveis. O projeto prevê vantagens e premiações para ações que reduzam os impactos ambientais nas construções.

## Vocação para a industrialização turbina o mercado de alimentação no Rio Grande do Sul

Em artigo publicado no final do ano passado, o coordenador de projetos na área de alimentos e bebidas do Sebrae-RS, Roger Klafke, chamou a atenção para 10 pontos aos quais os empreendedores do setor – seja da indústria ou do comércio – deveriam prestar atenção em 2023. Desenvolver produtos com o olhar

voltado para a demanda do mercado, com base em dados e pesquisas de hábitos e tendências de consumo. Foi trilhando esse caminho que a indústria de alimentos foi a que mais cresceu em participação no PIB industrial do Estado entre 2009 e 2019, segundo dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio

Grande do Sul (Fiergs). A escalada foi de mais de sete pontos percentuais, o que coloca o setor como o segundo principal em participação no PIB industrial do Estado, com 16,9%.

Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, a indústria de alimentos apresenta grande dispersão territorial no Estado: em

2020, havia 4,5 mil estabelecimentos do setor, empregando quase 140 mil pessoas.

Com sede em Tupandi, a Bom Princípio Alimentos exemplifica o crescimento do setor ao longo dos anos. A fábrica de doces e geleias que utilizava receitas de família para vender os produtos no entorno do município de Bom Princípio, onde o negócio nasceu, hoje produz mais de 1 milhão de unidades de produtos por mês – entre os principais estão geleias e pastas de frutas.

O crescimento veio justamente quando a área de desenvolvimento resolveu apostar em itens inovadores, como insumos para confeitaria. A novidade mais recente, as pastas de frutas, encontraram um mercado promissor também em bares e restaurantes, onde são usadas para o preparo de bebidas e sobremesas.

A marca possui mais de 500 itens em sua linha de produtos e prevê o lançamento de outros 40 ao longo de 2023. De acordo com o diretor-presidente, Alexandre Ledur, a indústria de alimentos é capaz de fomentar o desenvolvimento tecnológico para o surgimento de produtos inovadores a partir da

materia-prima extraída do campo. Somente no primeiro trimestre de 2023, a companhia contabiliza um aumento de 25% na produção – cifra que deve ser superada até o final do ano. “O setor está provando ser uma das grandes alavancas para a economia”, destaca Ledur.

Mesmo em crescimento evidente, a corrida em busca da sustentabilidade está em curso. Como uma empresa de origem familiar e com forte aderência nas comunidades produtoras, a Bom Princípio Alimentos sempre esteve conectada às boas práticas no campo, que garantem a qualidade da matéria-prima utilizada. Agora, a empresa está buscando sua inserção formal na agenda ESG.

O primeiro passo foi dado em 2021, quando recebeu a certificação FSSC 22000, que assegura a segurança dos alimentos provenientes de todas as etapas do processo de industrialização. Agora, se prepara para implantar um piloto do projeto de fertirrigação a partir do tratamento dos efluentes gerados na unidade de produção – a técnica, descrita pela Embrapa, preconiza a adubação das lavouras e pomares por meio da irrigação.



RS conta com 4,5 mil estabelecimentos do segmento, como a Bom Princípio, dirigida por Alexandre Ledur

REPORTAGEM ESPECIAL

# Inovação turbina indústria gaúcha metalmecânica

Dados da CNI e da Fiergs demonstram que, na última década, a participação da indústria no PIB do Rio Grande do Sul encolheu. Uma das respostas para esse desafio é a inovação – quesito no qual o setor metalmecânico está bem posicionado. Um exemplo disso é a Stihl, gigante alemã fabricante de motosserras e outras ferramentas motorizadas, como roçadeiras e lavadoras de alta pressão.

Na unidade de São Leopoldo está o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da companhia, que desenvolve tecnologias e produtos exportados inclusive para a matriz, na Alemanha. “A inovação é a chave para criarmos produtos diferenciados e para entregarmos soluções cada vez mais tecnológicas aos nossos clientes”, diz o presidente da Stihl, Cláudio Guenther, que afirma ainda estarem previstos 18 novos lançamentos de produtos somente em 2023.

Presente no Brasil há 50 anos,

a Stihl foi na contramão do dado geral da indústria, que recuou na última década. Desde 2019, quase duplicou o faturamento – o resultado anual era de R\$ 1,7 bilhão e saltou para R\$ 3,2 bilhões em 2023. Nesse período, o investimento bateu na casa de R\$ 1,1 bilhão.

Recentemente, a companhia inaugurou duas novas estruturas, que totalizaram R\$ 52 milhões: o prédio da ferramentaria e um amplo vestiário para os funcionários, ambos inaugurados em 2022. Com um aporte estimado em R\$ 110 milhões, a Stihl pretende ainda expandir seu Centro de Distribuição em São Leopoldo, aumentando a área de armazenamento de 7 mil para 16,7 mil posições de pallets, um acréscimo de 137% na capacidade de armazenamento. A estrutura deve ser inaugurada no primeiro semestre de 2024.

Além de ter área suficiente para estocar todos os produtos acabados



STIHL/DIVULGAÇÃO/JC

Stihl busca aliar fabricação de ferramentas direcionadas ao manejo de áreas verdes e projetos de conservação

da empresa, o novo Centro de Distribuição também deve contribuir para mais uma etapa da adesão da Stihl à agenda ESG.

Ao armazenar matérias-primas e componentes, o local ajuda a reduzir o custo logístico. “O armazenamento interno no novo espaço também reduzirá os fretes externos atuais e isso evitará a emissão de 93

toneladas de CO2 por ano”, salienta Guenther. Em 2022, o Grupo Stihl alcançou a neutralidade de emissões de carbono.

Ainda dentro da agenda ESG, a companhia busca aliar a vocação de fabricar ferramentas direcionadas ao manejo de áreas verdes e jardins com projetos de conservação florestal. Um exemplo é a parceria com o

Instituto Floresta Tropical (IFT) para a execução do programa Florestas Comunitárias, cujo objetivo é a capacitação técnica das comunidades para o manejo florestal sustentável.

“Atuamos nessa iniciativa para contribuir com a preservação dos recursos naturais, além de gerar desenvolvimento econômico para a comunidade local”, completa Guenther.

## COM EDUCAÇÃO, O FUTURO CHEGA ANTES.

Com o Movimento pela Educação, a Assembleia Legislativa está envolvendo os gaúchos em um grande debate, que agora chega à região central do Estado. O objetivo é um só: melhorar a qualidade do ensino. Com a educação em dia, o Rio Grande do Sul chega na frente.



MOVIMENTO PELA  
EDUCAÇÃO

Dia **26/05, às 9h** – Restinga Sêca  
Faculdade Antônio Meneghetti  
Esperamos você!



EDUCAÇÃO  
PARA O DESENVOLVIMENTO



Assembleia  
Legislativa

Estado do Rio Grande do Sul

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Resiliente, indústria gaúcha enfrenta desafios para crescer

A indústria gaúcha encolheu nos últimos 12 anos. A informação tem base em dados recolhidos pelo IBGE e pela Confederação Nacional da Indústria. Atualmente, a indústria representa 23,2% do PIB do Rio Grande do Sul. Ao comparar o desempenho atual com os dados de 2009, quando a indústria correspondia a 27,5% do PIB gaúcho, é possível perceber o encolhimento do setor.

Na avaliação do presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Gilberto Petry (leia mais nas páginas 12 e 13), os motivos para essa retração estiveram relacionados à grande recessão vivida pelo País entre 2014 e 2016, que impactou fortemente o setor em função da redução dos investimentos, fechamento de empresas e queda nos empregos.

Levantamentos recentes, no entanto, demonstram uma recuperação, com os números de 2020 sendo os maiores desde 2017, quando a indústria atingiu uma espécie de fundo do poço na participação do PIB local, com a menor marca,



Um problema que afeta o setor é a logística do transporte de produtos

22,4%. “Vale destacar que o ganho de participação, justamente no primeiro ano de pandemia, mostra a importância que o setor teve naquele momento de tantas dificuldades e incertezas para a sociedade, pois a indústria não deixou faltar produtos para suprir as necessidades da população”, comenta Petry. Ele afirma ainda que, segundo estimativas da Fiergs, a fatia do setor no PIB deve crescer em 2022, podendo chegar a 25,3%. Caso esse percentual se

confirme, será o maior desde 2012.

Entre os principais entraves para o crescimento do setor industrial como um todo no Estado estão questões velhas conhecidas das lideranças e dos empresários. A campeã de reclamações é a alta carga tributária, que se mescla a mazelas como excesso de burocracia, ineficiência de alguns serviços públicos e guerra fiscal entre os estados para resultar em uma bomba para as indústrias. Em dois

terços das 75 edições da Sondagem Industrial, levantamento realizado pela Fiergs, a taxa excessiva foi considerada o principal problema do setor. Em períodos de crescimento, taxas e impostos limitam o desempenho das empresas frente aos concorrentes internacionais, segundo explica Petry. “São necessárias reformas desburocratizantes e controle de inflação. Com isso, as taxas de juros que oneram o crédito para capital de giro e investimento das empresas podem começar a cair sem pressionar os preços. Isto elevará a confiança”, projeta o presidente da Fiergs. Outro problema histórico que atormenta o setor é a logística para o transporte tanto de matéria-prima quanto dos produtos finais. Com um modal predominantemente rodoviário, o Estado ainda sofre com a conservação das estradas e tem recursos limitados para o financiamento de obras de manutenção na malha viária. A distância do Sudeste do País faz com que este se torne uma questão decisiva para muitos setores que precisam transportar sua produção. O melhor

desempenho do setor passa por avanços na logística.

O secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo, observa que, em 2022, o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) investiu mais de R\$ 1 bilhão de recursos do Tesouro do Estado nas rodovias estaduais, um valor sete vezes superior à média dos últimos 10 anos. Também chama a atenção para as hidrovias, até hoje pouco exploradas para diversificar os variados modais de transporte de mercadorias dentro do Estado e em direção ao Porto de Rio Grande. Polo destaca que o Estado custeou a última dragagem do Porto, retirando 2,85 milhões de metros cúbicos de sedimentos do canal de acesso, o que aumenta a capacidade de tráfego de navios. “Na hidrovia principal, entre a Região Metropolitana de Porto Alegre e Rio Grande, já está em vigor um sistema de tarifação, entendendo-se que o autofinanciamento é o que torna este trabalho de dragagem e manutenção das hidrovias uma política permanente”, salienta.

## Indústria garante investimentos e avanços em inovação

Relevante para a estrutura produtiva de qualquer região do País, a indústria é, historicamente, o motor da inovação nos ambientes em que está inserida. Outros setores como o agro, o comércio e os serviços costumam ser usuários e demandantes das novas soluções oferecidas pela tecnologia em variadas áreas. Mas onde a inovação verdadeiramente nasce é na indústria.

Quem explica esse processo é o professor da Escola de Economia da Unisinos, Marcos Lélis, para

quem o setor é indispensável para uma sociedade saudável em todos os sentidos. Ele afirma ainda que é a indústria que promove melhor distribuição de renda, já que gera uma quantidade grande de empregos com salários mais altos – em comparação com outros setores como comércio e agronegócio.

Originada a partir de empreendimentos familiares, especialmente no Vale dos Sinos e na Serra, a indústria do Rio Grande do Sul ainda tem, de acordo com Lélis, a mesma

base tradicional e familiar. “Ainda temos muito dos setores tradicionais da indústria como couro, calçados, têxtil e metalmeccânica. São setores intensivos em trabalho, geram muitos empregos e cumprem esse papel social de distribuir renda”, afirma.

Essa base industrial de características familiares, porém, já enfrenta um desafio que deve se intensificar nos próximos anos: a escassez de mão de obra e a necessidade de automação. Em um primeiro olhar, pode parecer que

a automação dos processos nas indústrias veio para ceifar empregos, mas um olhar macro corrige a distorção. “Os jovens que estão entrando hoje no mercado de trabalho não pensam em ficar toda a vida na mesma empresa, como ocorria nas gerações anteriores. A base da pirâmide etária está diminuindo e em algum momento vai faltar mão de obra. Por isso a automação não é apenas uma realidade, mas uma necessidade”, diz Lélis.

Para ganhar mais relevância no

cenário internacional, a indústria gaúcha precisa se posicionar com mais ênfase entre os produtores de itens de qualidade e excelência – e a agenda ESG pode favorecer o Estado nesse processo. Com mais tecnologia e automação, aliadas às práticas de sustentabilidade, governança e sociais, será possível, na opinião do professor Lélis, aumentar a produtividade e driblar com mais facilidade as demais dificuldades estruturais que todo o setor industrial enfrenta no Brasil.

## Sobrevivência do ramo de fertilizantes requer foco nas mudanças climáticas

Primeiro e talvez mais brutalmente atingido pelas mudanças climáticas, o agronegócio depende da implantação bem-sucedida da agenda ESG para seguir prosperando ao redor do mundo. A cadeia de fornecimento do setor já compreendeu a importância de aderir ao esforço global para descarbonização da economia. As unidades gaúchas da Yara, gigante global de fertilizantes e de soluções para nutrição de culturas, atuam na agenda ESG.

“Reduzir as emissões de gases de efeito estufa é a ação-chave para

minimizar as consequências, enquanto a adaptação e as avaliações de risco também são necessárias para proteger os ativos e a produção de alimentos. Nossas soluções desempenham um papel importante na mitigação de emissões e na melhoria da resiliência das culturas ao estresse climático”, salienta a gerente de Saúde, Meio Ambiente, Segurança e Qualidade para a Região Sul da Yara Brasil, Laura Borges.

De acordo com informações da companhia, o Estado recebeu mais de R\$ 2 bilhões em investimentos

nos últimos anos – parte desse montante para tornar as operações mais eficientes e sustentáveis. Um dos destaques foi a instalação de um “shiploader”, carregador de navios, em tradução livre, em seu complexo no Porto de Rio Grande no ano passado.

O equipamento permite o carregamento dos granéis diretamente para o navio, possibilitando inclusive o transbordo dos produtos entre embarcações.

Isso significa que o fertilizante produzido pela unidade ou a

matéria-prima importada podem ser passadas de um navio para outro e, das embarcações, para os armazéns da empresa, ou vice-versa.

Na prática, o equipamento garante mais agilidade, reduzindo custos e tempo de operação, aumentando a eficiência. E, principalmente, permite ampliar o transporte de produtos por cabotagem, aproveitando a hidrovia. As barcas que atravessam carregadas a Lagoa dos Patos em direção a Porto Alegre reduzem o uso dos caminhões, diminuindo as emissões de

carbono. Para os próximos cinco anos, há mais projetos para a implantação da agenda ESG.

Os armazéns devem melhorar seu desempenho com a adoção de ferramentas tecnológicas, aumentando os parâmetros de sustentabilidade das operações. “Haverá novos investimentos na gestão hídrica e no controle de emissões atmosféricas nas unidades. A empresa acompanha de perto as oportunidades e as novas tecnologias para manter o compromisso que temos com o planeta”, completa Laura.



# Uma indústria mais sustentável.

As obras do projeto BioCMPC estão 80% concluídas.



Neste Dia da Indústria, queremos recordar uma das nossas principais contribuições para deixar o mundo mais sustentável. Trata-se do projeto BioCMPC, que moderniza nossa unidade para alcançar excelentes resultados nos indicadores de Meio Ambiente. As obras já atingiram 80% de conclusão e, em breve, vamos iniciar a fase de testes. Por isso, reforçamos nosso compromisso com as pessoas e seguimos com nossa intensa rotina de segurança, sustentabilidade e relacionamento com comunidades vizinhas.

Mais informações em [cmpcbrasil.com.br](http://cmpcbrasil.com.br).

Acompanhe as nossas redes sociais:

   /CMPCBrasil



## ENTREVISTA

# Indústria representa 23,2% do PIB do Rio Grande do Sul

**Caso percentual se confirme, 2022 terá maior crescimento desde 2012**

Patrícia Lima, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Os dados mais recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao ano de 2020, mostram que a indústria representa 23,2% do PIB do Rio Grande do Sul. Em relação à participação do setor em 2009 (27,5%), o dado recente revela uma perda de 4,3 pontos percentuais, muito por conta da grave recessão de 2014 a 2016, que impactou fortemente o setor e resultou em diminuição dos investimentos, fechamento de empresas e de empregos. Mesmo assim, a evolução recente mostra uma recuperação, com o percentual de 2020 sendo o maior observado desde 2017, quando a indústria gaúcha atingiu sua menor participação na economia do Estado, com 22,4%. Nesta entrevista, Gilberto Porcello Petry, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiersg), fala sobre o setor.

**Jornal do Comércio - De acordo com dados da CNI recolhidos em 2019, a indústria representa 22,5% do PIB do Estado. Entre 2009 e 2019 ocorreu uma perda de 5 pontos percentuais na participação do setor no PIB. Qual a situação atual do setor?**

**Gilberto Petry** - Vale destacar que o ganho de participação da indústria, justamente no primeiro ano de pandemia, mostra a importância que o setor teve naquele momento de tantas dificuldades e incertezas para a sociedade, pois a indústria não deixou faltar produtos para suprir as necessidades da população. Além disso, segundo nossas estimativas, a participação da indústria no PIB do Rio Grande do Sul estabilizou na passagem de 2020 para 2021, em torno de 23,2%, e deve crescer

em 2022, podendo chegar a 25,3%. Caso esse percentual se confirme, será o maior desde 2012.

**JC - O perfil da indústria gaúcha vem mudando ao longo das décadas – hoje, um terço da indústria gaúcha está concentrado nos setores de construção e alimentos, ainda segundo a CNI. Como tem sido esse movimento?**

**Petry** - Ao olharmos para a última década, percebemos que a estrutura setorial da indústria do Rio Grande do Sul pouco se alterou. O PIB industrial gaúcho é composto pela Indústria de Transformação (69,6%), Construção (17,4%), Serviços Industriais de Utilidade Pública (12,4%) e Indústria Extrativa (0,6%), segundo dados de 2020. De fato, aproximadamente um terço do PIB do setor se concentra na Construção e na Alimentação (16,5%), o segmento mais representativo da Transformação. Contudo, a Indústria de Transformação gaúcha é bastante diversificada, com segmentos relevantes para a economia do Estado e com grande participação na produção nacional, como máquinas e equipamentos, químicos, veículos automotores, produtos de metal, derivados de petróleo e biocombustíveis, couros e calçados, móveis e tabaco.

**JC - Quais setores estão encolhendo? E quais crescem?**

**Petry** - Olhando para os dados de PIB, os segmentos da Indústria de Transformação gaúcha que mais ganharam participação entre 2009 e 2019 foram o de Alimentos (+7,2 pontos percentuais), Máquinas e equipamentos (+1,1), Produtos de metal (+0,4), Derivados de petróleo e biocombustíveis (+1,9) e Celulose e papel (+2,5). Por outro lado, perderam participação as atividades de Veículos automotores (-4,1 pontos percentuais), Químicos (-0,6) e Couros e calçados (-0,4). Cabe mencionar que utilizamos como horizonte final o ano de 2019, pois os dados de 2020 apresentam comportamento atípico em muitos segmentos por causa dos reflexos da pandemia.



LUIZA PRADO/JC

Presidente da Fiersg afirma que perfil exportador do Rio Grande do Sul é uma vantagem sobre outros estados

**JC - O Rio Grande do Sul é responsável por 8% das exportações brasileiras de produtos industrializados, enquanto representamos cerca de 7% do PIB industrial brasileiro (dados da CNI). Como o senhor avalia esses percentuais?**

**Petry** - O Rio Grande do Sul é mais voltado às exportações do que outros estados da Federação. Aproximadamente 19,2% da receita líquida de vendas da Indústria de Transformação são provenientes das exportações. Para termos uma base de comparação, o Brasil apresenta 9,5%. A economia gaúcha, portanto, mostra mais autonomia com relação ao mercado interno quando há condições econômicas adversas. A atividade exportadora mostra propriedades de suavização, isto é, mesmo que internamente as condições econômicas do País não estejam as melhores possíveis, é factível que a produção continue a ser escoada para o mercado externo, tendo menores impactos na indústria e, por consequência, no emprego industrial. Além disso, o

maior contato com o mercado externo permite ganhos de produtividade e competitividade.

**JC - Que desafios o senhor enxerga como os principais ao longo de 2023 e nos próximos anos?**

**Petry** - A retomada da confiança do empresariado é um dos principais pontos para permitir que os investimentos voltem a aumentar. Para que ela retorne a patamares adequados, é necessário que o governo federal empreenda reformas desburocratizantes. E se controlar a inflação, as taxas de juros que oneram o crédito para capital de giro e investimento das empresas podem começar a cair sem pressionar os preços. Isto elevará a confiança.

**JC - Dois gargalos principais atormentaram a indústria gaúcha por muito tempo: a alta carga tributária e as dificuldades logísticas, acentuadas pela distância para o Sudeste do País. Como está este cenário atualmente? Estes seguem sendo dois entraves importantes?**

**Petry** - Diversos problemas restringiram o desempenho da indústria gaúcha ao longo dos últimos anos. O principal deles é de caráter estrutural: a elevada carga tributária, que liderou o ranking de nossa pesquisa Sondagem Industrial em dois terços das 75 edições, sobretudo nos períodos de crescimento, quando limitava o desempenho das empresas frente aos concorrentes internacionais. A falta de demanda foi outro grande entrave, principalmente nas crises econômicas intensas como as de 2008 e 2014-2016. Mais recentemente, com o colapso nas cadeias de suprimento devido à pandemia, a falta e o alto custo de matérias-primas foram entraves, atingindo a indústria gaúcha entre 2020 e 2021. Além desses, a

competição acirrada de mercado, seja a desleal ou com importados, os juros internos elevados e a taxa de câmbio, pela volatilidade ou pela valorização, estiveram ao longo do tempo entre os principais obstáculos. Por fim, vale destacar a escassez da mão de obra qualificada, que limita o desempenho do setor.

**JC - O que o setor apresenta como possíveis soluções para aumentar a participação da indústria no PIB do Estado e do País?**

**Petry** - Uma reforma tributária seria um dos principais pontos de interesse, visto o atual sistema apresentar distorções na alocação dos fatores de produção e sobrecarga de impostos sobre o setor. É importante pontuar, também, que o desequilíbrio fiscal atual, no qual o Estado gasta mais do que arrecada, tem papel deteriorante nas expectativas do empresariado e nas de inflação. Outro fator de vital importância, mas menos ligado à conjuntura, é quanto à infraestrutura, em especial às vias de escoamento das mercadorias e insumos. A maior parte é escoada por via rodoviária e com isso surgem alguns problemas. Uma melhora na infraestrutura, com o intuito de se diminuir os custos logísticos, é indispensável para um bom desenvolvimento sem pressão nas cadeias de preço e para que os produtos da indústria gaúcha se mantenham competitivos em nível nacional e internacional. Por fim, o investimento em educação e qualificação de trabalhadores é fundamental para o crescimento de longo prazo. Nesse sentido, o direcionamento e atuação no Rio Grande do Sul do Serviço Social da Indústria (Sesi-RS) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-RS) se mostram importantes para suprir lacunas



A Indústria de Transformação gaúcha é diversificada, com segmentos relevantes para a produção nacional

antigas deixadas pelo setor público.

**JC - Historicamente existem incentivos governamentais, especialmente na legislação tributária, para a produção exportadora. Como esses incentivos chegam à indústria gaúcha? São suficientes?**

**Petry** - Atualmente, as empresas exportadoras podem contar com alguns instrumentos como Reintegra, Drawback, Recof, além de mecanismos de compensação de tributos estaduais e federais. Porém, instrumentos de redução de resíduos tributários como o Reintegra, por exemplo, são num percentual muito abaixo do necessário para compensar as perdas na cadeia produtiva (alíquota atual é de apenas 0,1% sobre a receita oriunda das exportações de bens), não assegurando a efetiva imunidade tributária das exportações. Mecanismos como o Drawback e Recof são regimes especiais e importantes, porém, apontados como muito complexos pelas empresas. Entretanto, a maior dificuldade da indústria exportadora ainda está na alta e complexa carga tributária incidente direta ou indiretamente nos produtos exportados, bem como

a dificuldade de ressarcimento ou compensação de créditos tributários federais e estaduais. Além da não restituição de saldos credores de tributos e da não compensação dos resíduos tributários, é preciso salientar que os custos de produção no Brasil são elevados, o que prejudica fortemente a competitividade da indústria brasileira exportadora frente aos concorrentes internacionais. Precisamos urgentemente assegurar a imunidade tributária das exportações.

**JC - O senhor já manifestou preocupação com o projeto do governo de financiar exportações, especialmente para a Argentina. Como isso refletiria na indústria do RS?**

**Petry** - Em termos comerciais e de investimentos, a Argentina é um país extremamente estratégico para o Brasil e em particular para o Rio Grande do Sul. Para ilustrar a importância, a Argentina foi a principal origem das importações e o terceiro principal destino das exportações gaúchas no ano passado. Sabemos que as restrições ao mercado de câmbio e, por consequência, dos pagamentos às exportações brasileiras pela Argentina têm relação

direta com o problema da escassez de dólares nesse país. A Argentina possui reservas internacionais líquidas de menos de US\$ 3 bilhões, segundo dados de fevereiro deste ano. O saldo equivale a cerca de um terço do que o país importa por mês. Neste sentido, há uma forte pressão do setor industrial brasileiro por uma solução. Apoiamos o diálogo entre os dois países e precisamos avançar em um mecanismo financeiro estrutural. Dada a integração das cadeias produtivas, os negócios com a Argentina são muito importantes aos exportadores gaúchos e a atual situação impacta severamente nossas exportações ao país vizinho. Da mesma forma, a Argentina depende de insumos especializados brasileiros que não são fabricados lá. É fundamental, portanto, estabelecer um mecanismo que solucione essas restrições e aumente o comércio, porém dando garantias para o exportador brasileiro.

**JC - O Estado é servido por um porto marítimo (Rio Grande), interligado a uma hidrovia de grande porte, além de uma malha viária extensa. Essa infraestrutura atende as necessidades dos exportadores?**

**Petry** - O Porto de Rio Grande é um dos principais complexos portuários do País, de onde saem cerca de 60% de tudo o que o RS exporta. Em 2020, foi concluída a importante dragagem do canal de acesso, dada a relevância do porto para a economia gaúcha. É fundamental que a manutenção do nível do canal seja periódica e regular, bem como que tenhamos investimentos constantes destinados à eficiência e à competitividade do terminal. No que se refere ao escoamento de mercadorias até o porto, bem como o acesso das indústrias aos insumos importados, sabemos que há envolvido um conjunto de fatores que diz respeito aos diferentes modais de transporte. Importante mencionar, nesse sentido, que a matriz logística do Estado é altamente concentrada no modal rodoviário, de modo que 88% do nosso transporte de cargas se dá por estradas – no Brasil, essa média chega a 65%. Em se tratando do acesso ao Porto de Rio Grande, a BR-116 possui função crucial como principal via de ligação entre a Região Metropolitana e o Sul. O atraso das obras de duplicação dessa rodovia, que hoje opera sobrecarregada, constitui um

expressivo gargalo logístico que afeta a competitividade. Não menos importantes, as hidrovias gaúchas carecem de balizamento e sinalização noturna no trajeto entre Porto Alegre e Rio Grande, e de dragagem emergencial em pontos críticos na Lagoa dos Patos e nas vias navegáveis de acesso, como o canal do Furadinho no Rio Jacuí e trechos nos rios do Sinos, Gravataí, Caí e Taquari. Além disso, é necessária a instalação de proteção dos pilares das pontes sobre o Guaíba para evitar acidentes com potencial risco de bloquear tanto a hidrovia como a rodovia. A ausência de investimentos acarreta prejuízos consideráveis e riscos às empresas de navegação e às fábricas que dependem do transporte hidroviário para se abastecerem de insumos e escoarem a produção. O desenvolvimento do potencial hidroviário passa urgentemente pela solução desses problemas. Cabe mencionar a necessidade de reforma estrutural de nossas barragens eclusas para a navegação interior. De modo geral, uma maior diversificação e integração entre os modais têm papel fundamental no fomento de nossa competitividade logística.

**STIHL** 50 ANOS DE BRASIL

**UMA HOMENAGEM A TODOS QUE CONSTROEM UMA INDÚSTRIA CADA VEZ MAIS FORTE**

No ano em que a STIHL completa 50 anos de Brasil, não poderíamos deixar de parabenizar todos os trabalhadores da indústria que fazem sua parte para o crescimento do país. É o seu empenho que ajuda a construir um futuro ainda melhor.

**STIHL. 50 anos de Brasil.**  
**A força para construir histórias.**

@STIHLBRASIL @STIHL OFICIAL  
STIHLBRASIL STIHL BRASIL OFICIAL

**STIHL.COM.BR**

escala

## INDÚSTRIA

# Indústria metalmecânica da Serra busca acompanhar avanços

## Digitalização e ESG estão na mira de empresas

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul  
economia@jornaldocomercio.com.br

Principal polo metalmecânico do Rio Grande do Sul e o segundo no Brasil, a região de abrangência do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simecs) em 17 municípios sedia em torno de 4,5 mil empresas de pequeno, médio e grande porte, das quais cerca de 3,3 mil são associadas. Dados da entidade indicam que a maioria, mais de 2 mil, empregam entre um e 50 trabalhadores. Quadros acima de 250 colaboradores estão restritos a menos de 50 organizações. O faturamento anual projetado é de

R\$ 50 bilhões anuais. O sindicato representa empresas dos segmentos automotivo, eletroeletrônico, metalmecânico, ferramentarias, móveis e acessórios e alimentos e bebidas.

Presidente do Simecs desde o início do ano, com mandato até 2025, Ubiratã Rezler define o momento como preocupante, com mercado retraído, baixo volume de pedidos e orçamentos e dificuldades para investimentos, em especial pelas organizações de pequeno porte. "A situação é complexa em razão da instabilidade jurídica e falta de políticas claras do governo para o futuro. Isto faz com que o cliente foque suas ações mais nas reformas do que já dispõe em seu parque fabril, adiando a compra de novos itens, na expectativa de períodos menos turbulentos", assinala. Cita que

mesmo fontes públicas de fomento para pesquisa e desenvolvimento não estão sendo aproveitadas pelas empresas, principalmente pelas de médio e grande porte. "Fazer altos investimentos em tecnologia é para poucos. A maioria não tem estrutura de capital humano e financeiro para avançar. Por isso, a importância dos investimentos das grandes empresas, porque atraem as atenções das pequenas. A expectativa é que os custos em tecnologias disruptivas diminuam ao longo do tempo, com adesão de mais empresas", acredita.

Rezler ainda alerta para a necessidade da adoção inadiável das políticas de ESG. Entende que a indústria que não se dedicar a este movimento está fadada a diminuir. "O mercado não aceita mais o olhar somente no lado produtivo."

## Máquinas menores e mais produtivas

A câmara setorial metalmecânica, que envolve a produção de máquinas e equipamentos, também passa por retração nos investimentos diante das incertezas econômicas, após um período de forte crescimento nos negócios. O diretor Eduardo Cervelin observa, no entanto, que alguns segmentos seguem aquecidos, como mostrou a recente edição da

Expomafe. "São organizações que enxergam futuro promissor", avalia. A principal estratégia das empresas do setor tem sido elevar a produtividade por meio de novas tecnologias. Cervelin afirma que a robotização deixou de ser acessória para tornar-se item embarcado. "O equipamento passa informações para o controle do processo e de manutenção."

## Implementação exigirá pessoal cada vez mais qualificado

Thiane Suzin, diretora da câmara setorial eletroeletrônica, vislumbra como principal tendência a incorporação de tecnologias, como IoT, permitindo que operadores e supervisores acompanhem e interajam, em tempo real, com as plantas fabris e equipamentos. Afirma que a evolução também pode levar a processos produtivos enxutos e cada vez mais qualificados e competitivos

nos produtos finais.

Também cita a necessidade de buscar, no cenário mundial, matérias-primas alternativas e com tecnologias que gerem redução de tamanhos e custos. "Isto exige mão de obra cada vez mais especializada. A evolução dos processos e produtos vai requerer conhecimentos de quem estiver envolvido", explica a diretora.

## © PLÁSTICO PRESERVA O Presente e o Futuro

Parabéns às indústrias de transformação, que trabalham pela valorização do plástico como matéria-prima nobre e sustentável. O plástico salva vidas e protege o meio ambiente. Use o plástico de forma consciente!

25 DE MAIO - DIA DA INDÚSTRIA

SinplastRS



@sinplastrs



@sinplast



51 3364-4503



www.sinplast.org.br

# INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

por um futuro mais sustentável.

A busca por um futuro mais sustentável é o que move o dia a dia da Braskem, por isso renovamos constantemente nosso pacto por um amanhã melhor para as próximas gerações. O Rio Grande do Sul tem papel estratégico nas ações alinhadas a esse propósito. No Estado, respondemos por 80% dos ativos do complexo industrial do Polo Petroquímico de Triunfo, além de sermos uma das três maiores contribuintes.

O impacto na geração de riquezas e o compromisso com a sustentabilidade e a preservação ambiental são legados de uma trajetória de desenvolvimento sustentável. Nos últimos cinco anos, investimos no Rio Grande do Sul R\$ 3,5 bilhões, com destino principal à sustentabilidade.

Recentemente ampliamos o Centro de Tecnologia e Inovação, no Polo Petroquímico de Triunfo, um investimento de R\$ 108 milhões. E, todos os dias, nossos pesquisadores renovam o compromisso de gerar impacto positivo para a sociedade.

A descoberta de novas tecnologias dá origem a produtos transformadores que agregam maior valor aos clientes e contribuem para a economia circular de carbono neutro. Assim, a Braskem reforça a sua meta de reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>, alcançando a neutralidade de carbono até 2050.



**Braskem**  | **FUTURO**  
é transformado >>> aqui



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais.

## INDÚSTRIA



TRAMONTINA/DIVULGAÇÃO/JC

Recentemente, foi criado o Comitê Ambiental com o objetivo de alinhar e aprimorar as boas práticas da empresa, cuja matriz fica na cidade de Carlos Barbosa, na Serra Gaúcha

## Tramontina fortalece as suas práticas sustentáveis

Demanda elevada dos consumidores por produtos com diferenciais de sustentabilidade, conectividade, inovação e tecnologia embarcada, além do interesse crescente por itens com design e por customização e personalização, são tendências que norteiam as ações da Tramontina, com matriz em Carlos Barbosa.

Rosane Fantinelli, diretora de marketing corporativo, destaca como resultado desta visão o lançamento, neste ano, de uma nova coleção de panelas, facas e talheres com assinatura sustentável para o segmento doméstico. “A Linha Lyf combina materiais ecológicos e ações de responsabilidade ambiental durante todo o processo produtivo”, afirma.

Ainda inéditos no mercado e prestes a serem lançados, os produtos Wenew, que contemplam dois modelos de cadeira e cestos, utilizam em sua composição resina reciclada pós-consumo, produzida

a partir de materiais descartados adequadamente e encaminhados para reciclagem, que se tornam matéria-prima para a cadeia produtiva.

Rosane enfatiza que os produtos, fruto de parceria com a Braskem, alinham sustentabilidade com versatilidade e criatividade em seu design. Outra novidade é o carro organizador inteligente (smart system), lançado em abril, ampliando a atuação da marca na aviação.

A diretora ressalta que as práticas sustentáveis fazem parte da história da marca centenária. Recentemente, foi criado o Comitê Ambiental com o objetivo de alinhar e aprimorar as boas práticas da empresa. “Reduzir a geração de resíduos ao longo de toda a cadeia produtiva e de distribuição faz parte de uma série de compromissos assumidos a fim de otimizar o uso de recursos naturais. O desenvolvimento de produtos e embalagens, a gestão de fornecedores, o processo produtivo e o pós-consumo integram a

rotina diária das áreas dedicadas a esse tema, dentro da realidade de cada unidade de negócio”, assinala.

Atualmente, a Tramontina oferece linhas de produtos que atendem ao grande público, como as tradicionais panelas de inox, e vários outros exemplos de utilidades domésticas. Também abastece mercados de nicho, com facas para sushi, utensílios específicos para bares, móveis para espaços corporativos, ferramentas industriais para oficinas mecânicas e cozinhas profissionais para restaurantes. “A oferta de produtos customizados e personalizados representa importante diferencial no mercado, principalmente entre os clientes profissionais em suas áreas”, informa.

O ambiente digital vem apresentando resultados positivos para a companhia. Rosane assinala que o e-commerce cresceu em relevância nas vendas e reputação da marca, com expectativa de evolução contínua. O site foi reformulado a fim

de refletir a preferência da marca já consolidada também no ambiente online e atender ao desejo do consumidor crítico, exigente e interessado em um tom cada vez mais humanizado nas trocas. A empresa também investe na comunicação pelas redes sociais e canais próprios a partir de parceria com influenciadores digitais para entregar conteúdo capaz de inspirar consumidores nos diferentes segmentos de atuação. “Trabalhamos com especial atenção nos canais que nos aproximem dos jovens”, destaca.

O parque fabril doméstico ganhou recentemente uma unidade para fabricação de porcelanas, na cidade de Moreno, nova divisão da operação de Recife. Além de plantas no Rio Grande do Sul, a Tramontina opera em Belém (PA). Rosane assinala que atuar de forma descentralizada e contar com centros de distribuição têm sido fundamentais para atender aos clientes de forma ágil. São nove unidades fabris e cinco

centros de distribuição, localizados de forma a garantir agilidade logística nas entregas.

Diante do mercado em constante evolução, a automatização se tornou mais presente na empresa nos últimos anos. No entanto, a companhia segue investindo na manutenção e qualificação de mão de obra dos cerca de 10 mil funcionários.

Como parte da visão de sustentabilidade, a Tramontina faz uso de empilhadeiras elétricas nas unidades fabris, com intenção de expandir, gradativamente, para a utilização de transporte com zero emissão de carbono. Também há investimentos em equipamentos elétricos, não só para uso nas fábricas, mas também em produtos para os clientes. Rosane cita as lâmpadas de LED, cooktops a indução e veículos elétricos. A empresa também adquire energia elétrica para as fábricas no mercado livre, proveniente de fontes renováveis certificadas.

# Há 54 anos apoiando o crescimento profissional no setor industrial.

CIEE-RS, seu parceiro na capacitação e inserção de novos talentos para o mercado de trabalho.



cieers.org @ciee\_rs ciee-rs cieers ciee-rs @cieers (51) 3363.1000

Escaneie o QR Code e visite o nosso site



## INDÚSTRIA

# Marcopolo diversifica linha com soluções sustentáveis

Segurança, inovação e preferência dos usuários são os principais fatores que continuarão norteando as tendências do transporte de passageiros no Brasil, independentemente do modal utilizado. João Paulo Ledur, diretor de estratégia e transformação digital da Marcopolo, assinala que as novas soluções estão alinhadas com o propósito de aproximar pessoas. “São os passageiros que nos ajudam a ditar as tendências exploradas pelo mercado”, reforça.

O cenário atual é de desenvolvimento de produtos que atendam as demandas por meio de tecnologias e iniciativas mais sustentáveis, resultando na ampliação do portfólio de produtos. “Podemos assegurar que não somos mais apenas uma encarregadora, mas uma companhia focada em desenvolver e aprimorar soluções de transporte e mobilidade”, afirma. Como exemplos deste novo conceito cita a produção de ônibus completos, como o primeiro ônibus elétrico e com chassi próprio da marca, o Attivi, e os veículos com opções de motores híbridos, movidos a hidrogênio, em circulação no exterior. Também elenca os modelos

metroferroviários desenvolvidos pela Marcopolo Rail, como o VLT e people mover.

No segmento original da companhia, Ledur exemplifica com a família G8, focada no segmento de rodoviários que, em aproximadamente 18 meses de mercado, chegou à marca de 1 mil unidades vendidas. O modelo traz perto de 150 soluções inovadoras, das quais 70 com registro de patentes.

De forma a ampliar a capacidade inovadora dos produtos e processos, a Marcopolo reforça as parcerias. Neste ano colocará em funcionamento a Apolo Tecnologia em Polímeros para contribuir com a sustentabilidade dos veículos. Controlada pela Marcopolo S.A, a nova fábrica, com sede em Farroupilha, será responsável pela produção de peças poliméricas com tecnologia de ponta e desenvolverá produtos com grafeno para a substituição dos itens feitos em aço.

Mesmo com a crescente automatização das plantas fabris, a Marcopolo mantém um ritmo de crescimento na geração de empregos. No ano passado, foram mais de 3 mil vagas abertas. Em paralelo, a



Entre as novidades, estão o primeiro ônibus elétrico, o Attivi, e os veículos com opções de motores híbridos

companhia investe na digitalização de processos internos, visando ter mais agilidade nas operações.

Ledur destaca o comprometimento da empresa com a agenda ESG global, em seus três eixos, mas de forma especial com a descarbonização do transporte. Nesta linha, reforça o Attivi integral, primeiro ônibus elétrico com chassi próprio, desenvolvido no Brasil e com uso predominante de componentes nacionais, inclusive baterias e eletrônicos.

Até o final do ano, a empresa realizará diversos testes com o veículo em cidades brasileiras.



Ledur afirma que companhia se compromete com soluções de transporte

## Crippa vislumbra no e-commerce oportunidades para agregar valor

Criada em 1957, em Caxias do Sul, a Metalúrgica Crippa surgiu para fornecer matrizes para indústrias metalmeccânicas e de instrumentos musicais. Em 2012 migrou para o mercado de utilidades domésticas em plástico, fazendo uso de matérias-primas sustentáveis e 100% recicláveis.

Segue no atendimento à indústria com a produção de componentes plásticos para ônibus.

O CEO Fernando Crippa projeta tendência crescente do e-commerce no mercado de injeção de plásticos e utilidades domésticas, considerando que a maioria dos clientes está conectada ao ambiente virtual. Entende que o cenário é de muitas oportunidades nas entregas para novos nichos e, principalmente, agregando maior valor ao cliente. “Em geral, os produtos plásticos são de baixa customização. Mas na

jornada do e-commerce podemos entregar um serviço mais personalizado e entrar nessa tendência forte de identificação que os consumidores estão buscando”, observa Crippa.

O CEO assinala que a empresa trabalha com o objetivo de aumentar a produtividade, reduzir desperdícios e atingir novos mercados, especialmente a exportação. Uma das medidas é a reutilização de resíduos para reduzir o impacto ambiental e os custos.

Outro alinhamento é com as estratégias da indústria 4.0, aumentando a automação industrial para melhoria da qualidade e confiabilidade de processos. “Essa é uma tendência que não podemos ignorar diante da necessidade de melhoria dos indicadores e da competitividade. É crucial otimizar a produtividade”, frisou.

## Customização de utilidades domésticas ganha mercado

Voltado ao uso doméstico, mercado que durante a pandemia cresceu acima das expectativas em razão das medidas restritivas que levaram as pessoas a investir mais no conforto dos lares, o portfólio de produtos da Multiflon, empresa de Flores da Cunha, passa por um período de retração de vendas. O consumidor, agora, está voltado a construir novas experiências.

De acordo com o gestor comercial Marcos Téche Vieira, o varejo, cliente principal da marca, busca a diferenciação, o que leva à necessidade de customização do produto por meio de marca própria. “Estamos muito atentos a esta tendência”, adianta. Reconhece que a venda online está consolidada, mas pondera ser apenas uma parte da experiência do consumidor. “Levar uma experiência positiva para ele em todos os pontos de contato com a marca passou a ser nossa

prioridade”, ressalta.

A empresa também observa uma mudança importante no tipo de varejo físico que comercializa o produto. O gestor indica que o supermercado vem se tornando o ponto em que o consumidor decide pela compra de um item novo para casa. “Para o novo consumidor é fundamental que o produto seja durável e atenda suas necessidades”, reforça.

Desde janeiro deste ano, a Multiflon mudou de Caxias do Sul para Flores da Cunha. A nova planta coloca a marca na segunda posição em capacidade produtiva do segmento de utensílios antiaderentes no Brasil, o que exigiu aumento do quadro, mesmo com a forte presença da automatização nos processos. “A automatização é fundamental em alguns processos; em outros, o ser humano sempre será fundamental e, por isso, precisa de capacitação”,

avalia. Com a nova fábrica poderá dobrar, em dois anos, a capacidade produtiva atual de 700 mil peças por mês.

Vieira assinala que o compromisso com o meio ambiente, sustentabilidade e qualidade do ambiente de trabalho guiou a projeto da nova planta fabril. Segundo ele, as preocupações e atitudes da Multiflon com o atual conceito ESG a acompanham desde a fundação, em 1987. “A empresa sempre procurou se desenvolver de forma responsável com o meio ambiente, com os colaboradores e com aqueles que estão no entorno, bem como cumprir os compromissos financeiros. Nosso foco no ESG (econômica, ambiental, social e de governança) nos dá um olhar bastante atento ao que ocorre no mundo e possibilita, a cada dia, buscarmos por ações concretas para sermos ainda melhores”, indicou.

# Transformar o **hoje,** conectar com o **amanhã**

O Jornal do Comércio acompanhou as transformações e inovações do Rio Grande do Sul ao longo de 9 décadas. Sempre comprometido com a informação que valoriza o crescimento de setores estratégicos da economia gaúcha. Estar próximo das mudanças do Rio Grande do Sul, nos aproxima das necessidades dos gaúchos.

Para estar sempre ao lado das empresas e colaborar para a ampliação dos negócios, disponibilizamos o **Capital de Giro Banrisul**, que atende as necessidades de caixa, aquisição de mercadorias, estoque, insumos e muito mais. Contribuir com o desenvolvimento do nosso estado, nos prepara para o futuro.

Saiba mais em:

[banrisul.com.br/giro](https://banrisul.com.br/giro)



#### Banrifone

Porto Alegre (51) 3210 0122

Interior e Outros Estados 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515

Ouvidoria 0800 644 2200

Baixe o app:



# banrisul

Siga nossas redes sociais:



## INDÚSTRIA

# Randoncorp tem equipe exclusiva para novas tecnologias

Ao contrário do passado, quando a absorção das transformações levava uma ou até duas décadas para ocorrer, nos dias atuais ela acontece, na maioria dos casos, de forma simultânea, diante da grande quantidade de soluções oferecidas. As mudanças de hoje, que tendem a evoluir ainda mais rapidamente no futuro, envolvem novas tecnologias de produtos e hábitos dos consumidores. “No passado, o carro era sinal de prosperidade. Hoje, o consumidor jovem não quer mais. A conveniência de comprar tudo pelo aplicativo, as mudanças geopolíticas, a globalização sendo substituída pelo nacionalismo nos últimos cinco anos

e os mais de 150 conflitos militares mundo afora, dentre outros fatores, geram riscos e oportunidades. O desafio é ter esta visão de futuro e investir em tecnologias, preparando-se para ter sucesso dentro de outra realidade”, analisa Sérgio L. Carvalho, CEO da Randoncorp, nova denominação recentemente adotada pelas Empresas Randon.

O conglomerado vislumbrou este cenário de transformações no final de 2017, quando criou um grupo dedicado exclusivamente para trabalhar com inovações, com ênfase em eletrificação e mobilidade, tecnologia embarcada e materiais inteligentes. “Temos, no momento, em torno de 40 projetos

em desenvolvimento neste grupo, que ganhou reforços expressivos nestes quase seis anos. Destes projetos, dois devem ser anunciados ao mercado ainda em 2023. O futuro da empresa está ancorado nesta capacidade de antever as necessidades do mercado”, define o executivo, ao comemorar a repercussão que as tecnologias já entregues estão tendo dentre os grandes desenvolvedores mundiais de soluções.

Dentre as principais soluções já postas ao mercado está a carreta elétrica, possivelmente a primeira no mundo, apresentada em novembro de 2019, ou seja, 18 meses após a criação do grupo. “É

uma história de sucesso, que mostrou à corporação que tínhamos a capacidade de produzir de forma rápida”, recordou. O produto chegou ao mercado no final de 2022 e, desde então, experimenta uma curva ascendente de vendas. A base do projeto é a suspensão elétrica, que começa a ser estendida a outros segmentos, como o agrícola, e diretamente em caminhões.

A empresa também acelera aportes no desenvolvimento de compósitos que reduzem o peso dos componentes em mais de 50%. Para substituir a fibra de carbono na composição, foram desenvolvidas nanopartículas de nióbio, criadas e patenteadas mundialmente. “Em menos de 18 meses de desenvolvimento, conseguimos fechar contratos com a maioria das grandes fabricantes de caminhões no Brasil”, anuncia Carvalho.

As nanopartículas podem ser misturadas com tinta, aumentando em cinco vezes a resistência da pintura, e reduzindo o consumo de energia para secagem; e com aço, ferro fundido e alumínio, melhorando as propriedades mecânicas dos componentes. Podem ainda substituir os metais. Também é possível aplicar em resinas, em baterias elétricas e, até mesmo, na indústria de cosméticos. Para atuar no segmento, a corporação investiu R\$ 10 milhões na criação da NIONE. Também são recentes o uso de energia solar em implemento para transporte de cargas frigorificadas e o Randon Smart, sistema de telemetria avançado.

Nos últimos cinco anos, a empresa fez 18 aquisições, de diferentes setores, de forma a ganhar competitividade no mercado. Dentre elas, está a Autton Automação e Robótica para aprimorar os processos envolvendo os conceitos de smart manufacturing. Para

também atuar na área, já havia sido criada a Randon Tech Solutions (RTS), a partir de investimento de R\$ 20 milhões. Já a compra da DB Service visa ao desenvolvimento de software. “Encontrar engenheiro para esta área é a coisa mais difícil no mundo inteiro. Com o negócio, temos acesso a um pool de engenheiros e proteção às soluções que criamos. São medidas que aceleram a transformação industrial e nos asseguram vantagem competitiva”, argumentou Carvalho. Mesmo com os aportes em automação, o grupo de trabalhadores da Randoncorp dobrou em seis anos, passando de 7,8 mil para atuais 16 mil.

A área de prestação de serviços também ganha maior relevância. A Randoncorp uniu-se à Gerdau na criação da Addiante, focada em locação de veículos pesados e equipamentos, agregando-se ao banco e consórcio já existentes. O segmento de serviços representa 3,5% do faturamento e as empresas de novas tecnologias, 1,5%. “São índices ainda pequenos. Mas serão os segmentos que, proporcionalmente, crescerão mais”, projeta. Atualmente, as verticais veículos e autopeças respondem por 70% do faturamento, cada qual com partes iguais, e Frasle Mobility por 25%.

A nova denominação também está alinhada a estas transformações. “A organização de hoje é muito diferente daquela de cinco anos atrás. Visitantes que vêm do exterior se dizem impressionados com as transformações e grandes corporações buscam a aproximação para acelerar as tecnologias. Não queremos nos igualar, queremos ser de vanguarda até para os grandes mercados desenvolvidos”, anuncia Carvalho.



Conglomerado vislumbrou cenário de transformações em 2017, quando criou um grupo para trabalhar inovação

## Customização em massa é desafio para a indústria moveleira

Após um período de alta nas vendas durante a pandemia, o momento é de baixa demanda na indústria de móveis e acessórios. Segundo o diretor da câmara setorial, Ezequiel Brollo, o consumidor está migrando seus gastos para outros segmentos, como o lazer.

Ele acredita, no entanto, em retomada futura a partir das definições de governo para redução do déficit habitacional.

Neste cenário, uma mudança em andamento é na dinâmica do

mercado. Com os canais digitais, o cliente está mais próximo da indústria, o que leva à customização. “A indústria precisa oferecer diferenciais de marca ou produto, com mix mais variado para atender diferentes aspectos regionais e de nações. É um desafio tecnológico customizar produtos em massa, com nível de entregas e serviços mais individuais”, analisa. Este quadro torna a logística ainda mais importante, o que leva à demanda por qualificação visando redução do custo de

transporte, já relevante no valor total do produto.

O desafio da sustentabilidade imposto à sociedade exige que a indústria moveleira invista na busca de fontes renováveis e limpas, com menor agressão ao meio ambiente. Uma das estratégias do setor é a compra de materiais de fontes certificadas, com origem em áreas reflorestadas. “Não basta só investir em matérias renováveis, também é preciso trabalhar na redução do consumo, com tecnologias inovadoras

para melhorar a produtividade”, alerta.

Na indústria moveleira que produz a partir da madeira, os resíduos são 100% recicláveis, virando material de combustão para outros processos. Na produção com chapas de MDF e MDP, os índices de aproveitamento são de 98%, pois parte do resíduo envolve resinas sintéticas. “O setor busca soluções na economia circular para o descarte desta sobra”, informa.

Em relação ao mercado digital,

a indústria opera com lojas virtuais próprias ou por marketplace, onde as grandes plataformas fazem a conexão com os clientes. De acordo com Brollo, esta ferramenta de vendas tem apresentado crescimento anual de dois dígitos. Outra solução encaminhada é a abertura pelo varejo de espaço em suas lojas e depósito para que a indústria aloque material e faça faturamento pela venda instantânea. “Estamos no momento de desenvolvimento desta estratégia”, assinala.



# MUITO MAIS QUE UMA UNIVERSIDADE, A TRANSFORMAÇÃO DE IDEIAS, NEGÓCIOS E TALENTOS.

Desde suas primeiras décadas de existência, a PUCRS assumiu o compromisso de ser um vetor de progresso do nosso Estado. Ao longo de 75 anos, se configurou como um ecossistema completo de soluções que geram desenvolvimento em todos os sentidos. Aqui, conhecimento e estrutura de ponta se conectam para impactar positivamente sua vida, seus negócios e toda a sociedade.

Oportunize conexões inovadoras e conte com toda a excelência da PUCRS para impulsionar e desenvolver seu negócio.

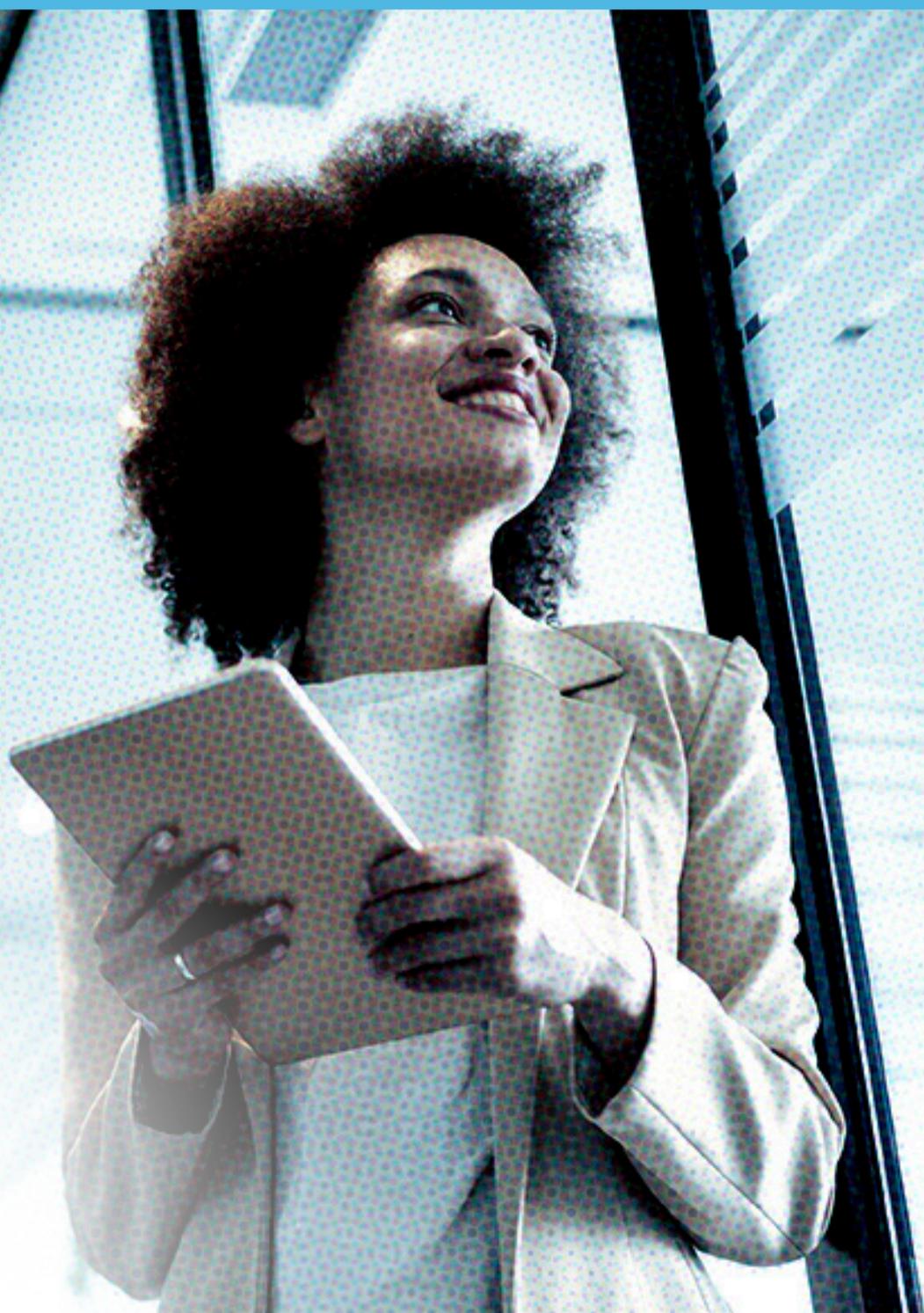
Saiba mais em:



[pucrs.br/tecnopuc](https://pucrs.br/tecnopuc)



# PUCRS





## Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

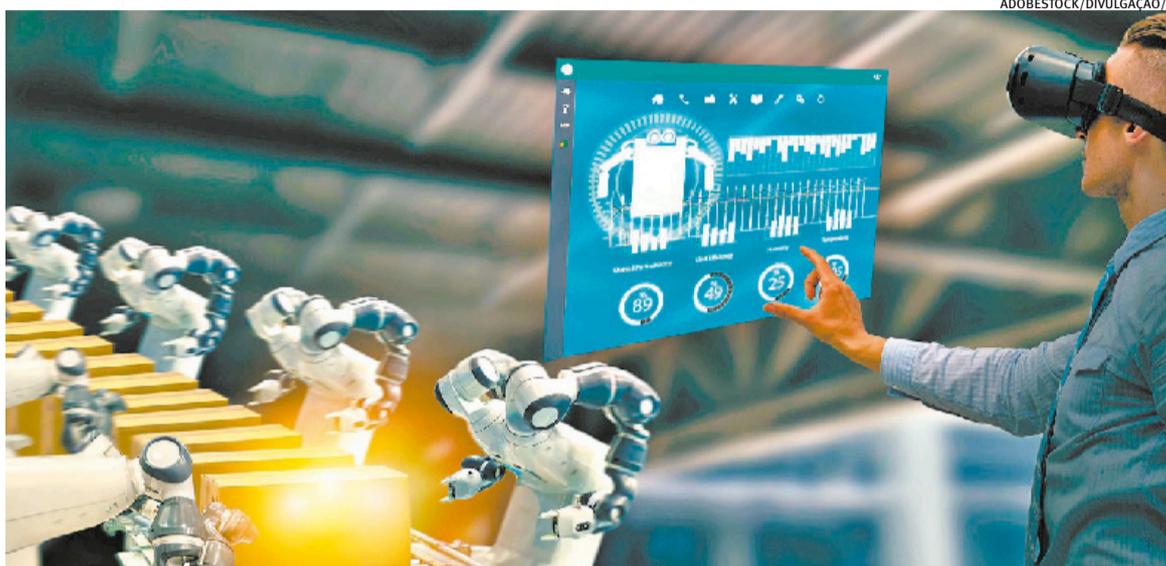
# Indústria 4.0 precisa superar 'purgatório de pilotos'

Eficiência, produtividade e competitividade no mercado. A Indústria 4.0 representa uma evolução sem igual de um dos setores mais importantes da economia global. Alavancada por tecnologias exponenciais como Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (IA), a digitalização e a automação da manufatura abre oportunidades gigantescas, mas é uma agenda que ainda avança em ritmo lento no mundo.

“Vivemos o purgatório de pilotos da Indústria 4.0”, brinca Sérgio Canova, sócio da consultoria McKinsey. “No mundo e no Brasil, claro, ainda tem muita experimentação, mas poucos casos em que as empresas têm sido capazes de escalar de fato o impacto. Fazem os testes, percebem que dá certo em ambiente controlado, mas poucos exponencializam”, complementa o executivo, que comanda a unidade de Porto Alegre da consultoria global.

A próxima fronteira é conseguir, de fato, sair da fase de experimentos e escalar essas tecnologias, capturando assim o impacto verdadeiro desse avanço. E olha que ele é representativo. Estudo da McKinsey aponta que o potencial em redução de custo e ganho de produtividade se a Indústria 4.0 conseguir escalar seria de US\$ 4 trilhões até 2025, sem falar no ganho de segurança e impacto ambiental.

“A adoção da Indústria 4.0 no Brasil está ainda em estágios iniciais. As empresas reconhecem a sua importância e estão começando a utilizar estas tecnologias



Conforme especialistas, são poucas as indústrias que contam com recursos avançados de tecnologia no Brasil

no seu processo produtivo, entretanto, essa adoção ainda não é generalizada”, reforça Tiago Barros, principal IoT Technical Manager do CESAR, centro de inovação com sede em Recife (PE).

O COO da Edge UOL, Rodrigo Lobo, concorda que a Indústria 4.0 ainda está em desenvolvimento no Brasil. “São poucas as indústrias que contam com recursos avançados de tecnologia em seus serviços”, acrescenta.

Isso não significa, porém, que estamos estagnados. E assim como aconteceu em diversos setores, a Covid-19 também acabou acelerando esse movimento. O diretor de Planejamento e Relações Institucionais da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), Fábio Stallivieri, observa que essa agenda tem evoluído de forma mais célere desde 2020. “O processo de digitalização

das empresas industriais é um caminho sem volta”, enfatiza, destacando, porém, que os desafios ainda são significativos, sobretudo no âmbito das pequenas e médias indústrias.

Para que a transformação aconteça, é necessário que as empresas estejam dispostas a quebrar seus paradigmas produtivos e implementar soluções digitais. Esse ainda é um ponto desafiador, na medida em que nove entre 10 empresas são resistentes à revolução completa de suas operações, conforme demonstra o estudo Technology Vision 2023, elaborado pela Accenture.

A pesquisa revela que 86% das organizações não tratam a questão como um processo contínuo e concentram-se em transformar apenas partes do negócio. A transformação digital, não raramente, também esbarra na cultura

organizacional e na própria visão do empresariado. “A mentalidade dos empresários desempenha um papel fundamental no avanço da Indústria 4.0. Muitas vezes, a resistência à mudança e a falta de compreensão dos benefícios das novas tecnologias podem ser obstáculos significativos”, avalia Barros, do CESAR.

Existem outros entraves que ainda comprometem o investimento em novas tecnologias, como a dificuldade de mensurar previamente os benefícios dos projetos da Indústria 4.0. Em geral, o avanço está relacionado aos ganhos de produtividade, maior eficiência, redução de custos, aumento de escala e alcance a novos mercados.

Stallivieri ressalta que a Indústria 4.0 tem como alicerce as novas tecnologias, que incluem, além da IA e da IoT, computação em nuvem,

sistemas robóticos, entre outros recursos. “Essas tecnologias são as fronteiras da transformação digital que a indústria vem enfrentando, desde a década passada”, afirma. “Não haverá produção em massa competitiva internacional, no curto e médio prazo, sem que a indústria encare essas fronteiras e consiga ter aumentos de escala, redução de custos e produtos mais sustentáveis”, comenta o diretor da Embrapii.

O desafio mais imediato para a Indústria 4.0 acelerar, avalia Canova, é o de negócios, ou seja, de as companhias entenderem como conectar essas tecnologias para gerar valor de negócios mais direto. Em seguida aparecem os obstáculos organizacionais, como a necessidade de mais talentos para atuar nessa área, o suporte das lideranças mais seniores (a maioria se formou em outras épocas, e ainda resiste) e de adoção.

Neste último caso, é quando um novo modelo de tomada de decisão baseado em Inteligência Artificial (IA) é criado por exemplo, mas isso precisa ser adotado na ponta. E, por fim, o desafio tecnológico, que é a capacidade de investir nas novas tecnologias e integrar isso com o que já existe.

“No Brasil, a parte de investimento acaba pesando mais para as empresas do que em outros mercados que conseguem ter mais escala, como a China. Mas, a verdade é que hoje não vejo uma liderança tão clara de nenhum outro país em relação à Indústria 4.0”, avalia o sócio da McKinsey.

## Principais tecnologias habilitadoras da transformação na manufatura

A transformação digital que está impulsionando a nova revolução industrial é viabilizada por tecnologias que são decisivas para a eficiência, a produtividade e a competitividade das empresas, como Realidade Virtual e Aumentada, Digital Twin, Inteligência Artificial e nuvem. Confira algumas delas:

### ▶▶ Automação e sistemas robóticos

A automação e os sistemas robóticos possibilitam a substituição de tarefas manuais por processos automatizados e a integração de máquinas inteligentes na produção. Essas tecnologias executam tarefas com agilidade, precisão e eficiência.

### ▶▶ Internet das Coisas (IoT)

A IoT é uma das tecnologias fundamentais para a Indústria 4.0. Sensores, dispositivos e máquinas conectados à internet permitem a coleta de dados em tempo real e a comunicação entre diferentes partes do processo produtivo.

### ▶▶ Big Data e Analytics

Com maior obtenção de informações, é necessário processar, analisar e extrair insights dos dados. A aplicação de técnicas de análise de big data e data science permite identificar padrões, tendências e oportunidades de melhoria nos processos de produção.

### ▶▶ Inteligência Artificial (IA) e Aprendizado de Máquina

Recursos de IA e machine learning permitem que as máquinas aprendam e executem ações de forma autônoma, explorando ainda mais o potencial dos dados. A IA pode ser aplicada em áreas como manufatura automatizada, manutenção preditiva, análise de dados e robôs colaborativos.

### ▶▶ Computação em Nuvem

A nuvem permite o armazenamento e processamento escaláveis de grandes volumes de dados, facilitando a colaboração, o compartilhamento de informações e o acesso remoto a recursos e ferramentas. Com isso, é possível ganhar agilidade e dimensionar recursos de acordo com as necessidades da empresa.

Jornal do  
Comércio.  
**Há 90 anos  
sendo fonte de  
informação e  
credibilidade.**

PARABÉNS, JORNAL  
DO COMÉRCIO.

UMA HOMENAGEM DO

**Grupo Zaffari**

# Mercado Digital

Patricia Knebel

patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

## Custos e mão de obra dificultam a transformação digital

Uma pesquisa recente da Gi Group Holding, multinacional italiana em recrutamento e seleção, indica que o Brasil é um dos países mais propensos a implementar novas tecnologias da Indústria 4.0 nos próximos cinco anos.

No entanto, também é uma das nações que mais carece de profissionais especializados nessa área. Segundo dados do estudo, 88% das organizações brasileiras têm dificuldade para encontrar trabalhadores qualificados. Na média global, esse percentual é de 66%.

De acordo com o estudo, a falta de pessoal

especializado é o segundo principal motivo para implementação de tecnologias da Indústria 4.0, superando apenas os desafios relacionados aos custos do investimento em equipamentos. “A implantação de soluções de Indústria 4.0 também causa impacto nos processos industriais, que precisam ser remodelados. Essa mudança nos processos pode ter um custo significativo, principalmente em capacitação do pessoal especializado”, sublinha Barros.

Para as pequenas e médias indústrias, o investimento é relativamente alto, concorda

Stallvieri. “A Embrapii atua nesse gargalo ao dividir os riscos de investir em inovação, com recursos financeiros não-reembolsáveis, conectando empresas e centros de pesquisa de excelência”, conta. Em parceria com o BNDES, a instituição dispõe de R\$ 100 milhões não reembolsáveis para projetos de Technology Readiness Level (TRLs) voltados à transformação digital, Indústria 4.0, conectividade, inteligência artificial e desenvolvimento de hardware.



**Diretor de Planejamento e Relações Institucionais da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), Fábio Stallvieri**

## Fortalezas, tendências e desafios do Brasil na visão das big techs



**Fernando Capovilla, gerente de Automação Inteligente de IBM Consulting**

O Brasil apresenta um setor industrial diversificado, rico em recursos e oportunidades, e está observando uma crescente adoção da transformação digital - criando novas soluções e impulsionando negócios. A jornada do País em direção à Indústria 4.0 representa uma notável oportunidade de crescimento econômico. Ao aproveitar a diversidade industrial, a mão de obra qualificada e os recursos abundantes, o Brasil tem o potencial de se posicionar como protagonista na paisagem global deste contexto industrial.

A verdadeira tendência não está apenas no surgimento de novas tecnologias, mas na combinação delas. Um exemplo notável é a combinação da Inteligência Artificial (IA) com a Internet das Coisas (IoT), o que traz oportunidades inovadoras para a indústria. Uma das implicações mais significativas dessa combinação é a capacidade de coletar e analisar grandes volumes de dados gerados pelos dispositivos IoT. A IA pode extrair insights valiosos desses dados, identificando padrões, prevendo tendências e tomando decisões inteligentes em tempo real.

A tendência, portanto, converge para três pontos principais: a geração de dados, a interpretação desses dados e a tomada de decisões rápidas.

A Indústria 4.0 está ganhando cada vez mais espaço no País, mas é importante reconhecer que ainda está predominantemente voltada para grandes empresas que possuem os recursos necessários.



**Daniel Hoe, vice-presidente de marketing da Salesforce para América Latina**

Na Salesforce, entendemos a indústria 4.0 dentro do escopo da 4ª Revolução Industrial. Existem diversas tecnologias direcionando esta revolução, como Inteligência Artificial, Internet das Coisas (IoT), cloud, blockchain, robótica, entre outras. Apesar dos grandes desafios, o Brasil tem uma boa penetração de serviços de telefonia celular, que servirão de base para o 5G. Além disso, setores industriais como o agronegócio, farmacêutico, automobilístico e de alimentos e bebidas já contam com um bom nível de digitalização e automação no País.

A Inteligência Artificial generativa, que começa a ser popularizada com o ChatGPT e outras soluções, pode impulsionar diversos processos industriais, como projetos de edificações e plantas industriais, design de produtos, suprimentos e configuração de microchips. As soluções que integram a tecnologia generativa podem utilizar os dados gerados para identificar padrões e tendências, facilitando a geração de insights para os executivos da indústria e, no fim do dia, reduzindo gastos e tornando processos eficientes.

Ainda há um gap de habilidades digitais na população brasileira. É preciso que, conforme as novas tecnologias vão se popularizando, também haja um esforço por parte das empresas - e até do sistema educacional, seja ele público ou privado - para que as pessoas sejam capacitadas nessas novas habilidades e estejam preparadas.



**Cleber Morais, diretor para o Setor Corporativo da AWS no Brasil**

O Brasil tem uma longa história de inovação tecnológica, que mais recentemente vem se traduzindo no surgimento de startups que têm transformado mercados inteiros. Somos o 10º País com mais unicórnios no mundo, por exemplo. Com o avanço de tecnologias como computação de borda (edge computing), 5G, Internet das Coisas (IoT) e machine learning, abre-se um novo momento para que os empreendedores do País se dediquem a pensar em possibilidades que impactem diretamente o setor de manufatura e tornem a Indústria 4.0 uma realidade.

Em indústrias como as de manufatura, automobilística, agricultura e energia, a IoT emerge como um fator crítico porque impulsiona tendências via convergência entre negócios, processos e padrões. Essas verticais podem usar machine learning para obter insights dos dados coletados e aprimorar a eficiência operacional, otimizar processos, desenvolver produtos e oferecer melhores experiências aos clientes. Viabilizadas pela nuvem, essas tecnologias são vitais para as empresas e por isso se tornaram uma peça fundamental de nossa estratégia de IoT.

Pesquisas apontam a cultura e o pouco conhecimento técnico sobre tecnologias digitais entre os principais desafios, e compartilho desta percepção. Vemos no nosso dia a dia que a adoção da nuvem requer uma transformação cultural grande nas empresas tradicionais e profissionais qualificados.



**Marco Righetti, diretor sênior de Engenharia para Oracle América Latina**

O Brasil sempre oferece desafios para os gestores de indústria, que performam com cenários de mudanças constantes. Atualmente, as cadeias são interligadas e demandam uma alta capacidade de planejamento de produção. Neste contexto, estes tomadores precisam de soluções tecnológicas que ajudam a tomar decisões baseadas em inteligência de dados dos processos produtivos, incluindo os participantes externos de sua cadeia, para melhor adaptação e busca de eficiência operacional. É essa fortaleza que favorece a adoção de tecnologias para o melhor apoio nas tomadas dessas decisões em médio e longo prazos.

Apesar do desafio da conectividade em um território tão extenso como o Brasil, o avanço do 5G e de redes especializadas em indústria (Lora, industrial 5G) são as grandes tendências do setor, que tem oferecido oportunidades de levar alguns sistemas supervisórios que residem no chão de fábrica para ambientes em cloud, com processamento mais otimizado, manutenção e atualizações mais eficientes e acesso a tecnologias de ponta como HPC (Computação de Alto Desempenho).

A indústria no Brasil ainda tem um ambiente heterogêneo de automação e ainda não está preparada para lidar com soluções prontas, que já estão disponíveis em outros países. A agroindústria ou outros segmentos, por exemplo, ainda são sustentados por muitas atividades manuais.

# Jornal do Comércio

O jornal de economia e negócios do RS

90  
ANOS

## LINHA DO TEMPO

# Os avanços graduais do JC



ARQUIVO/JC

**O início do Consultor do Comércio**

Em 1933, Jenor Cardoso Jarros e Zaida Jarros fundam em Porto Alegre um novo veículo de comunicação focado em economia. Era um informativo chamado Consultor do Comércio, criado para detalhar aos comerciantes de Porto Alegre a chegada de mercadorias ao porto da Capital.

**1933****De consultor a Jornal do Comércio**

Consolidado com uma cobertura mais ampla, o veículo passa a se chamar Jornal do Comércio. O JC evoluiu para a cobertura de uma variedade de setores para além do ambiente de negócios. Amplia o número de anunciantes no impresso e passa a publicar o Segundo Caderno, hoje voltado à publicidade legal.



ARQUIVO/JC

**1956**

ARQUIVO/JC

**Nova sede na João Pessoa**

Depois de três sedes no Centro de Porto Alegre ao longo de três décadas, em 1968 o JC adquire o imóvel da avenida João Pessoa, nº 1.282, endereço em que segue até hoje. Em 1969, Jenor Jarros adquire uma máquina ainda mais moderna, modelo Goss Community, um marco para o jornalismo impresso gaúcho da época.

**1968****1953**

ARQUIVO/JC

**O jornal evolui e amplia noticiário**

Gradativamente o informativo foi ampliando seu noticiário econômico e também a sua periodicidade. Após duas décadas, a publicação aumentou sua capacidade de impressão com uma máquina nova Mercedes meia folha. O boletim econômico ganha corpo e planeja nova expansão.

**Um novo jornal diário no RS**

Depois de 27 anos de circulação, o Jornal do Comércio passa a ser uma publicação diária em 1960. Pelo seu caráter segmentado, voltado ao ambiente de negócios, passa a ser impresso em todos os dias úteis, com noticiário de economia, política, cidades e cultura.

**1960**

ARQUIVO/JC

# ao longo de nove décadas

## O Futuro da Terra

Mantendo sua tradição de ampla cobertura da Expointer e do agrogócio gaúcho, em 1997 o JC cria o prêmio O Futuro da Terra, que destaca cientistas, pesquisadores, produtores rurais e entidades que buscam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia aplicadas à preservação do meio ambiente e ao progresso da produção agropecuária no Estado. Também em 1997, o jornalista Fernando Albrecht assume a coluna Começo de Conversa, na página 3 do JC.



ARQUIVO/JC

## Marcas e

### novo projeto gráfico

O JC passa por diversas mudanças estruturantes e de gestão. Consolidado como o jornal de economia e negócios do Rio Grande do Sul, o jornal amplia seus conteúdos especiais. Uma das novidades foi o lançamento da pesquisa Marcas de Quem Decide, estudo inédito no Estado que aponta as marcas mais lembradas e preferidas de gestores de negócios em diversos setores da economia. O JC também passa a ser impresso a cores e moderniza o seu projeto gráfico em 1999.

## Novos conteúdos e colunistas

Além de aprimoramento do conteúdo digital, a segunda década dos anos 2000 teve o lançamento de novos produtos editoriais, como a plataforma de empreendedorismo GeraçãoE, em 2015. Três anos depois, houve a publicação da primeira edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, que mapeia aportes públicos e privados no Estado. Também em 2018 foi lançada a série Reportagem Cultural. E o time de colunistas foi renovado com conteúdos especializados em tecnologia (Patrícia Knebel), varejo (Patrícia Comunello) e urbanismo (Bruna Suptitz).

## Anuário de Investimentos do RS 2019

Porto Alegre, segunda-feira, 2 de dezembro de 2018 | Jornal do Comércio



REPRODUÇÃO/JC

Infraestrutura lidera lista de investimentos no Estado

anos  
**1990**

Segunda década  
dos anos  
**2000**

**1980**

## Diversificação de produtos

Na década de 1980, o JC ingressa em uma nova fase, com a criação de novos produtos editoriais, como o caderno cultural Panorama e o suplemento Automotor, dedicado ao noticiário sobre carros. O jornal também institui o prêmio Destaques do Ano, celebrado no dia 25 de maio, aniversário do jornal.



MARCO QUINTANA/ARQUIVO/JC

início dos anos  
**2000**

## Noticiário em meio digital

Em 2001, o Jornal do Comércio lança o caderno semanal Empresas & Negócios, com reportagens sobre a economia do Rio Grande do Sul. Também começou a publicar informações no meio digital. O ano de 2009 marca o lançamento do novo site do JC, portal mais moderno que deu início a uma série de investimentos em plataformas digitais. Além da edição impressa, o jornal passou a publicar matérias em tempo real, ampliando o relacionamento com os seus leitores pelas redes sociais.

**2023**

## 90 Anos de Jornal do Comércio

No ano em que o Jornal do Comércio completa 90 anos de circulação ininterrupta, ocorreu a edição de 25 anos da pesquisa Marcas de Quem Decide. Também foram preparados novos produtos e eventos ao longo deste ano, como o Mapa Econômico do RS, que fará uma radiografia das cadeias produtivas que movimentam a economia nas diferentes regiões do Rio Grande do Sul.



TÂNIA MEINERZ/JC

# Depoimentos sobre os 90 anos do JC

MAURÍCIO TONETTO/DIVULGAÇÃO/JC

A história do Jornal do Comércio é um orgulho para o Rio Grande do Sul. Termos um jornal que chega aos 90 anos nos tempos atuais, de tantas mudanças no mercado da comunicação, é motivo de celebração e de reconhecimento pela persistência e pela sua capacidade de se reinventar. É o primeiro jornal segmentado do Brasil que, com o tempo, cresceu e se tornou referência não apenas na área da economia, mas também em outras editorias. Como governador, saúdo essa data com muita satisfação e desejo que o JC continue sendo esse importante veículo no nosso Estado."

**Eduardo Leite,** governador do RS



PEDRO PIEGAS/DIVULGAÇÃO/JC



Conservar o frescor, a coerência e a solidez é uma arte que o Jornal do Comércio desenvolveu com maestria em nove décadas de história. Sou consumidor diário do conteúdo que conjuga análise crítica com isenção, honra colaboradores históricos do jornalismo e abre espaço para a inovação com jovens talentos do mercado."

**Sebastião Melo,** prefeito de Porto Alegre

O Jornal do Comércio é um veículo de comunicação conceituado que representa muito para a história do nosso Estado. O registro dos fatos ao longo dessas nove décadas leva informação com credibilidade. Está de parabéns toda a família JC."

**Vilmar Zanchin,**  
presidente da Assembleia Legislativa do RS



EVANDRO OLIVEIRA/JC

O periódico faz parte da história da sociedade gaúcha, sempre proporcionando aos seus leitores informações precisas em todas as áreas. Sua cobertura também incentiva o empreendedorismo, iniciativa fundamental para o crescimento do nosso Estado. Vida longa ao jornal de economia e negócios do Rio Grande do Sul."

**Iris Helena Medeiros Nogueira,**  
presidente do Tribunal de Justiça do RS



TJ/DIVULGAÇÃO/JC

O Jornal do Comércio é uma ferramenta de trabalho importantíssima com informações técnicas e financeiras do Estado, do País e globais. Emocionalmente, a gente fica vinculado ao Jornal do Comércio pelos seus 90 anos. Acho isso muito bonito. Leio no impresso de manhã cedo, durante o café, sou da velha guarda."

**Jorge Gerdau Johannpeter,**  
presidente do Conselho Superior do Movimento Brasil  
Competitivo e membro do Grupo de Controle da Gerdau



TÂNIA MEINERZ/JC

TÂNIA MEINERZ/JC



A nossa homenagem e o nosso respeito ao Jornal do Comércio, que atinge 90 anos. Estamos em momento de mídias sociais, onde as fake news fazem parte, explorando o medo e o ódio. Aí está o papel extremamente importante de um jornal sério como o Jornal do Comércio, que avalia e analisa os fatos e publica a verdade. Que continue com esse papel tão importante, que é fazer com que nós conheçamos a verdade."

**José Galló,**  
presidente do Conselho de Administração da Renner

O Jornal do Comércio e a CMPC têm um propósito em comum, que é atuar de maneira comprometida com o mercado e a sociedade gaúcha. Durante esses 90 anos de trajetória, tem sido um parceiro para o crescimento dos negócios sempre com muita seriedade e credibilidade."

**Mauricio Harger,**  
diretor-geral da CMPC



TÂNIA MEINERZ/JC

TRAMONTINA/DIVULGAÇÃO/JC

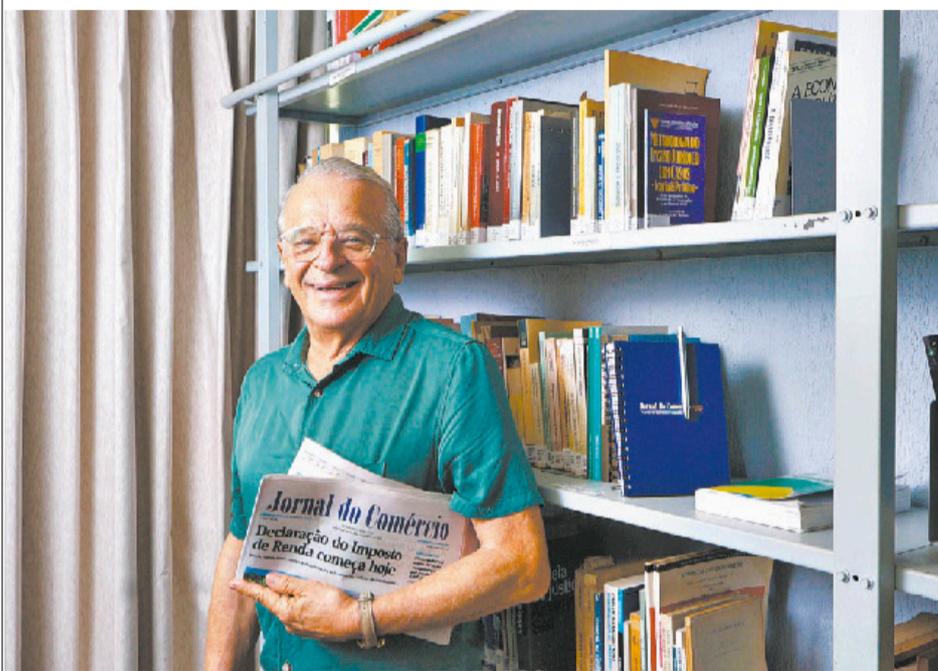


O Jornal do Comércio é minha fonte de informação diária há muito tempo, uma referência na cobertura dos avanços e desafios de todas as atividades econômicas. O JC é essencial para nosso ambiente de negócios e é com orgulho que parabenizamos pelos 90 anos deste veículo respeitado em nosso Estado."

**Eduardo Scomazzon,**  
presidente do Conselho de Administração da Tramontina

Eu só tenho coisas boas para dizer sobre o Jornal do Comércio, um veículo muito oxigenado democraticamente, que tem um diálogo social ampliado e respeitoso. Um jornal que tem sua memória social encaixada no coração do Rio Grande."

**Tarso Genro,**  
ex-governador do RS (2011 - 2014)



TÂNIA MEINERZ/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

É uma história diferente de todos os outros jornais. Um jornal dedicado ao empreendedorismo e que tem sua origem na área do comércio. Passou por diversas fases, mas se mantém na cultura do povo rio-grandense."

**José Ivo Sartori,**  
ex-governador do RS (2015 - 2018)



LUIZA PRADO/JC

O JC sempre foi uma casa aberta para a economista falar de coisas de economia, enquanto eu era professora, e para a política falar de política ao longo do meu caminho de 30 anos na área."

**Yeda Crusius,**  
ex-governadora do RS (2007-2010)

Ao longo de sua história, o JC consolidou-se como uma das mais importantes referências do jornalismo gaúcho, destacando-se pela qualidade e credibilidade. É admirável a capacidade do jornal em se reinventar e se adaptar aos desafios impostos pelas mudanças no mercado e na sociedade, mantendo-se sempre relevante e atualizado. Que o Jornal do Comércio continue a desempenhar um papel fundamental na democratização da informação e no fortalecimento da nossa imprensa. Parabéns a todos os colaboradores pelos 90 anos de história!"

**Ranolfo Vieira Júnior,**  
ex-governador do RS (2022)



GUSTAVO MANSUR/DIVULGAÇÃO/JC

O Jornal do Comércio tem uma história muito representativa para o empresariado do Rio Grande do Sul. Dificilmente, há um empresário no Estado que não leia o JC. Ele é fonte de notícias para este público e se consolidou nesses 90 anos como um instrumento muito sério e que engrandece o jornalismo."

**Gilberto Petry**, presidente da Fiergs



FARSUL/DIVULGAÇÃO/JC



"O Jornal do Comércio acompanhou com grande intimidade o desenvolvimento do agronegócio brasileiro e do Rio Grande do Sul. Nossa agricultura, que era incipiente há 30 anos, passou a ser uma das maiores do mundo neste curto espaço de tempo. O JC testemunhou com muita qualidade tudo que vem acontecendo dentro deste panorama."

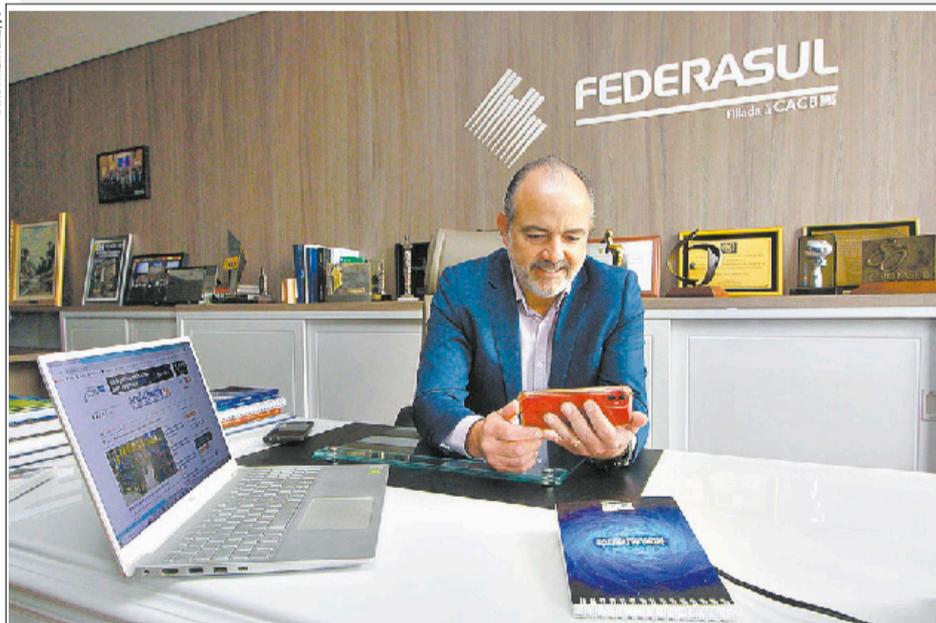
**Gedeão Silveira Pereira**, presidente da Farsul

Minha relação com o Jornal do Comércio tem mais de 50 anos. Sempre fui leitor fiel e considero este um dos principais veículos de comunicação do nosso Estado. Parabéns pelos 90 anos de um jornalismo plural, ético e centrado em pilares que fazem a diferença no desenvolvimento do Rio Grande do Sul."

**Luiz Carlos Bohn**,  
presidente do Sistema Fecomércio-RS/Sesc/Senac e  
presidente do Conselho Deliberativo Sebrae-RS



TANIA MEINERZ/JC



Cumprimentamos o Jornal do Comércio por seus 90 anos de jornalismo profissional e isento. Um veículo de comunicação que foi visionário desde sua origem, abordando o mundo dos negócios e a essencialidade da geração de riquezas para o desenvolvimento econômico e social do País. O nosso trabalho seria inócua sem meios de comunicação com a credibilidade do Jornal do Comércio."

**Rodrigo Sousa Costa**,  
presidente da Federasul

O Jornal do Comércio foi fundamental para o desenvolvimento do Estado. Acompanhei isso mesmo antes de assumir o governo, como deputado estadual e deputado federal. Sei o que representou o JC para que gerássemos emprego e renda, sendo exemplo para o Brasil."

**Germano Rigotto,**  
ex-governador do RS (2003–2006)



TÂNIA MEINERZ/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Sou um leitor antigo do Jornal do Comércio. A cobertura é independente, atualizada e nunca foi inconfiável. Guardo, inclusive, as páginas culturais. É um jornal diferente, de confiança, transparente e respeitador da pluralidade socioeconômica do nosso Rio Grande."

**Olívio Dutra,**  
ex-governador do RS (1999–2002)

Uma tradição que se moderniza. Morando há anos fora do Rio Grande do Sul, valho-me com grande frequência da internet e do Jornal do Comércio para seguir acompanhando as coisas da terra. E posso dar o testemunho de que o simpático JC é uma tradição gaúcha com grande capacidade de se modernizar para continuar sendo uma fonte confiável de informações, não importa a plataforma ou a mídia de que se utilize."

**Antonio Britto,**  
ex-governador do RS (1995-1998)



ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Sempre fui um grande amigo da fundadora do Jornal do Comércio, a Zaida Jarros. O JC é indiscutível, sem dúvida, é extraordinário na vida do porto-alegrense. Ele enriquece o conhecimento dos leitores."

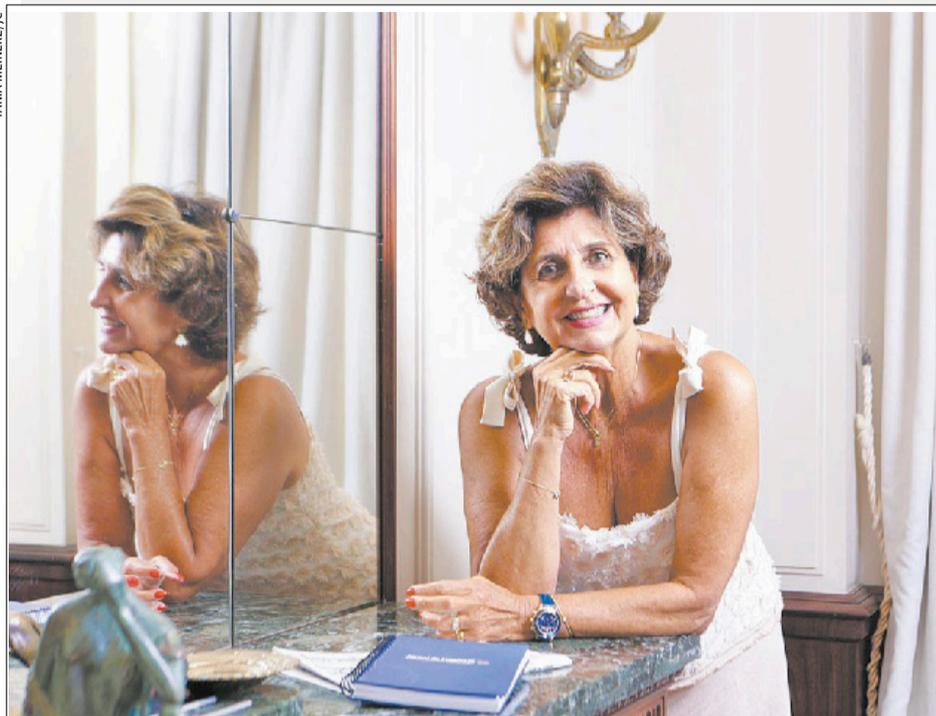
**Alceu Collares,**  
ex-governador do Rio Grande do Sul (1991-1994)

O Jornal do Comércio acompanhou os 74 anos de história das empresas Randon. Lembro de quando era pequeno e visitava meu pai em seu trabalho: muitas vezes, ele estava lendo o Jornal do Comércio, dada a importância de estar bem informado. Ficamos muito felizes em ter o JC conosco até hoje, um jornal independente e pró-mercado, que sempre ajudou a fomentar o empreendedorismo e o crescimento sustentável do Estado."

**Daniel Randon,**  
presidente da Randon S.A



TÂNIA MEINERZ/JC



Nunca foi tão importante a informação isenta. O Jornal do Comércio é minha fonte de informação exatamente por isso. Ele permite ter minha própria opinião a partir do que está escrito em suas páginas. É um veículo que está absolutamente vinculado à vida da minha família."

**Suzana Vellinho Englert,**  
presidente da Associação Comercial de Porto Alegre

Ao longo dos últimos 90 anos é através do Jornal do Comércio, nosso JC, que todos os gaúchos acompanham e são informados sobre os fatos mais relevantes da economia do nosso Rio Grande e do Brasil. O JC é um documento vivo do progresso e das transformações de nosso Estado nesses últimos 90 anos."

**Ricardo Vontobel,**  
presidente da Neugebauer



TÂNIA MEINERZ/JC



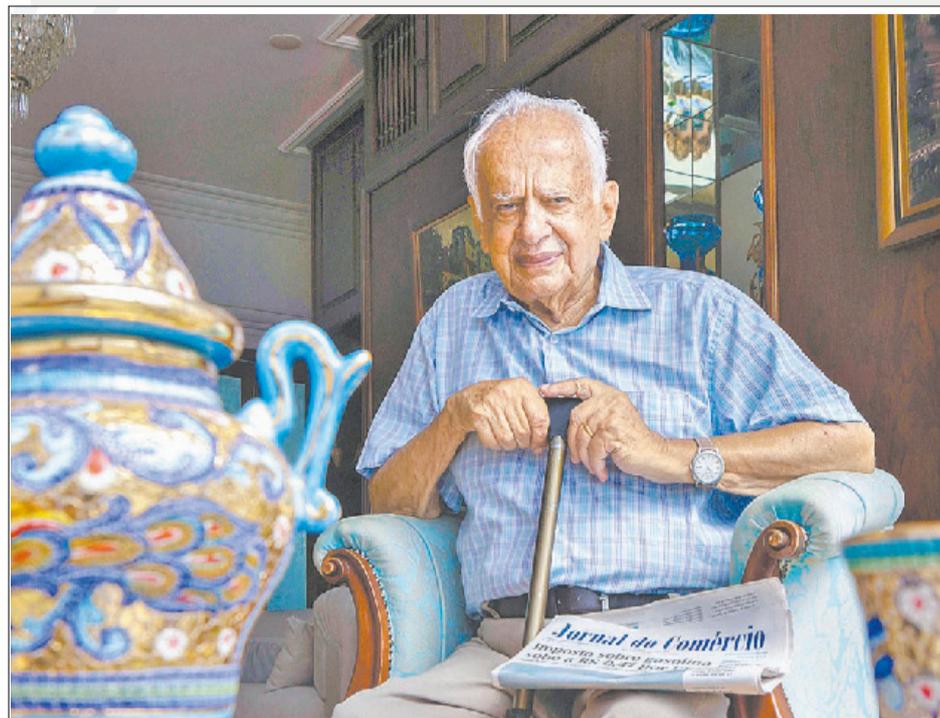
O Grupo Panvel tem a honra de participar desta homenagem ao jornal que sempre foi uma grande fonte de informação para todos os empresários do Rio Grande do Sul. O JC tem uma linha editorial magnífica, na qual sempre foi muito fácil achar as informações. Parabéns ao Jornal do Comércio e a sua equipe. Que venham mais 90 anos!"

**Julio Mottin Neto,**  
CEO do Grupo Panvel

"O Jornal do Comércio e eu estamos fazendo 90 anos. Essa identidade me ligou muito ao JC desde a fundação até a administração vibrante atual."

**Jair Soares,**  
ex-governador do RS (1983-1987)

TÂNIA MEINERZ/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Sou um pouco mais velho do que o Jornal do Comércio, tenho 93 anos, então, o acompanho desde sempre. Como assinante, por ser um jornal sério, leio diariamente."

**Pedro Simon,**  
ex-governador do RS (1987-1990)

"O Jornal do Comércio honra e dignifica o Rio Grande do Sul. É o que melhor informa a vida social e econômica do Estado. Iniciou com apenas uma folha e hoje é um jornal que se destaca no Sul do Brasil."

**Zildo De Marchi,**  
presidente do Sindiatacadistas



TÂNIA MEINERZ/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

"Ninguém começou o comércio com dinheiro. Foi com trabalho e credibilidade. O Jornal do Comércio é isso: fatos e verdades. No momento de tanta fake news, nós do setor empresarial acreditamos nas palavras e textos que o JC publica."

**Antonio Cesa Longo,**  
presidente da Agas

EVANDRO OLIVEIRA/JC

# Jornal do Comércio

## O Jornal de economia e negócios do RS.

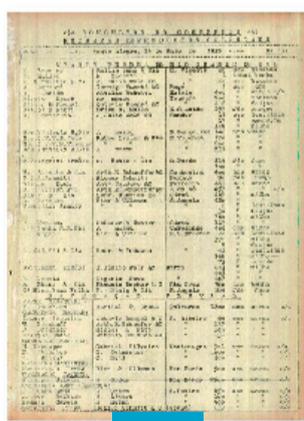
“

Honra-nos muito receber o reconhecimento por um trabalho jornalístico que prioriza a informação relevante e de qualidade. Ao mesmo tempo, isso aumenta a nossa responsabilidade e o nosso compromisso de seguir pelo caminho certo por mais muitas décadas. Estes 90 anos do Jornal do Comércio foram pontuados pelo trabalho, energia e inspiração de muitas gerações de colaboradores, sempre comprometidas com a verdade, com a notícia verificada e com a credibilidade que hoje é o nosso maior patrimônio.”

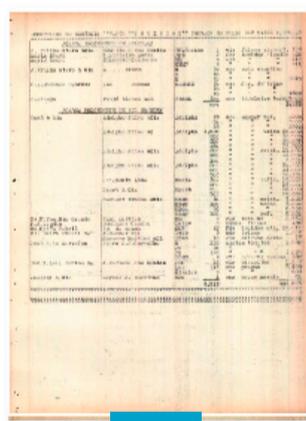


**Mércio Tumelero,**  
presidente do  
Jornal do Comércio

## 90 anos de circulação ininterrupta



1935



1943



1953



1963



1973



1983



1993



2003



2013



2023

90 ANOS DO JC

# Do sonho de Jenor Jarros nasce um novo jornal

**Ícone da imprensa gaúcha, Jenor Cardoso Jarros tomou um empréstimo e fundou o Consultor do Comércio**

A sigla JC remete ao Jornal do Comércio e às iniciais do fundador da publicação, Jenor Cardoso Jarros. Não por acaso, a empresa que publica o diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul se chama Empresa Jornalística J. C. Jarros. As histórias do jornal e do homem se confundem: o respeitável tabloide de páginas coloridas que, aos 90 anos, publica diariamente centenas de notícias nasceu de um sonho de Jenor: ter seu próprio negócio e ser editor de um jornal.

Com pouco mais de 20 anos, decidiu criar um boletim informativo do comércio em Porto Alegre, cidade que em 1933 tinha 300 mil habitantes. O País era comandado por Getúlio Vargas, e o mundo ainda sentia os efeitos da crise internacional com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929.

Mas o jovem estava decidido a levar adiante seu empreendimento. Tomou um empréstimo, comprou uma velha máquina de escrever Remington, um mimeógrafo usado e alugou uma apertada salinha na rua General Câmara, nº 28.

Nascia o Consultor do Comércio, periódico que informava aos atacadistas da época a entrada de produtos coloniais na Capital e o movimento de vapores no porto, como eram chamados os grandes navios cargueiros.

Jenor Jarros tinha força de vontade e conhecimentos adquiridos quando trabalhou para Alencastro Antunes, que também editara um boletim – os assinantes depois foram herdados pelo Consultor do Comércio.

Ele contava ainda com dois colaboradores decisivos para o sucesso da empreitada: sua noiva Zaida e o amigo Ismael Varella – ambos, aliás, seguiram no Jornal do Comércio após a morte do fundador, décadas mais tarde.

Nos anos 1930, Zaida era uma jovem professora que, à noite, depois do expediente, revisava a soma dos números colhidos ao longo do dia para que fossem datilografados corretamente ainda na manhã seguinte bem cedo, passados no mimeógrafo e distribuídos aos assinantes do boletim. Varella era o braço direito de Jenor.

Assim, o pequeno grupo fazia todas as tarefas necessárias à circulação do boletim. “Aquele homem que, ainda no verdor dos anos, percorria a cidade com um maço de jornais debaixo do braço... Poucos sabiam que aquele homem

solitário carregava muito mais do que um simples pacote de jornais: ele carregava um tesouro. Estava vivendo o sonho de um jornal, que já estava nascendo, como modesto boletim”, descreve o jurista Francisco Talaia O’Donnell, contemporâneo de Jenor Jarros e depois colaborador do jornal.

As poucas páginas impressas em formato de jornal foram crescendo e conquistando assinantes no Rio Grande do Sul. “Jenor Jarros costumava dizer que ele era tudo no jornal: editor, diretor, entregador e faxineiro. Poucos são os que poderão dar testemunho de como foi árdua e difícil a caminhada inicial que transformou em realidade o grande sonho do fundador do Jornal do Comércio. Fica aqui o testemunho de um grande admirador da obra que viu nascer e crescer. Alguns, quando viam Jenor sobraçando seu jornal, comentavam mais ou menos assim: ‘Coitado do Jarros, perdendo seu tempo numa luta inglória, com esse jornal que jamais poderá crescer, pois ele não tem capital, não tem máquinas, não tem nem sede. É mais uma iniciativa que morre na praia’. Estes não imaginavam que, além do jornal, ele carregava algo mais, um sonho, grande sonho que o conduzia”, conta O’Donnell, em artigo no livro *Jornal do Comércio 60 anos*, do jornalista Homero Guerreiro.



Jenor Cardoso Jarros esteve à frente do JC da fundação até 1969

## Segunda geração do JC teve a liderança de Delmar Jarros

Integrante da segunda geração do JC, Delmar Jayme Jarros, 87 anos, trabalhou no comando do jornal ao lado da mãe, Zaida Jarros por três décadas, atuando depois no Conselho de Administração do Jornal do Comércio.

Desde criança se interessou pelo empreendimento comandado pelo pai, Jenor Cardoso Jarros. Em 1952, aos 15 anos, começou a trabalhar na empresa. Sua primeira tarefa, como outros jovens que buscavam emprego no veículo de comunicação, foi como entregador.

Distribuiu o então Consultor do Comércio aos assinantes na avenida Farrapos. Num primeiro momento, a pé. Depois, inovou ao fazer a entrega de bicicleta. Passou por diversos setores da

empresa, auxiliou na impressão do jornal, mas se firmou no setor administrativo. Aliás, para trabalhar, Delmar passou a estudar no turno da noite - foi assim que concluiu o curso técnico de Contabilidade na ACM.

Depois de servir ao Exército, passou a se dedicar em tempo integral ao jornal. E, após 16 anos de atividade, tornou-se diretor administrativo. Foi em 1968, quando o Jornal do Comércio se instalou na nova sede da avenida João Pessoa. No ano seguinte, acompanhou a negociação do pai na compra de uma impressora offset, importada dos Estados Unidos. O prédio já havia sido reformado para abrigar o equipamento.

Mas o fundador do JC faleceu antes de a máquina encomendada

chegar ao destino. Delmar teve de retomar as negociações. “Fui ao banco e me disseram que o aval para o empréstimo era para o seu Jenor. Aí tive que pegar confiança, levar os balancetes até liberarem o dinheiro. E a impressora lá no cais, em Nova York, só esperando a autorização”, lembra.

Atuando na retaguarda, o representante da segunda geração da família Jarros no Jornal do Comércio teve o auxílio da mãe, Zaida, na linha de frente. “A vida inteira ela foi uma conselheira do pai no jornal. E depois, passou a dar expediente diário no jornal, fazia muito bem o marketing, e assim como o pai, tinha muita visão das coisas, sabia que caminho seguir. E dava muita credibilidade à empresa”, conta Delmar.

Ele seguiu a filosofia dos pais, de avançar sempre com os pés no chão. “Iamos progredindo pouco a pouco, conforme as necessidades. Não era mudar por mudar”, conta.

O modelo ajudou nos momentos difíceis, como nos anos 1980, quando Porto Alegre chegou a ter apenas dois diários. “Havia hiperinflação, que chegava a 80% ao mês, sem falar nas mudanças da moeda... Isso afetava toda a economia da empresa.”

Delmar salienta que nos 90 anos o Jornal do Comércio se manteve como uma empresa familiar, com capital próprio. A terceira geração, com seus três filhos, Cristina Ribeiro Jarros, Jenor Cardoso Jarros Neto e Valéria Jarros Tumelero, teve o reforço do genro, Mércio Tumelero (diretor-presidente do JC).

Diretor administrativo por três décadas, Delmar elogia a profissionalização da gestão. “No meu tempo, havia um certo paternalismo, no sentido de que eu era responsável pelas centenas de colaboradores. E o Mércio distribuiu mais as responsabilidades, indicou seus executivos para cada setor”, observa.



Filho dos fundadores, Delmar Jarros atuou no JC por décadas

90 ANOS DO JC

## Zaida Jarros comandou o JC por três décadas

Fundadora do Jornal do Comércio, Zaida Jayme Jarros apoiava Jenor Cardoso Jarros desde a primeira edição. Mas passou a ter dedicação exclusiva ao JC após a morte prematura do marido, em novembro de 1969.

Ainda sob o impacto da perda, ela escreveu uma carta em tom emocionado, dirigida a leitores, colaboradores e anunciantes do Jornal do Comércio. O texto foi publicado na capa do diário em 1º de dezembro daquele ano.

Dona Zaida, como era chamada pelos funcionários, havia atuado na publicação nos anos 1930, nos tempos mais difíceis do embrionário Consultor do Comércio, quando era uma jovem professora. Agora, aos 56 anos, anunciava seu retorno à empresa, em mais uma época complicada, quando o jornal perdia seu líder, e ela, o marido com quem fora casada por 34 anos. A nova dirigente compreendeu a dimensão que havia ganhado o JC, que, como ela mesma definiu, era para Jenor “seu orgulho e razão de viver”.

“Sei que hoje o Jornal do Comércio é um patrimônio do Rio Grande do Sul e quero dar a ele o melhor dos meus esforços para, com a ajuda de Deus, de meu filho Delmar, dos velhos companheiros de trabalho Ismael Varella e Walter Lockmann, e mais os jornalistas Homero Guerreiro, como diretor-secretário, e Paulo Poli, como secretário-geral, e de todos os funcionários, realizar os ideais que sempre

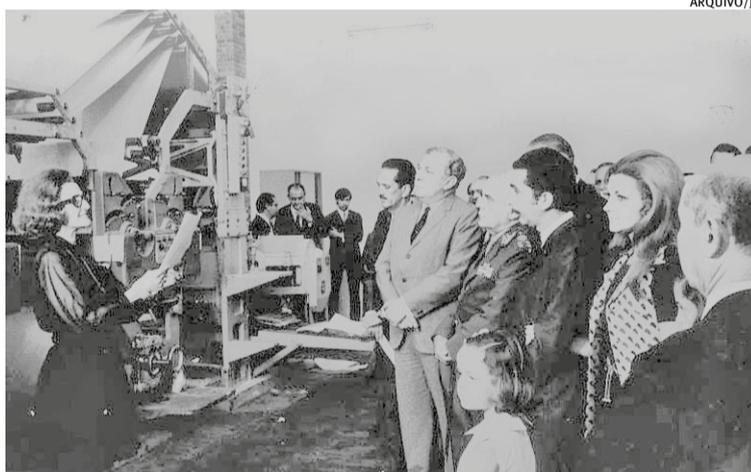
alentaram seu fundador. Aos amigos que ao longo de 36 anos confiaram no Jornal do Comércio, aos nossos anunciantes, às empresas de publicidade, aos bancos e, especialmente, aos nossos leitores, reafirmamos nosso firme propósito de continuar a veicular o PROGRESSO, realizando plenamente a obra do nosso inesquecível líder”, finalizava o editorial.

Zaida teve a sorte de contar com o filho Delmar Jarros, que já trabalhava na empresa. Os dois comandaram o jornal nas três décadas seguintes – ela como presidente e ele como diretor administrativo do JC. A primeira tarefa foi dar continuidade à reformulação que Jenor estava implementando. Além de ampliar o quadro de pessoal, havia negociado a compra da primeira impressora em offset da Capital e a segunda do Rio Grande do Sul. Em 9 de novembro de 1970, o JC circulava impresso na nova rotativa. Com a offset, o jornal se expandiu, com sucursais no Interior, no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

E a concorrência era forte nos anos 1970 – Porto Alegre ainda tinha sete diários: JC, Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Tarde, Folha da Tarde Esportiva (depois Folha da Manhã), Jornal do Dia e Zero Hora. Com Zaida e Delmar, o JC se firmou como o jornal de economia e negócios do Estado. E resistiu à crise na imprensa gaúcha: em meados dos anos 1980, apenas dois diários se mantinham na Capital, o Jornal do Comércio e ZH.



Fundadora do JC é lembrada até hoje pelo carisma e empatia



Zaida Jarros discursa na inauguração de rotativa off-set em 1970

### Professora e ativista de causas nobres

Zaida Jayme Jarros nasceu em Porto Alegre, em 15 de outubro de 1913. Iniciou os estudos no Colégio Americano, transferindo-se depois a Santa Maria, onde se formou professora no Colégio Centenário. Filha do pastor Eduardo Menna Barreto Jayme, desde cedo dedicou-se à filantropia e à assistência social, valendo-se do magistério e de sua atuação na Igreja Metodista para concretizar valioso projeto comunitário.

Quando voltou a Porto Alegre, Zaida conheceu o jovem Jenor Cardoso Jarros, que depois fundaria o Jornal do Comércio. Casaram e tiveram dois filhos, Delmar e Noemi. Desde logo, Zaida colaborou para a consolidação do então Consultor do Comércio, inclusive corrigindo textos, dados e tudo o mais que, pioneiramente, era publicado. Liderança nata, presidiu a Federação das Senhoras Metodistas, participou do Rotary Club e, após a morte de Jenor, sucedeu-o na Sociedade de Proteção e Amparo aos Necessitados (Spaan).

Além da direção firme do Jornal do Comércio, Zaida Jarros notabilizou-se por estar sempre disponível, desde as mais altas autoridades federais, estaduais e municipais que visitavam o JC até um anônimo, mas importante entregador, a quem auxiliava na solução de problemas dos mais diversos, pessoais e profissionais, incluindo familiares.

Em 1998, Zaida e Delmar Jarros iniciaram a transição para o processo de profissionalização do Jornal do Comércio. Ela faleceu aos 90 anos, em março de 2004, e deixou exemplos de amor à vida, intensa solidariedade, espírito cristão, tirocínio empresarial e um forte poder aglutinador.

## Mércio Tumelero trouxe mais avanços na gestão do JC há 25 anos

Filho de uma tradicional família de comerciantes, Mércio Cláudio Tumelero nasceu em Sananduva, interior do Rio Grande do Sul. Assim como fizeram seus antepassados de Vicenza, no Norte da Itália, aprendeu com o pai, Giovanni, o valor do trabalho. E desde menino o ajudava no comércio que mantinha na cidade. No turno inverso, ia para escola – cursou o primário e o ginásio no Colégio Santa Terezinha.

Aos 16 anos, Tumelero deixou a cidade natal para morar em Porto Alegre. E na Capital manteve a mesma disciplina que tinha no Interior – conciliava estudos e trabalho, frequentando à noite o Colégio São Judas Tadeu.

Depois foi a vez da faculdade de Administração de Empresas, no mesmo turno. Nesses anos, o período do dia era reservado aos negócios da família – trabalhava com o irmão mais velho, Melson José Tumelero (considerado por Mércio como seu grande mestre), que havia criado as Lojas Tumelero Materiais de Construção, em 1967.

Depois de concluir o curso superior, Mércio Tumelero passou a se dedicar exclusivamente à empresa da família, onde atuou em todos os departamentos até se tornar diretor. Também foi presidente da Associação dos Comerciantes de Material de Construção (Acomac), da Associação dos Dirigentes

de Marketing e Vendas do Brasil (ADV B) e da Associação Nacional dos Comerciantes de Materiais de Construção (Anamaco).

Anos depois, com uma rotina atribulada de executivo de uma grande rede varejista de materiais de construção, recebeu um convite para auxiliar na administração do Jornal do Comércio – a companhia jornalística atravessava dificuldades nos anos 1990.

A iniciativa foi da esposa, Valéria Jarros Tumelero, neta do fundador do JC, Jenor Cardoso Jarros. O ciclo das primeiras gerações que fizeram o jornal – na época sob o comando da segunda gestão, formada pela viúva de Jenor, Zaida

Jarros, e pelo filho do casal, Delmar Jarros – foi concluído. A transição para a terceira geração, já em curso, foi marcada pelo ingresso de Mércio Tumelero, em 1998.

Experiente no ramo empresarial, logo entendeu que o setor da comunicação era distinto do universo em que atuava. “São negócios totalmente diferentes. Com material de construção, se um produto está estragado, o cliente vai na loja no outro dia e troca por um novo. Agora, uma notícia equivocada pode gerar uma repercussão forte. E aí o dano é irreparável”, compara.

Tratou de focar sua ação na profissionalização da gestão do

Jornal do Comércio. E o aperfeiçoamento administrativo permitiu, gradativamente, uma modernização do JC. Quando Zaida Jarros faleceu, em março de 2004, Mércio Tumelero a sucedeu no cargo de diretor-presidente do jornal. Os demais familiares – Cristina Ribeiro Jarros, Jenor Cardoso Jarros Neto, Delmar Jarros e Valéria Jarros Tumelero – passaram a integrar o Conselho de Administração da empresa.

Com a nova gestão, o JC recebeu investimentos em todos os setores nos últimos 25 anos. O jornal passou a ser impresso a cores e o site foi implementado e modernizado, ampliando o número de leitores do JC e a circulação do jornal.

90 ANOS DO JC

## Quarta geração já exerce cargos executivos e planeja futuro do JC

Quem acompanha o Jornal do Comércio ou participa de eventos empresariais em Porto Alegre começou a ver o nome de Giovanni Jarros Tumelero com frequência nos últimos anos. Isto porque o administrador de empresas de 31 anos tem assumido cada vez mais funções dentro da empresa fundada por seus bisavôs, Jenor e Zaida Jarros.

Ser diretor de Operações do Jornal do Comércio há cinco anos é sinônimo de responsabilidade, mas com boa dose de confiança, já que ele cresceu dentro do jornal, na avenida João Pessoa, nº 1.282.

Integrante da quarta geração da família que comanda o JC, Giovanni nasceu em 17 de fevereiro de 1992, filho mais velho de Valéria Jarros e Mércio Tumelero. A relação com o jornal é natural desde a infância e adolescência – costumava fazer os temas de casa do Colégio Farroupilha em meio à produção do noticiário por jornalistas do JC. “Via minha mãe e meu pai trabalhando e, naturalmente, percebia a forma como as coisas funcionavam. Sem saber, fui absorvendo”, avalia.

Jornalistas e outros colaboradores do JC foram os primeiros “clientes” do empreendedor Giovanni.

Ainda criança, se encantou com velas trazidas por seu pai da Itália e se aventurou em produzir os itens em casa. “Vendia dentro de uma caixa de sapatos”, lembra.

Quando chegou a hora de escolher uma área para cursar na faculdade, optou por Administração de Empresas com Ênfase em Empreendedorismo na Pucrs. A escolha refletia o dia a dia no mundo empresarial da família.

Desde os 16 anos, Giovanni dá expediente no JC. Começou a trabalhar em diferentes áreas e acompanhou a rotina do industrial, suprimentos, RH, telemarketing, comercial e redação. Com o conhecimento de todos os setores da empresa, assumiu, em 2018, a função de diretor de Operações.

O executivo comenta ter aprendido muitas lições valiosas com profissionais que trabalharam por mais de 50 anos no JC e que recentemente se aposentaram, caso do jornalista Roberto Brenol Andrade e da secretária Berta Stumpf. A convivência com eles também foi importante por transmitirem a cultura da empresa implementada pelos fundadores.

Também destaca os ensinamentos de seu pai, Mércio. “Aprendi

a valorizar as pessoas que estão junto conosco, acreditando no jornal. Além disso, levo como legado a responsabilidade e ética dele.”

Giovanni ainda atua em diversas entidades empresariais do Estado, acumulando funções que lhe ocupam boa parte do dia. A agenda lotada o obriga a acordar cedo para praticar atividades físicas, como corrida, natação e ciclismo, momento do dia que não abre mão.

Além disso, gosta de ficar perto da natureza, por isso, nos fins de semana é visto acampando, fazendo kite surf ou pescando em locais pitorescos. Em dezembro, por exemplo, estará na Patagônia para uma corrida de 100 quilômetros. Antes, em 3 de junho, participará da Maratona Internacional de Porto Alegre.

“Quando estou vivendo essas experiências, me desligo do lado profissional. Algumas pessoas sequer sabem que sou do Jornal do Comércio. É o meu momento de arejar, e isso me gera insights para a empresa”, afirma. Assim como nos esportes, Giovanni coloca energia para entregar o melhor ao veículo de comunicação que tem relação histórica com sua família e com o Rio Grande do Sul.



Giovanni Jarros Tumelero é diretor de Operações do Jornal do Comércio



Stefania Jarros Tumelero assumiu função de diretora de Projetos do JC

TÂNIA MEINERZ/JC

### Objetivo é aliar inovação mantendo valores que consolidaram o jornal

Foco na renovação e no compromisso em manter o Jornal do Comércio alinhado às novas tendências. Esse é o trabalho de Stefania Jarros Tumelero, 29 anos, diretora de Projetos do JC. Integrante da quarta geração à frente do jornal, ela vive a rotina do diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul. E ter o JC no dia a dia não é novidade. Assim como o irmão Giovanni, desde a infância percorria os corredores do jornal. “Tenho lembranças marcantes com a Dona Berta, secretária da diretoria. Passei minha infância perambulando com ela pelo jornal.”

A trajetória profissional no Jornal do Comércio começou em 2016. Formada em Administração, com ênfase em empreendedorismo e sucessão, Stefania começou seu percurso à frente do Marketing. “Tinha acabado de voltar de um estágio na Itália e estava pensando em trabalhar em outro lugar, mas, nesse meio tempo, comecei a vir e ficar um pouco no Marketing, só que, desse pouco, nunca mais saí”, diverte-se.

Stefania observa que foi esse caminho que a levou à diretoria dos projetos do JC, ressaltando que a experiência permitiu que se aproximasse de diversos setores. “O Marketing é estratégico em qualquer

empresa. Aqui, temos contato desde a impressão à redação, passando pelo telemarketing e pelo comercial. Temos que ter contato e entender um pouco de tudo. Aprendi muito na prática. Toda essa minha experiência me levou à parte de projetos, porque víamos o potencial do Jornal do Comércio de criar novas iniciativas”, contextualiza.

Em 2023, o principal projeto coordenado por Stefania é o Mapa Econômico do Rio Grande do Sul que, a partir de junho, percorrerá o Estado com o objetivo de fazer um raio-x da economia gaúcha em diferentes regiões. “Teremos um olhar voltado para impulsionar a economia e propor melhorias, bem como é o olhar do Jornal do Comércio.”

Para ela, manter a essência do Jornal do Comércio é o que motiva a quarta geração à frente do negócio. “O legado da família é o que nos faz manter o jornal. Aprendi muito com o Giovanni, ele tem muito esse foco de dar continuidade ao legado. Mas o principal, que é o que nos fez chegar à quarta geração, são os valores que vêm da família, da minha mãe, do meu pai, e que estão muito enraizados em mim e no Giovanni. Mesmo

que tenhamos muitos desafios, passamos por eles por termos os mesmos princípios e entendermos onde queremos chegar seguindo esses valores”, acredita Stefania.

Com foco na renovação e constante atualização, Stefania destaca o novo projeto de capa do site do JC que, em breve, estará disponível em [jornaldocomercio.com](http://jornaldocomercio.com). “O objetivo é trazer mais leveza, mais interação e também mostrar melhor para o nosso leitor tudo o que produzimos, pois temos muitos conteúdos diferenciados e especializados, e a nova capa vem para trazer tudo isso”, garante. Ainda na esteira do online, capitaneado por Stefania, o Jornal do Comércio participa de programas de desenvolvimento para veículos promovidos por big techs, como Google e Meta.

Para o futuro, a diretora de Projetos do Jornal do Comércio vê um horizonte de inovação, com os pés firmes nos valores da empresa. “O que não falta são ideias. Imagino que, no futuro, estejamos em muitas outras plataformas, levando informação séria e de credibilidade. Vamos manter todos esses ideais que foram construídos e vamos sempre manter o nosso verdadeiro propósito”, afirma.

## 90 ANOS DO JC

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Atual equipe do Jornal do Comércio posa para foto em frente à sede do diário, que está completando 90 anos de circulação ininterrupta

# CONTEÚDO APROFUNDADO em economia e negócios é a aposta

Uma foto na tarde segunda-feira, 22 de maio, registrou a equipe que trabalha no Jornal do Comércio no momento em que a publicação celebra 90 anos de circulação ininterrupta. A data é celebrada hoje, 25 de maio.

Publicar um jornal diário é um desafio constante, que passa pela apuração de informações e sua posterior edição, seleção e checagem, até a sua publicação.

As notícias são publicadas em tempo real no site do Jornal do Comércio, o que exige, além do trabalho jornalístico, todo um suporte da área de tecnologia.

Quando um veículo mantém uma edição impressa, como é o caso do JC, essa tarefa ganha uma dimensão industrial, com horários restritos para o fechamento do material jornalístico, a preparação das páginas na área da pré-impressão, até a rodagem do jornal e sua posterior distribuição.

Uma grande equipe é envolvida nessa tarefa, o que inclui a operação de equipamentos, transporte de papel, conhecimentos sobre impressão, bem como o posterior encarte e distribuição do jornal.

Departamento comercial e de marketing, atendimento aos leitores, suprimentos, além de diversas áreas administrativas – financeiro, RH – e de apoio garantem que o jornal circule todos os dias, semana após semana, mês após mês, ano após ano.

Antes da atual equipe que atua hoje no jornal, outras gerações fizeram com que a publicação chegasse aos leitores e, com certeza, novos colaboradores virão para dar continuidade ao trabalho no Jornal do Comércio.

O reconhecimento a um trabalho jornalístico que prioriza a informação de qualidade não chega de uma hora para outra. Não basta obter as informações corretas em

um dia. É preciso repetir essa tarefa continuamente, a fim de conquistar credibilidade e a confiança do leitor.

A trajetória de nove décadas aumenta a responsabilidade, mas dá a confiança de que o JC está no caminho certo, sempre buscando informações estratégicas e exclusivas para o mundo dos negócios.

A linha editorial adotada pelos fundadores do jornal, Jenor e Zaida Jarros, em 1933, se mostrou acertada, tanto que resistiu ao longo de todos esses anos, ultrapassando os bons e os maus momentos do desenvolvimento do País.

Nas épocas mais difíceis, retratou sempre a realidade sem perder a perspectiva das imensas potencialidades da economia nacional e do Rio Grande do Sul.

Ao longo de sua trajetória, o JC não poupou esforços em modernizar-se, acompanhando os últimos avanços tecnológicos, atualizando

as formas de produção de conteúdo, e proporcionando qualificação a seu corpo funcional.

Sempre atento ao comprometimento com a informação correta e com credibilidade, maior patrimônio do Jornal do Comércio.

A relação de confiança com a comunidade empresarial e de profissionais liberais dos mais diversos segmentos do Rio Grande do Sul está vinculada à independência e isenção com as quais as notícias são tratadas.

Ao longo dos anos, o JC sempre seguiu uma linha editorial com jornalismo independente e sintonizado com os leitores, tratando a notícia com isenção e profundidade.

Nesse aspecto, cabe observar o papel do jornal de economia e negócios do Rio Grande do Sul. O JC traz em suas páginas uma radiografia diária da economia gaúcha, revelando novos investimentos e

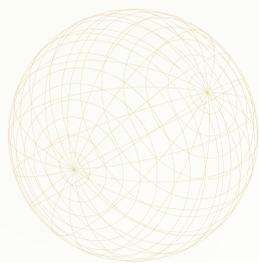
iniciativas bem-sucedidas de gestão empresarial.

Esse mapeamento da economia do Rio Grande do Sul ocorre tanto de forma imediata, nas edições diárias do impresso e do digital, como também de uma maneira mais aprofundada em projetos especiais, em que o jornal consolida informações estratégicas.

É o caso, por exemplo, da pesquisa Marcas de Quem Decide, que traz um panorama das marcas mais lembradas e preferidas em 75 setores da economia gaúcha. Ou do especial Dia Indústria, publicado hoje no Jornal do Comércio.

Outro exemplo é o Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, que mapeia aportes no Estado e é fonte de consulta para gestores públicos e privados.

E vem aí o Mapa Econômico do RS, novo projeto do JC, que estreia em junho.



# Jornal do Comércio

O jornal de economia e negócios do RS

90  
ANOS

## HÁ 90 ANOS O NOSSO COMPROMISSO É COM O LEITOR

NO IMPRESSO, NO DIGITAL E ONDE MAIS O FUTURO NOS LEVAR.

Em 1933, um boletim informava aos comerciantes da época a chegada de mercadorias ao porto da capital gaúcha.

Em 2023, o Jornal do Comércio mapeia investimentos e as principais iniciativas no mundo dos negócios no Rio Grande do Sul.

Ao longo dessas nove décadas, muita coisa mudou e o JC acompanhou todas as transformações.

O que não muda entre 1933 e 2023 é a entrega de informações estratégicas para o mundo dos negócios, com muita apuração e responsabilidade.



INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

# General Motors espera retomada para ampliar produção no RS

**Governo federal deve anunciar incentivos para indústria automobilística**

Pedro Carrizo, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

A indústria automotiva segue em busca de retomar o patamar pré-pandemia na produção e venda de veículos zero no Brasil, mas o alto custo de crédito – que encarece as compras à prazo – e a supervalorização dos veículos freiam a retomada. Em Gravataí, o parque fabril da GM, o maior da América do Sul e um dos mais produtivos da montadora no continente, enfrenta as mesmas dificuldades.

Segundo Marcel Querotti, diretor-executivo de Manufatura da GM Gravataí, além da paralisação e de layoffs que precisaram ser feitos durante a pandemia, a montadora utilizou os mecanismos criados pelo governo para lidar com os momentos mais críticos. “Porém, todos os investimentos da GM na região foram mantidos”, salienta.

Até a eclosão da Covid-19, a indústria automotiva vinha crescendo. Assim como muitos setores da economia, o segmento sofreu os impactos de lockdowns. Mas diferente de outras indústrias, a automotiva ainda não conseguiu se recuperar plenamente do baque.

Este Dia da Indústria, no entanto, pode representar uma virada de chave para o setor. O governo federal deve anunciar hoje um plano de

incentivos, com intenção de reduzir os preços dos carros populares para uma faixa de R\$ 50 mil e R\$ 60 mil, por meio de descontos de impostos federais e estaduais.

Ainda não há muitos detalhes sobre como o plano vai funcionar e a expectativa é grande por novas informações, que devem ser anunciadas em breve.

“De toda forma, seguimos avaliando com atenção as condições do mercado e fazendo ajustes em nossa estratégia quando necessário. Agora, a produção obedece ao ritmo do mercado. Quando necessário, aumentamos o volume e os turnos, de forma a atender com precisão e qualidade nossos clientes”, diz Querotti.

À revelia da desvantagem dos fatores externos, a GM celebrou

um marco de sua operação no Rio Grande do Sul, iniciada em 2000. Em março deste ano, a fábrica chegou a marca de 4,5 milhões de veículos produzidos em Gravataí. A cerimônia reuniu colaboradores, associações representativas e autoridades políticas, como o governador Eduardo Leite.

O Chevrolet Onix produzido na cor vermelha simbolizou o feito histórico. Hoje, o complexo industrial produz as versões hatch e sedã do modelo, que é líder de vendas na América do Sul.

Quando iniciou as operações no Estado, o Chevrolet Celta era o carro-chefe da montadora.

A fábrica da GM em Gravataí é a maior da América do Sul, com capacidade produtiva de 330 mil unidades por ano.

Desde sua inauguração, a unidade passou por três importantes expansões, que somaram um investimento de cerca de R\$ 4,5 bilhões. Após fabricar o Celta, as reformas e ampliações viabilizaram a produção do Prisma, do Onix e,

mais recentemente, do novo Onix e novo Onix Plus.

“Para este ano, temos lançamentos importantes que têm o potencial de alavancar as vendas, como a Nova Montana, que chegou às concessionárias em fevereiro, e a Silverado chegará às concessionárias no quarto trimestre do ano”, projeta Querotti.

A produção de veículos no Brasil aumentou 8% no primeiro trimestre de 2023, enquanto a venda subiu 16,3%, ambos em comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, mostrou a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Apesar de o número representar alta em relação ao ano passado, o presidente da Anfavea, Márcio de Lima Leite, lembra que o primeiro trimestre de 2022 foi o pior resultado da indústria automobilística desde 2004.

“Nós estamos repetindo em 2023 o pior trimestre desde 2004”, disse Leite, ao comparar os dados da produção em 2022 e em 2023.

ROTA AJUSTADA PARA  
O FUTURO. **INOVAÇÃO**  
**PENSADA PARA**  
**O PRESENTE.**

A Marcopolo é referência em tecnologia na produção de ônibus para o Brasil e o mundo. Investimos continuamente para entregar cada vez mais segurança e conforto em cada viagem.



Imagem meramente ilustrativa. Consulte o representante da sua região para saber mais sobre os modelos e suas configurações.

 **Marcopolo**  
APROXIMANDO PESSOAS

marcopolo.com.br  
@onibusmarcopolo

## INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

HENRIQUE AMARAL/AERO STUDIO/DIVULGAÇÃO/JC



Após a General Motors fabricar o Celta, as reformas e ampliações da unidade gaúcha viabilizaram a produção do Prisma, do Onix e, mais recentemente, do novo Onix e novo Onix Plus

## Gravataí sedia condomínio industrial do segmento automotivo

Além de ter sido a primeira unidade da empresa no Brasil fora do Estado de São Paulo, a GM Gravataí inaugurou o conceito de condomínio industrial, reunindo ao seu redor os principais fornecedores – até então algo inédito no segmento automotivo mundial –, que ficam estrategicamente posicionados para otimizar o processo de montagem.

O modelo de condomínio industrial de Gravataí também representa redução dos custos fixos e um trabalho sinérgico entre as fornecedoras multinacionais.

Todas as empresas podem utilizar as estruturas compartilhadas do complexo, como centro de treinamento, linhas de ônibus, departamento médico, segurança e refeitório.

Do lado esquerdo, o prédio da GM ocupa quase metade dos mais de 3,5 milhões de metros quadrados do parque. Do lado direito, estão as 14 sistemistas, que produzem em tempo real para acompanhar o ritmo da montadora. Para que flua a produção das sistemistas ao galpão de montagem da GM Gravataí, sistemas apurados de

comunicação e logística são fundamentais para fazer girar a esteira. Através de um monitor instalado nas 14 fábricas, e 100% conectado com a planta da GM, fornecedoras conseguem prever demandas horárias, semanais e até mensais do complexo.

A montagem coreografada, que demanda sinergia e velocidade das empresas, pode gerar 66 carros por minuto quando a pleno. Isso é resultado de um investimento massivo da montadora para entrar com as quatro rodas na indústria 4.0.

Em sua mais recente expansão, que ocorreu entre 2017 e 2019, a fábrica recebeu investimentos de R\$ 1,4 bilhão para se preparar para receber os novos Onix e Onix Plus. Entre as melhorias realizadas está um novo prédio de injeção de polímeros, onde é realizado o processo de moldagem de pára-choques.

Além disso, muitos processos foram digitalizados, como as simulações de volume de produção da linha, que buscam os melhores meios de transporte e de movimentação das peças.

A velocidade de processamento de dados e conectividade dos robôs com os demais equipamentos foi otimizada por meio de sistemas de comunicação Ethernet IP. Os robôs ainda foram integrados com sensores a laser para a realização de verificações dimensionais online dos carros produzidos.

Gravataí também foi a primeira unidade da GM a conquistar o marco de zero aterro, ou seja, nenhum resíduo gerado é enviado para aterro sanitário, tudo é reciclado, reaproveitado ou coprocessado.

### Quem são as sistemistas e o que fazem em Gravataí

■ **ADIANT (EUA)** - Produz os assentos automotivos;

■ **ANDROID (EUA)** - Responsável pela montagem dos módulos de suspensão do carro;

■ **AUTONEUM (Suíça)** - Fabrica isoladores térmicos e sonoros da linha Onix;

■ **CEVA (Reino Unido)** - Fornecimento de soluções logísticas;

■ **FAURECIA (França)** - Fabrica os tapetes de assoalho;

■ **INYLBRA (Brasil)** - Responsável pelos carpetes da linha Onix Plus;

■ **GESTAMP (Espanha)** - Fabrica os componentes por processos de estampagem e soldagem; caixa de roda, longarinas;

■ **GOODYEAR (EUA)** - Fornece os pneus;

■ **PELZER (Brasil)** - Até 2018 era responsável pelos

para-choques, com a nova linha Onix passou a fornecer componentes internos, painel de porta, console;

■ **SAINT GOBAIN (França)** - Produz os vidros do carro;

■ **SL (Coreia do Sul)** - Responsável pelos faróis;

■ **SMRC (França)** - Responsável pela fabricação dos cockpits (painéis de controle).

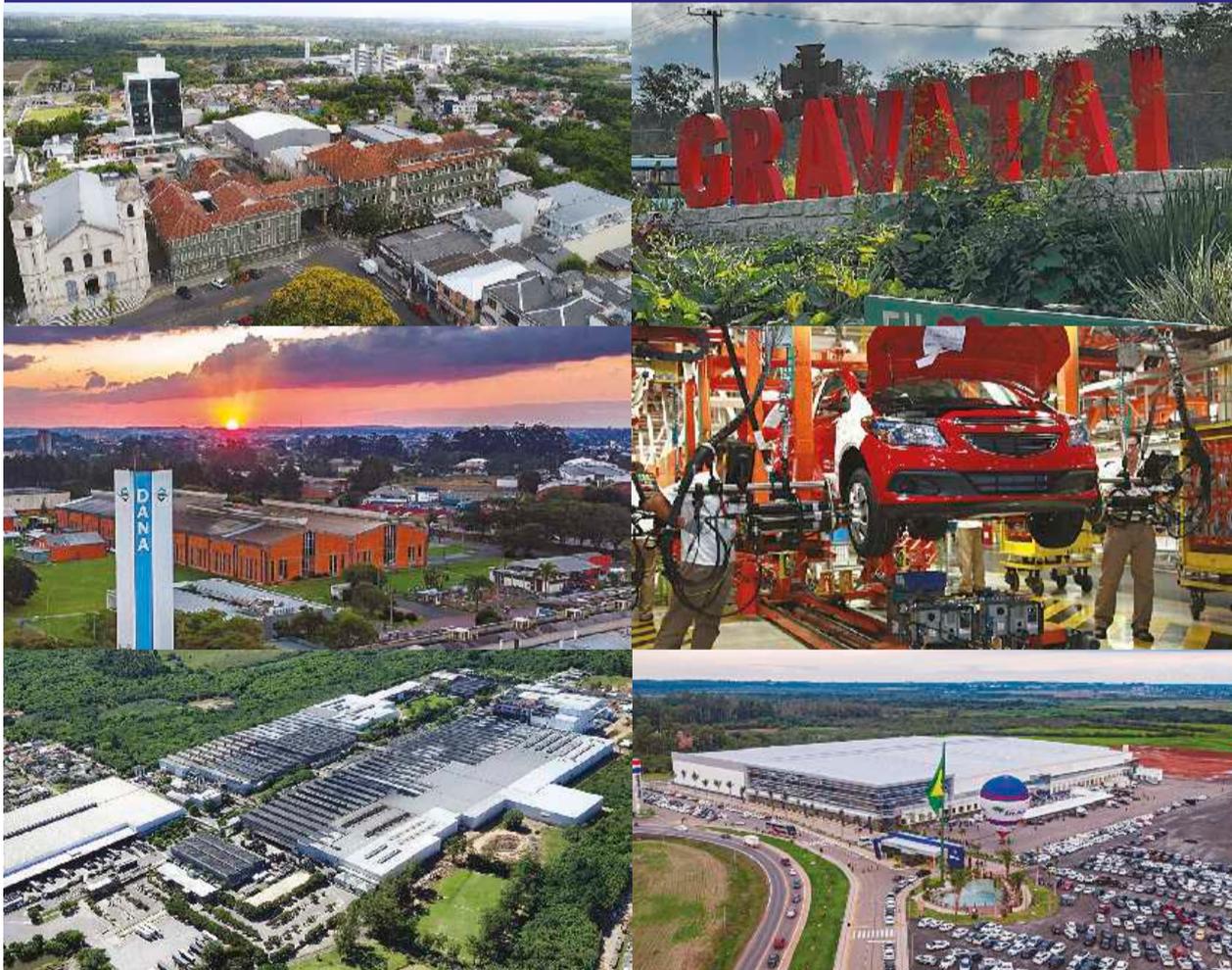
■ **TI (EUA)** - Responsável pelos sistemas de fluídos automotivos;

■ **VALEO (França)** - Responsável pela fabricação de módulo de ar, radiador.



# Em Gravataí, todo dia é Dia da Indústria.

**A melhor cidade gaúcha para  
investir no segmento industrial.**



Estudo da Urban Systems/  
Exame coloca Gravataí na  
liderança entre os melhores  
municípios gaúchos para  
investir quando se trata  
do segmento indústria.  
E mais: estamos entre as  
dez melhores cidades do  
Brasil segundo o mesmo  
critério. Além disso, o Índice  
de Cidades Empreendedoras  
2023 destaca Gravataí  
como uma das quatro  
melhores cidades gaúchas  
para investir. Tudo isso  
não é por acaso: somos  
um importante polo  
industrial, com localização  
estratégica, e contamos  
com uma gestão pública  
eficiente e responsável, que  
investe continuamente na  
melhoria da infraestrutura  
e no estímulo a novos  
empreendimentos.

Saiba mais em [gravatai.atende.net](http://gravatai.atende.net)



## INDÚSTRIA PETROQUÍMICA

Em 2021, foram cerca de R\$ 2,5 bilhões arrecadados em ICMS pelo Estado com o complexo em Triunfo, mas em 2022 a arrecadação foi de R\$ 930 milhões, queda superior a 60%

# Líder mundial em eteno renovável, Polo de Triunfo é o maior complexo petroquímico da região Sul

**O principal diferencial do complexo gaúcho é a produção em escala de resinas plásticas à base de etanol da cana-de-açúcar**

Pedro Carrizo, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Responsável por 70% da indústria petroquímica gaúcha e cerca de 3% da riqueza bruta no Estado, o Polo de Triunfo é o maior da região Sul na produção de resinas plásticas. A planta começou a funcionar em dezembro de 1982, às margens do rio Caí, e se tornou um dos principais clusters petroquímicos de 1ª e 2ª geração do País, dedicado à transformação da nafta em insumos que abastecem indústrias da ponta final — desde a de pneus até materiais hospitalares.

O principal diferencial do

complexo gaúcho, no entanto, é a produção em escala de resinas plásticas à base de etanol da cana-de-açúcar, conhecidas como eteno renovável, o que é uma grande vantagem em meio a um cenário de cobrança por práticas ESG na indústria. Produzida pela Braskem, dona de 80% do Polo de Triunfo, a transformação do etanol está prestes a aumentar.

A empresa está na reta final da ampliação da planta, prevista para ser entregue em junho. Segundo a Braskem, a obra vai ampliar em 30% a sua produção renovável, de 200 mil toneladas para 260 mil toneladas.

Ela também, recentemente, ampliou o seu Centro de Tecnologia e Inovação (CTI), onde foram investidos R\$ 108 milhões. O espaço passou a abrigar laboratórios de catálise e de caracterização avançada, de cromatografia, fracionamento de polímeros e microscopia.

Essas intervenções, tanto no CTI quanto na produção do eteno renovável, representaram o maior ciclo de paradas de manutenção desde que assumiu a liderança do Polo em 2007. Ao todo, foram 12 intervenções nas plantas operacionais. "Foi um momento de update dos ativos", afirma o diretor industrial da Braskem no RS, Nelzo Silva.

Outras indústrias petroquímicas do complexo gaúcho são a Oxiteno, Innova e Arlanxeo, que também acaba de inaugurar uma nova unidade de polibutadieno, com capacidade produtiva de 65 mil toneladas do insumo ao ano. As obras levaram três anos para serem entregues e custaram R\$ 500 milhões.

Apesar dos investimentos recentes, a indústria petroquímica tem perdido força produtiva no Brasil e o Polo da região Sul tem acompanhado o movimento de baixa.

Em 2021, foram cerca de R\$ 2,5 bilhões arrecadados em ICMS pelo

Estado com a planta em Triunfo, mas em 2022 a arrecadação foi de apenas R\$ 930 milhões, uma queda acima de 60%, segundo o Sindicato das Indústrias de Material Plástico do RS (Sinplast-RS).

Para a entidade, os motivos permanecem sendo os altos custos de produção, a falta de políticas públicas para o segmento e, principalmente, a concorrência com a Zona Franca de Manaus, região que recebe incentivos fiscais para a indústria há décadas.

"As empresas importam as resinas pela Zona Franca para ter isenção completa de IPI e PIS/Cofins, e uma dedução de ICMS e IRPJ muito inferior ao pago em outros estados. Além disso, ao vender essas resinas para outros pontos do Brasil, os produtos da Zona Franca se beneficiam do IPI integralmente, o que gera uma diferença de custo em torno de 40%. Assim, não vale a pena fazer a transformação da nafta dentro dos

polos petroquímicos", diz Gerson Haas, presidente do Sinplast RS.

Edison Terra, vice-presidente de olefinas da Braskem, acredita, porém, que os incentivos à Zona Franca não representam um risco real de parada da planta de Triunfo.

Segundo o executivo da Braskem, o paraíso fiscal de Manaus tem sim criado uma "competição artificial" com as indústrias petroquímicas e aumentado o número de transformadoras que migraram para a região Norte, mas há uma competitividade controlada em Triunfo", avalia Terra, conforme noticiado pelo Jornal do Comércio em matéria publicada no dia 9 de maio.

Mesmo assim, ele enfatiza que a cadeia deve estar atenta ao tema. "As associações e sindicatos precisam encontrar formas para melhorar a competitividade e evitar que esses benefícios prejudiquem a indústria de transformação."

## Governo do Rio Grande do Sul quer impulsionar o Polo da Química como ação prioritária

O foco do governo para retomar o processo de reindustrialização, não só em Triunfo mas de forma genérica, é fomentar intensamente a desburocratização e simplificação de processos, além da redução da carga tributária para as indústrias gaúchas. Neste cenário, o Polo da Química é

prioridade, disse em nota o secretário de Desenvolvimento Econômico do RS (Sedec-RS), Ernani Polo.

De acordo com ele, já foi criado um grupo de trabalho permanente para trabalhar as necessidades principais do setor. "Temos um grande potencial no Polo da Química, inclusive

com o Distrito Industrial que está ligado a Triunfo. Queremos intensificar e, principalmente, potencializar o que temos de matéria-prima e de consumo de produtos", frisou Polo.

O secretário também afirmou que a política do governador Eduardo Leite é manter um diálogo

frequente com empresários e entidades do setor, junto às Secretarias da Fazenda e Meio Ambiente, para pensar em soluções conjuntas que amenizem a guerra fiscal com outras Unidades Federativas.

"Sabemos que, em função da isenção tributária em outras

regiões, há perda de competitividade no RS. Estamos buscando ações que possam equilibrar e melhorar esse aspecto. Os nossos empreendedores são eficientes e competentes, mas nem sempre obtêm êxito, principalmente, pela questão fiscal e burocrática", esclareceu Polo.

O Jornal do Comércio  
já viu de tudo.  
Inclusive a nossa  
marca nascer.

A Pompéia completou 70 anos de histórias,  
e muitas delas foram contadas aqui nestas  
páginas. Por isso, os nossos parabéns são mais  
que um reconhecimento à importância deste  
jornal, são um agradecimento pela parceria.

 **pompéia**  
A MODA É TODA SUA



## Redução da ociosidade passa por adesão ao gás natural

Um problema que não se limita ao complexo petroquímico de Triunfo e atinge todo segmento nacional é a queda da capacidade produtiva na indústria. O mês de abril, por exemplo, marcou o menor nível de uso das indústrias químicas dos últimos 17 anos no Brasil, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim).

O déficit na balança comercial de produtos químicos atingiu US\$ 15,5 bilhões até abril (retração de 10,3% na comparação com igual período de 2022), e US\$ 61,2 bilhões nos últimos 12 meses (redução de US\$ 1,8 bilhão frente ao recorde de US\$ 63 bilhões obtido em 2022).

"O desafio é retomar a competitividade da indústria química nacional de uma maneira sistêmica, pois somos muito competitivos em relação às tecnologias e às vantagens

naturais do País, que possui matriz energética limpa, o que pode agregar muito valor aos nossos produtos", diz André Passos, presidente da Abiquim.

O plano que Passos defende é o uso de gás natural como matéria-prima da indústria química, o que poderia injetar até R\$ 70 bilhões em investimentos no País nos próximos cinco anos, mas, em contrapartida, demandaria obras grandiosas em infraestrutura para construção de gasodutos, com custo estimado em R\$ 30 bilhões aos cofres públicos, segundo apurou consultoria contratada pela Abiquim. O novo programa, já apresentado ao Ministério de Minas e Energia, se chama "Gás para Empregar". O estudo contratado pela Abiquim estima a criação de 2,8 milhões de novas vagas de trabalho com a realização do projeto.

Por outro lado, o gás natural ainda é pouco usado como matéria-prima na indústria química, e muito usado como matriz energética para o segmento. É o que acontece em Triunfo, onde a nafta é componente primário dos insumos, mas o gás natural tem função energética.

"A indústria petroquímica nacional já foi muito relevante no cenário mundial e hoje ela é a 6ª no ranking, mas poderia ser a 4ª sem muito investimento, só trabalhando na capacidade ociosa", diz o diretor administrativo do Comitê de Fomento Industrial do Polo (Cofip RS), Sidnei Anjos.

Diante do cenário desafiador, ser competitivo só é possível com criatividade nos negócios e investimento pesado em tecnologia. Ao longo da década de 1990, por exemplo, ciclos de modernização



PEDRO FRANCA/AGÊNCIA SENADO/DIVULGAÇÃO/JC

Passos lembra que fonte injetaria R\$ 70 bilhões em investimentos no País

da planta buscaram aumentar a automação.

O Polo mobiliza atualmente 7,3 mil trabalhadores regulares, entre direto da indústria e terceiros de modo contínuo, mas esse número já foi quase o dobro.

Já nos negócios, o executivo da

Cofip RS conta que todas indústrias petroquímicas de Triunfo têm investido para ser cada vez menos fornecedoras de commodities e cada vez mais de especialidades, produzindo o grid das peças de acordo com a demanda do cliente, o que agrega valor na produção.



BRASKEM/DIVULGAÇÃO/JC

### Como funciona a petroquímica gaúcha?

Em Triunfo, as indústrias são responsáveis por dois dos três elos da cadeia petroquímica. No elo inicial, a central de matérias-primas, administrada pela Braskem, é responsável pela produção de insumos básicos de 1ª geração. É nesta etapa em que a nafta (principal matéria-prima), condensado, gás e etanol são transformados em eteno, propeno, butadieno, MTBE e solventes.

Depois, os insumos são transportados para as outras plantas de 2ª geração do complexo, formado por Braskem, Arlanxeo, Oxiteno e Innova. É dali que os compostos são transformados em resinas e insumos que abastecem diversos outros segmentos industriais, como o de fabricação de plásticos, borrachas, pisos e produtos farmacêuticos.

## Polo Integrado da Química caminha a passos lentos

O Polo Integrado da Química é um sonho antigo dos operadores em Triunfo, mas que caminha a passos lentos, freado pelo desaquecimento da indústria petroquímica no País. Mesmo assim, novas empresas já estão mais próximas de começar a operar no complexo, que abrange o distrito industrial de Triunfo e Montenegro.

"É uma iniciativa pioneira no Brasil, que deverá reduzir o custo de produção das indústrias que participarem do cluster e facilitar em muito na logística, mas entendo que existem fatores nacionais que atrasam a sua consolidação", salienta André Passos, presidente da Abiquim. Quem deve inaugurar no Polo Integrado da Química é a fábrica de cimento e argamassa Hipermix, cujo início da operação

está previsto para este mês de maio. Outras duas indústrias também estão em tratativas: a indústria de asfaltos Traçado já obteve o licenciamento e foi autorizada a iniciar suas obras; já a Sulboro, que produz fertilizantes, ainda está em fase de licenciamento. "A Sedec está tratando com algumas outras empresas, mas ainda não foram confirmados os investimentos", disse em nota a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedec).

A iniciativa busca atrair novas empresas ao Polo da região Sul, em especial indústrias químicas e de 3ª geração, responsáveis por transformar as resinas em produtos já finalizados. A vantagem seria a proximidade com os elos da cadeia, a logística e infraestrutura já pronta para operar, além de incentivos

fiscais para determinadas operações. O projeto foi idealizado no governo Sartori (2015-2018), mas começou a sair do papel há 3 anos.

O complexo também comporta o Sistema Integrado de Tratamento de Efluentes Líquidos (Sitel), administrado pela Corsan, com capacidade de tratar até 30 mil metros cúbicos por dia. Até o ano passado, eram oferecidos 36 lotes na região do Polo Integrado da Química, mas este número subiu para 44 lotes em 2023, com área total disponível de 149 hectares, segundo dados da Sedec.

O Polo Integrado da Química tem parceria das prefeituras de Montenegro e Triunfo, Sindicato das Indústrias Químicas do RS (Sindicim), Cofip RS e Braskem, além do governo do Estado.

Uma história de sucesso só pode ser construída com compromisso ético, trabalho e espírito inovador.

**Nós da Universidade Feevale parabenizamos o Jornal do Comércio pelos seus 90 anos de compromisso com o jornalismo.**

UNIVERSIDADE  
**FEEVALE**

# Credibilidade conquistada com ética e verdade ao longo de 90 anos.

A **Câmara Brasil-Alemanha no RS e seus associados** parabenizam o Jornal do Comércio pelos seus 90 anos - marca histórica do veículo que é protagonista no jornalismo gaúcho e nacional.



Deutsch-Brasilianische  
Industrie- und Handelskammer  
Câmara de Comércio e Indústria  
Brasil-Alemanha

## INDÚSTRIA PETROQUÍMICA

# Quem participa do cluster em Triunfo

**Braskem**

Após a conclusão da aquisição da Copesul em 2007, a Braskem passou a ser maior controladora do Polo Petroquímico de Triunfo. A Braskem tem seis unidades industriais no Polo Petroquímico do RS, além de seis plantas piloto, e responde por 80% dos ativos do Polo, produzindo mais de 5 milhões de toneladas de químicos e resinas termoplásticas por ano no Polo Petroquímico de Triunfo.

Na central de matérias-primas, onde os insumos básicos são transformados em compostos para as indústrias de 2ª geração, a Braskem possui três plantas: duas de eteno fóssil e uma de eteno verde, sendo que está na reta final de ampliação. Já na 2ª geração, a empresa possui mais três plantas: uma de polietileno fóssil, uma de polietileno verde e terceira de polipropileno.

Outro investimento foi a ampliação do Centro de Tecnologia e Inovação (CTI) da empresa. Além dele, houve, por exemplo, instalação de novas válvulas de corte para os reatores a fim de conferir ainda mais segurança e confiabilidade às operações e de novos instrumentos e modernização do intertravamento da planta. Novas tecnologias foram usadas para reduzir o potencial impacto ambiental. Uma delas foi para diminuir a duração de procedimentos de sopragem, necessários para liberação de equipamentos.

Entre as inovações, está também um dos maiores projetos de automação e tecnologias industriais da Braskem no RS, com investimento de R\$ 28 milhões. O Sistema Digital de Controle da unidade Olefinas 1 é responsável pelo controle e monitoramento de mais de 7 mil instrumentos.

Essas intervenções fazem parte do maior ciclo de paradas de manutenção da Braskem no Polo de Triunfo, com 12 intervenções nas plantas operacionais, fruto de aportes que somam em torno de R\$ 1 bilhão.

**Innova**

A planta da Innova em Triunfo é a única no País a integrar a produção do etilbenzeno, monômero de estireno, tolueno, poliestireno para uso geral e de alto impacto, bem como o poliestireno expansível. No caso do poliestireno, os compostos plásticos utilizados em mercados como os de eletrodomésticos, descartáveis, embalagens, eletroeletrônicos. Já no caso do estireno, a produção é escoada para confecção de borrachas, resinas acrílicas e poliéster.

Em 2021, a empresa começou a operar a Central de Geração de Vapor e Energia Elétrica (CGVE), construída na petroquímica de Triunfo, com 30.000 kW de potência instalada, que passou a fornecer energia renovável a partir de biomassa de resíduos vegetais.

**White Martins**

Não é só de petroquímicas que vive o Polo de Triunfo. Para o trabalho das indústrias, é necessário um abastecimento constante de energia para a produção, e que faz isso no complexo é a White Martins. No Polo, é fornecedora de oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, especiais e ar comprimido, tendo o nitrogênio gás como seu principal produto.

**GS Inima**

A GS Inima é a responsável pela gestão de toda a água do Polo, como captação, tratamento, além de fornecimento de água industrial e potável para as empresas. Com capacidade para captar 6 mil m<sup>3</sup> de água bruta por hora, a Estação de Tratamento de Água da GS Inima trata atualmente cerca de 67 milhões de litros de água por dia.



A Braskem responde por 80% dos ativos do Polo, produzindo mais de 5 milhões de toneladas de químicos e resinas

**Oxiten**

A planta da Oxiten, antiga subsidiária da Ultrapar, é responsável pela produção de solventes oxigenados metilcelcetona (MEK), utilizados pela indústria de tintas e revestimentos. A empresa foi comprada ano passado pela Indorama Ventures Public Company Limited (IVL), marca tailandesa que é líder mundial de resinas PET. A transação foi avaliada em US\$ 1,3 bilhão.

**Arlanxeo**

A Arlanxeo é detentora de três plantas industriais em Triunfo, uma responsável pela produção de ESR (borracha de butadieno estireno em emulsão), outra de EPDM (monômero de etileno-propileno-dieno) e EPM (monômero de etileno-propileno) e a mais recente, inaugurada neste ano, é a fábrica de polibutadieno, que recebeu R\$ 500 milhões em investimentos. A unidade tem capacidade para produzir 65 mil toneladas de polibutadieno ao ano. Os principais usos do insumo são na fabricação de pneus e na indústria de plástico (em aplicações para produtos como geladeiras e eletrodomésticos, por exemplo).

**Sitel**

Responsabilidade da Corsan, o Sistema Integrado de Tratamento de Efluentes Líquidos (Sitel) foi implantado em 1982, juntamente com o Polo Petroquímico do Sul, realizando o tratamento de todos os efluentes petroquímicos das indústrias. As indústrias do Polo geram aproximadamente 18.000 m<sup>3</sup>/dia de efluentes líquidos inorgânicos e orgânicos. Esses efluentes são recebidos na Estação de Tratamento de Efluentes (ETE) onde o afluente bruto inorgânico (ABI), proveniente das torres de resfriamento das indústrias do Polo, dispõe de tratamento preliminar e primário.

## Polo de Triunfo foi criado há 41 anos

Na década de 1970, o consumo de petroquímicos no Brasil crescia cerca de 25% ao ano, e diante da demanda latente, o governo nacional entendeu que era hora da implantação do terceiro complexo petroquímico, agora em outra região do País, promovendo a descentralização do desenvolvimento industrial. Foi neste contexto que a idealização do Polo de Triunfo ganhou o prestígio necessário para se tornar a terceira base do tripé petroquímico no Brasil, se unindo aos complexos de Bahia e São Paulo.

Em 1973, a Fundação de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (Cientec) iniciou estudo preliminar sobre a viabilidade da implantação do terceiro complexo petroquímico no Estado e quais seriam as alternativas de localização. Entre as razões da escolha por Triunfo,

os charcos da região foram as condições para executar ações de proteção ambiental e escoamento de produção (ferrovia, hidrovias e rodovias). Em setembro de 1977, as obras de construção da Central de Matérias-Primas do Polo Petroquímico, então Copesul, braço da Petrobras, iniciaram com mais de 10 mil trabalhadores. Após cinco anos, em 1982, nascia o Polo de Triunfo, já com a especificação do eteno e a condição de fornecimento da matéria-prima.

No entanto, na época em que foi inaugurado a demanda por petroquímicos no Brasil já não era a mesma: caiu para 15% ao ano após os choques de petróleo em 1973 e 1979. Foi isso que levou o Polo de Triunfo a se vocacionar à exportação, explica Sidnei Anjos, diretor administrativo do Comitê de Fomento

Industrial do Polo (Cofip RS).

Em 1992 o Polo de Triunfo viveu um novo marco em sua história, com o leilão de privatização da Copesul, cujo controle acionário foi dividido entre os grupos Ipiranga e Odebrecht, que fundou a Braskem em 2002. O leilão no início dos anos 1990 foi consequência do processo de desestatização, abertura econômica do país e reestruturação da indústria petroquímica nacional que o país vivia na época.

A consolidação da nova estrutura de governança do polo, no entanto, só veio a ocorrer 15 anos depois. Em 2007, Petrobras, Ultra e Braskem compraram o grupo Ipiranga pela soma de US\$ 4 bilhões. Enquanto as duas primeiras companhias focaram-se nos ativos de combustíveis, a última, controlada pela Odebrecht, assumiu a parte



Em setembro de 1977, iniciaram as obras com mais de 10 mil trabalhadores

petroquímica. Com isso, além de conquistar o controle da central petroquímica de Triunfo, a Braskem ainda ficou com algumas plantas de segunda geração que a Ipiranga possuía no local.

De acordo com Anjos, a

integração dos ativos petroquímicos facilitou o alinhamento das estratégias empresariais de companhias anteriormente distintas, permitindo maior eficiência nos processos produtivos e respostas mais rápidas às mudanças do mercado.



# CDL PORTO ALEGRE SEMPRE EM MOVIMENTO

para fortalecer a  
economia gaúcha

Seja na Indústria ou no Varejo, atuamos há 63 anos para desenvolver e fortalecer o ambiente empreendedor.

Com um portfólio de soluções que torna a análise de crédito mais assertiva e segura, impulsionamos a performance de mais de 30 mil empresas em todo o RS, por meio da nossa Rede de Entidades Parceiras - composta por 160 Entidades Empresariais.

Fale com a gente e conheça as oportunidades que movimentarão o seu negócio.

- **Prospecção**
- **Gerenciamento de Clientes**
- **Consultas Positivas e Restritivas**
- **Crédito Garantido**
- **Recuperação de Crédito**



[www.cdlpoa.com.br](http://www.cdlpoa.com.br)  
(51) 3017.8000  
@cdlpoa



## MÁQUINAS E IMPLEMENTOS

# Perfil agrícola do RS impulsiona indústria de máquinas do setor

Avanços permitiram  
ao Estado chegar a uma  
condição avançada

Claudio Medaglia  
claudiom@jcrs.com.br

Com nível tecnológico superior ao de muitos países europeus, os fabricantes gaúchos de máquinas e implementos agrícolas respondem por 60% das empresas do setor no Brasil. E a natureza agrícola do Estado diz muito sobre essa performance e ajuda a pautar os rumos da inovação embarcada em cada lançamento para as lavouras. A análise

é da diretora comercial da Semeato e vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers), Carolina Rossato. Segundo ela, os avanços da indústria nacional permitiram ao Estado chegar a uma condição avançada em termos agrônômicos, como conservação de solo, meio ambiente e plantio direto. Esse modelo, aliás, serve também como alicerce para alavancar uma agricultura ainda mais eficiente e sustentável.

A necessidade do campo em obter cada vez mais produtividade e qualidade determina os rumos, o ritmo e o volume dos investimentos das indústrias de máquinas



ANDRESSA PUFAL/JC

Tecnologias diminuem o trabalho de homens e mulheres que produzem alimentos para mesa dos brasileiros

agrícolas. A busca é por tecnologias que diminuam o trabalho de homens e mulheres que produzem alimentos para mesa dos brasileiros ou exportação, auxiliando a balança comercial do País.

“Os investimentos industriais precisam ser feitos. A concorrência de mercado é gigante, o agricultor demanda tecnologia a cada safra e plantio. Mas, sem financiamento, existe uma barreira: a agricultura é uma atividade a céu aberto, em um

país onde seguros agrícolas são escassos”, pontua Carolina.

O mercado do setor tem números diretamente ligados à cotação e ao volume colhido de soja, principal commodity do agronegócio e, principalmente, aos recursos disponíveis para o Plano-Safra vigente. Os anos da pandemia foram de alta das commodities, mas de uma inflação “sobrenatural” dos materiais e falta de suprimento da cadeia como um todo. “Os lançamentos e investimentos na

indústria são contínuos e necessários para sua sobrevivência e avanço tecnológico, já que a indústria de máquinas agrícolas brasileira está à frente de muitos países da América do Norte e Europa, assim como a agricultura brasileira”, analisa a dirigente do Simers.

Segundo ela, as sucessivas quebras na colheita de milho e soja, principalmente, em função da estiagem, afetam todo o Rio Grande do Sul.

## Uma experiência para ficar na memória

Com raízes italianas mescladas ao tempero da Serra Gaúcha, o Di Paolo é referência quando o assunto é refeição que toca o coração. Isso graças à mesa farta que reproduz aquela deliciosa lembrança dos almoços na casa da nonna, onde a comida é preparada na hora, com ingredientes frescos, e o amor é o segredo de cada receita.

**RS**  
Bento Gonçalves Novo Hamburgo  
Caxias do Sul Porto Alegre  
Garibaldi Recanto Maestro  
Gramado

**PR**  
Curitiba  
**SC**  
Itapema

**SP**  
Shopping Lar Center  
Vila Olímpia  
Pinheiros  
S. José dos Campos  
Sorocaba



Como um estado agrícola, o impacto sobre a economia é enorme, com agravamento em face da escassez de recursos do Plano-Safra 2022/2023, que se arrasta há mais de um ano. Por isso, a safra de trigo de 2022 foi importantíssima. “Neste ano, não será diferente, já que ainda não sabemos o volume de recursos e juros da nova safra de verão de 2023.” Mas, com El Niño à vista, na contramão dos últimos anos, o setor entra em alerta. Os efeitos contrários do comportamento climático podem fazer o consumidor recuar e, assim, frear o setor. É que, diferente de países como os Estados Unidos, onde existe uma situação organizada tanto com política de seguro quanto de subsídio agrícola, no Brasil a agricultura segue sozinha, sem planejamento a longo prazo, impulsionada pela força dos pequenos, médios e grandes agricultores, alinhados com uma forte indústria de máquinas, e tecnologias embarcadas em sementes, químicos e fertilizantes.

Carolina mostra preocupação com os obstáculos representados pelo cenário político atual e as indefinições na política econômica para o agro. “O agricultor que não investir

fica fora do mercado, com máquinas depreciadas e menor produtividade. Os números de maior produtor de soja do mundo alcançados pelo Brasil, e que vêm crescendo para chegar a patamares ainda mais elevados, foram feitos nos últimos 10 anos, resultado obtido por meio de Planos-Safra robustos. Não por falta de recursos e taxas de mercado como estas de hoje”, adverte.

Porém, mesmo sem as melhores condições, o faturamento nas feiras agropecuárias mostra que a superação acontece a cada evento, reafirmando o peso da soja na balança. “O País colheu 154 milhões de toneladas do grão neste ano, alta de +1,65% na comparação com 2022. Paralelamente, a produção argentina caiu aproximadamente 22%, segundo relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), mas a falta de estrutura logística dos últimos 40 anos nos resulta no Custo-Brasil de exportação, o que prejudica nossa economia e a cadeia do agronegócio como um todo. Os resultados são consequência dos números totais, mas poderiam ser muito melhores, gerando mais empregos no campo e

na indústria de máquinas agrícolas”, acrescenta Carolina.

Para a vice-presidente do Simers, o Plano-Safra 2023/2024 será um dos mais importantes financeiramente e politicamente. Dele, sairá o movimento de investimentos da cadeia agrícola para os próximos anos. “O momento deve ser de razão, para que possamos continuar avançando, como estamos fazendo há mais de 20 anos. O Brasil é um país agrícola, que pode evoluir muito, ainda, já que vem fazendo com maestria o trabalho como um dos maiores conservadores e impulsionadores do plantio direto e de baixo carbono no mundo. Existe uma responsabilidade de pequenos, médios e grandes produtores com o aumento da produção e alimentos e conservação de seus solos”, completa.

Neste contexto, ainda sem divulgar a localização da nova fábrica no Brasil, a empresa Mahindra garante que irá permanecer no Rio Grande do Sul. O projeto está aprovado desde o ano passado pela matriz, e as negociações para a escolha do local estão em fase final. A estrutura deverá substituir a unidade instalada em Dois Irmãos há 11 anos. O município

escolhido ainda é guardado em segredo, bem como os valores para a obra e o prazo de construção.

“Porém, a demanda pelos nossos produtos vem crescendo tanto que queremos ter a nova unidade em operação o quanto antes. No último ano, crescemos quase o dobro do que o mercado de tratores como um todo cresceu. A indústria total cresceu 12% e a Mahindra, 23%. Poderíamos ter crescido mais, não fosse a limitação de capacidade da fábrica atual”, diz o CEO da empresa no Brasil, Jak Torreta Júnior.

A intenção é triplicar a produção atual, de 2,5 mil tratores ao ano. O grupo Indiano Mahindra & Mahindra fatura em torno de US\$ 20 bilhões, com mais de 10 setores diferentes de atividades, e o setor de máquinas agrícolas representa algo em torno de 36% desse faturamento. Com foco na agricultura familiar, pequenos e médios produtores rurais, a empresa produz tratores de 25cv a 110cv de potência e pulverizadores de 600 e 1500 litros para pomares. Dos 15 modelos de tratores do portfólio, 11 são produzidos no Brasil, onde foram comercializadas quase 5 mil unidades nos últimos três anos.



O Plano Safra 2023/2024 será um dos mais importantes financeiramente para o Brasil

Com presença nas principais feiras do setor e conquistando prêmios importantes, o investimento em novas tecnologias e inovação é permanente. “Nossos produtos são basicamente desenvolvidos na Índia. Porém, quando do processo de nacionalização, nossa engenharia local desenvolve uma série de componentes de acordo com as necessidades locais, visando melhor adaptação às práticas agrícolas brasileiras”, observa Torreta.



BATUCA

## Construindo o amanhã da indústria

Há 90 anos, o Jornal do Comércio impulsiona os negócios gaúchos. Nesta data, que também é o Dia da Indústria, parabenizamos e reforçamos nosso compromisso com quem impulsiona o amanhã, com mais soluções, tecnologia e inovação.

## ENTREVISTA ESPECIAL

# Desenvolvimento terá atenção especial, diz Leite

O governador Eduardo Leite (PSDB) promete dar atenção especial ao desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul neste segundo mandato. Nos primeiros quatro anos de governo, o tucano focou na reorganização das contas públicas. Nesta entrevista ao *Jornal do Comércio*, concedida por e-mail, Leite ainda analisa projetos para incentivar a indústria gaúcha, fala de carga tributária e de iniciativas para uma nova economia focada em inovação e sustentabilidade.

**Jornal do Comércio** – A reindustrialização do Brasil está na pauta outra vez. Industriais esperam avanços na reforma tributária e incentivos do governo federal. Como o governo do Estado pode ajudar a indústria gaúcha a se desenvolver?

**Eduardo Leite** – O tema da promoção do desenvolvimento ganhará um tratamento especial neste segundo período de governo, já que, no primeiro ciclo, tivemos que nos concentrar nos

aspectos fiscais. De uma certa forma, os dois eixos estão correlacionados, porque é um poder público financeiramente saudável que tem as melhores ferramentas para agir como promotor do crescimento econômico. Ao ajustar a máquina pública e equilibrar as contas, conquistamos a condição de poder reduzir responsávelmente impostos e promover investimentos que melhoraram a nossa competitividade. Criamos um ciclo virtuoso. Nós queremos



Governador afirma que focou em aspectos fiscais no primeiro mandato

TÁLIA MEINERZ/JC

## 25 de Maio - Dia da Indústria

**Marcando importante participação no desenvolvimento econômico, o SIMECAN homenageia a todas as indústrias pela data do 25 de Maio, em especial os setores metalmeccânico e eletroeletrônico.**

**E deseja um caminho longo ao Jornal do Comércio, que chega com sucesso nas suas nove décadas de atuação na informação.**

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METAL MECÂNICAS E  
ELETRO ELETRÔNICAS DE CANOAS E NOVA SANTA RITA

# SIMECAN

**CONGREGANDO INDÚSTRIAS. INOVANDO SEMPRE.**

[www.simecan.com.br](http://www.simecan.com.br)

ajudar ainda mais a indústria gaúcha e os demais setores econômicos. Estamos formatando uma agência de desenvolvimento, em parceria com a iniciativa privada, que irá intensificar a promoção comercial do nosso Estado, atraindo e retendo projetos. Também mantivemos a política de estreitar o diálogo do setor produtivo com a Secretaria da Fazenda, com o intuito de encontrar oportunidade de simplificações tributárias que façam sentido e gerem resultados práticos. Agora, tudo isso precisa ocorrer em um ambiente de racionalidade tributária, por isso estamos atentos e acompanhando as discussões em torno de uma reforma tributária que leva à simplificação efetiva, à redução da carga tributária e a um mecanismo nacional de devolução de imposto, nos moldes do Devolve ICMS, que já implantamos aqui no Rio Grande do Sul.

**JC – Calçadistas avaliam que o Rio Grande do Sul pode avançar em termos de simplificação tributária e até mesmo redução**

**da carga tributária pontualmente para o setor. É possível neste ciclo de governo?**

**Leite** – Buscamos implementar medidas setoriais que sejam benéficas para a economia mas que não criem novas dificuldades para o processo tributário das próprias empresas. Esse assunto tem sido acompanhado pela Receita Estadual nos fóruns de debate com o setor para avaliar a possibilidade de avanços. Vamos seguir dialogando para encontrar as melhores soluções possíveis, lembrando que esta interação entre iniciativa privada e Secretaria da Fazenda tem sido elogiada pelos empresários como um fórum adequado para aprimorar o sistema tributário gaúcho.

**JC - Ainda falando em tributos, a alíquota do ICMS de combustíveis, energia e telecomunicações deve voltar a ficar em um patamar superior ao da alíquota básica de 17%?**

**Leite** - Hoje já vigora uma sistemática diferente para os combustíveis, que não é mais baseada na alíquota de ICMS. A

mudança no modelo de monofasia simplifica a cobrança do tributo ao adotar um valor único de ICMS sobre o preço do litro dos combustíveis para todo o País. Poderá ser recuperada uma parcela da arrecadação que perdemos com a Lei Complementar 194 em 2022. Veja que, no caso das alíquotas sobre energia e telecomunicação, já tínhamos previsão para que baixassem de 25% para 17% a partir de 2024 no Rio Grande do Sul, fruto de decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal. Mas essas medidas precisam ser coordenadas, porque afetam também os municípios. As reformas estruturais promovidas nos últimos anos, que foram cruciais para a retomada do equilíbrio fiscal do Rio Grande do Sul, permitiram ao governo promover uma redução responsável da carga tributária do ICMS. Ainda em janeiro do ano passado, reduzimos as alíquotas sobre combustíveis, energia e telecomunicações de 30% para 25%, além da queda da alíquota geral, de 18% para 17%.

**JC – Sustentabilidade e**

**inovação são dois pilares da nova economia. Quais cadeias produtivas industriais o Estado pode ou planeja desenvolver baseado nestes princípios?**

**Leite** – O Estado tem feito um trabalho intenso para fortalecer esses setores da economia, que representam oportunidades enormes para o futuro do Rio Grande do Sul. A atração e o desenvolvimento de cadeias produtivas ligadas à inovação e à sustentabilidade dependem de um contexto que aprimoramos nos últimos anos. Hoje, somos líderes em inovação entre os estados brasileiros e estamos nos consolidando como referência no tema a partir de uma sinergia muito forte com os ecossistemas de inovação, as universidades e o setor privado. O número de startups aumentou consideravelmente nos últimos anos, e já somos o quinto Estado no ranking nacional. Estamos desenvolvendo essa cadeia com uma velocidade muito importante. Na parte de sustentabilidade, modernizamos a nossa legislação ambiental, promovendo um fluxo



Estamos formatando uma agência de desenvolvimento que irá intensificar a promoção comercial do nosso Estado

▶▶  
A entrevista segue nas páginas 54 e 55

## Indústria e Jornal do Comércio: a parceria que constrói o Rio Grande.

Nesta data tão especial, o **Sinduscon-RS**, em nome de seus associados, parabeniza a todos que colaboram com o setor em nosso estado e, em especial, ao **Jornal do Comércio**, que há **90 anos** tem assumido um papel fundamental nesse processo.



**SINDUSCON-RS**  
DESDE 1949

**JUNTOS SOMOS FORTES**

ASSOCIE-SE

f @ in sindusconrs

25 de maio  
**Dia da Indústria**



Um dos nossos focos é criar as condições para recebermos investimentos para produção de hidrogênio verde

mais simplificado para os empreendedores, mas nem por isso menos cuidadoso com o meio ambiente. Essa combinação de resultados e o cenário que se desenha no Estado nos dão confiança de que teremos um protagonismo ainda maior nessas áreas a curto e médio prazos, abrindo espaço para projetos transformadores, como no caso do Hidrogênio Verde, entre outros investimentos que temos condições de atrair.

**JC – Em quais setores estão os principais investimentos privados que o Rio Grande do Sul pretende atrair?**

**Leite** – Trabalhamos para receber investimentos em todas as áreas, até pelas características do Estado, que possui uma economia diversificada. Temos uma carteira de projetos bastante robusta e mudamos o ambiente de negócios para tornar a instalação de empresas mais simples, além de oferecermos incentivos. Mas é inegável que um dos nossos principais focos no momento é criar as condições para recebermos investimentos para produção de

hidrogênio verde. Essas condições já existem, em muito, pelas características geográficas do Rio Grande do Sul. O Estado tem um estudo técnico que respalda a oportunidade e a competitividade do Rio Grande do Sul na produção do combustível. Estamos saindo na frente de outros estados, e somos os primeiros a ter esse estudo, que orienta ações do governo na geração de ainda maior demanda interna e condições competitivas para este uso do hidrogênio verde. Estamos falando de uma tecnologia com potencial de injetar mais de R\$ 60 bilhões na nossa economia até 2040, além de gerar dezenas de milhares de empregos.

**JC – Como está a negociação para destravar o investimento de R\$ 6 bilhões no complexo de energia com a termelétrica a gás em Rio Grande? O senhor esteve em Brasília por mais de uma vez, inclusive em reuniões com a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica). É possível destravar esse investimento estratégico para o Estado neste ano?**

**Leite** – Estamos insistindo junto à Aneel para que a agência dê uma atenção especial ao projeto. O complexo seria um dos maiores investimentos privados da história do Rio Grande do Sul, além de se instalar em uma região estratégica para o desenvolvimento, que é a Metade Sul. Estive na Aneel ao lado do prefeito de Rio Grande, Fábio Branco, e estamos trabalhando para sensibilizar a direção da agência. Ressaltamos, além de outros aspectos, que a usina é importante para ampliar a diversificação das fontes de produção de energia elétrica, o que a torna fundamental para o enfrentamento de eventuais crises de falta de energia causadas pela escassez de chuvas, por exemplo. O governo está empenhado em destravar esse investimento.

**JC – E a privatização da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan)? O imbróglie jurídico será superado até o fim de maio?**

**Leite** – Temos confiança de que sim. O processo de

privatização da Corsan transcorreu legalmente e passou por decisão do Parlamento, como manda a legislação. É natural que um processo dessa magnitude receba contestações judiciais, mas confiamos em um desfecho favorável, que vai beneficiar, acima de tudo, os gaúchos e as gaúchas. A verdade é que a Corsan não tem condições de cumprir as metas do Marco do Saneamento. O Marco ajuda a levar coleta e tratamento de esgoto para quem mais necessita e dá mais saúde e dignidade à população. Seguimos este caminho para recuperar o enorme atraso que existe no Brasil em relação ao saneamento básico. Já está mais do que comprovado que necessitamos da iniciativa privada para garantir esses investimentos. A população, em especial a mais pobre, não precisa simplesmente de empresas públicas de saneamento. Ela precisa que o saneamento funcione.

**JC – Há outras privatizações ou concessões no radar para este segundo mandato?**

**Leite** – Com certeza. Inclusive,

## MENSURAÇÃO DO VALOR JUSTO DE EMPRESAS E ATIVOS

  
controle®  
assessoria empresarial



- IMPAIRMENT TEST (REDUÇÃO AO VALOR RECUPERÁVEL DE ATIVOS);
- AVALIAÇÃO DO GOODWILL E ÁGIO, PARA COMBINAÇÃO DE NEGÓCIOS;
- DETERMINAÇÃO DA DEPRECIÇÃO PELA VIDA ÚTIL;
- AVALIAÇÃO DE BENS MÓVEIS E IMÓVEIS;
- AVALIAÇÃO DE EMPRESAS E MARCAS;
- PERÍCIAS E ACESSÓRIAS;

  
controle®  
assessoria empresarial



controle-rs.com.br | contato@controle-rs.com.br

durante a missão oficial que tivemos em Nova York, recebemos um feedback curioso de investidores. Alguns brincaram que a nossa carteira de projetos está reduzida em relação a outros estados. Mas isso acontece porque nós fizemos muitas privatizações e concessões no primeiro mandato, mais do que qualquer outro Estado. Então, naturalmente, temos menos ativos agora. Brincadeiras à parte, ainda temos projetos muito importantes para desenvolver neste mandato. Lançamos o edital da PPP do Presídio de Erechim, temos ainda os blocos 1 e 2 de concessão de rodovias, o Cais Mauá, aeroportos regionais, a rodoviária de Porto Alegre, o zoológico de Sapucaia do Sul, o Jardim Botânico, além de ativos imobiliários e novas oportunidades que estamos prospectando, para hospitais e escolas.

**JC – Como estão as negociações do empréstimo de US\$ 500 milhões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o pagamento de precatórios?**

**Leite** – Já foi aprovado ano passado pela Comissão de Financiamentos Externos (Cofix) e agora está em análise pelo BID. Essa é uma operação autorizada dentro do Regime de Recuperação Fiscal (RRF) e que tem um papel estrutural para que o Estado possa enfrentar o passivo dos precatórios de R\$ 16 bilhões. Esse projeto, inclusive, deve se tornar uma referência para outros estados que também buscam soluções para os precatórios que precisam ser quitados até 2029.

**JC – No contexto atual, é possível dizer que as contas públicas do Estado estão equilibradas e que teremos superávit nos próximos anos, mesmo sem receitas extraordinárias?**

**Leite** – O Rio Grande do Sul acumulou anos de déficits e precisa de um período também prolongado de recuperação, o que está sendo feito no Regime de Recuperação Fiscal no médio prazo. Ainda temos a dívida, os precatórios e qualquer medida sem lastro na receita pode comprometer esses avanços que foram tão caros à

sociedade. Por isso, o ajuste precisa ser permanente. Os investimentos precisam avançar dentro da capacidade que a receita permite. E se medidas externas como essa da redução das alíquotas surgem, elas certamente podem representar ameaças. Da nossa parte, vamos seguir trabalhando pelo aumento dos investimentos públicos e privados, pelas reformas e pelo melhor ambiente de negócios no Estado, fortalecendo a educação e a inovação. Nós quebramos um ciclo de deterioração das contas públicas. Isso é um valor que precisa ser preservado pela sociedade. Acredito que a reforma tributária tenha também esse potencial de virada de página para o Brasil.

**JC – Haverá um novo ciclo de investimentos do Rio Grande do Sul com recursos do Tesouro Estadual até 2026?**

**Leite** – Nosso objetivo é elevar e tornar sustentável a capacidade de investimento do Estado, sem que os aportes dependam tão somente de receitas extraordinárias, como as originadas por

privatizações. Isso envolve um conjunto de ações transversais, como o fortalecimento do programa de Qualidade do Gasto, que busca a alocação eficiente de recursos e a identificação de gastos contraproducentes. Também estamos otimistas com relação ao avanço da reforma tributária nacional no Congresso. Houve avanços com as reformas previdenciária e administrativa. Uma remodelação tributária bem elaborada, que torne o imposto sobre o consumo mais progressivo e simplifique a vida do contribuinte, tem potencial de acelerar o crescimento econômico do País, o que se reverteria em aumento de capacidade de investimento para os Estados. Sob a perspectiva da despesa, estamos discutindo com a União a remodelagem de alguns pontos do Regime de Recuperação Fiscal (RRF) para tornar mais sustentável o estoque da dívida pública com o governo federal, o que também poderia eventualmente abrir espaço fiscal para mais investimentos com recursos próprios.



Uma remodelação tributária bem elaborada tem potencial de acelerar o crescimento econômico do País

25 de maio

Dia da Indústria

## Transporte e logística em todos os lugares!

A colaboração entre esses setores é crucial para criar soluções de transporte e logística mais eficientes e sustentáveis, reduzindo a emissão de CO2 e impulsionando o crescimento econômico.

**Visite a TranspoSul e fique por dentro dessas e outras tendências.**

Inscrições abertas  
[www.transposul.com](http://www.transposul.com)

**TranspoSul**  
23ª Feira e Congresso  
de Transporte e Logística

20 a 23 de Junho – das 14h às 21h  
📍 Fiergs – Porto Alegre / RS

90 ANOS DO JC

# Projeto mapeia economia do RS

**Jornal do Comércio promoverá eventos em diferentes regiões e publicará especiais**

Do Sul ao Norte, da Fronteira ao Litoral, as características geográficas, culturais e históricas do Rio Grande do Sul não são uniformes. Por isso, pensar a economia do Estado exige, obrigatoriamente, imaginar os vários territórios entre os 497 municípios, com seus 21,7 mil quilômetros quadrados, dentro de um mesmo Rio Grande do Sul.

Ao completar 90 anos, o Jornal do Comércio propõe o desafio de apresentar este mapeamento. Radiografar a economia do Rio Grande do Sul de maneira regionalizada, para que se possa compreender cada característica e potencial local, é uma tarefa permanente

para pesquisadores, economistas, governos e potenciais investidores.

“O Estado tem, entre as suas atividades econômicas, muitas especialidades bastante distintas entre si. Tratar a análise econômica e todo o planejamento de forma regional é a maneira mais adequada de levarmos em consideração, por exemplo, as vocações regionais, que respeitam fatores históricos, climáticos e ambientais, como fluxos populacionais específicos, que condicionam a forma como se deu o desenvolvimento de uma determinada região, e qual a tendência futura”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Rodrigo Feix.

Anualmente, o JC monitora os investimentos que acontecem no Rio Grande do Sul. Em 2022, por exemplo, o Investômetro apontou Porto Alegre e a Região Metropolitana como o destino de pelo menos

um terço dos R\$ 62 bilhões de aportes públicos e privados anunciados ou realizados em solo gaúcho no ano passado.

Entre o Sul, a Campanha e a Fronteira, mais de R\$ 13 bilhões foram demonstrados pelo Anuário de Investimentos, com uma característica marcante: mais de 70% estavam relacionados a projetos em infraestrutura. Por outro lado, entre os 50 municípios com maiores investimentos mapeados, mais de 30% concentraram-se entre o Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, com a indústria em expansão.

Compreender estas nuances é essencial na elaboração de políticas de desenvolvimento pelo governo, mas também elemento fundamental para a iniciativa privada em busca de maior eficiência em potenciais investimentos no Rio Grande do Sul.

## Como será mapeada a economia gaúcha

A partir de junho, serão realizados cinco eventos e cinco publicações especiais no Jornal do Comércio. As divisões regionais serão feitas através de cinco agrupamentos:

- Sul, Campanha e Fronteira Oeste
- Centro e Vales do Taquari e Rio Pardo
- Norte, Missões e Noroeste
- Serra e Campos de Cima da Serra
- Região Metropolitana, Centro-Sul, Vales do Sinos, Paranhana e Caí e Litoral.

É adotado o critério estabelecido pela Secretaria do Planejamento do Estado, que divide o Rio Grande do Sul em nove regiões funcionais. Para o economista Rodrigo Feix, esta forma de organização considera a regionalização “de baixo para cima”, e permite uma melhor percepção das diferenças locais, muitas vezes não perceptíveis a um olhar distante, na economia gaúcha.

## O que será mapeado

Em cada região analisada, o mapeamento vai radiografar as características locais da indústria, da agricultura, dos serviços, do varejo e dos investimentos em infraestrutura. Serão apresentadas as principais empresas e iniciativas em cada um destes setores locais, assim como a leitura do que é histórico e de quais

as tendências futuras em cada uma das regiões analisadas.

A leitura regional da economia gaúcha também leva em consideração os dados municipais. Por isso, será possível visualizar os principais municípios entre cada uma das atividades apresentadas pelo mapeamento.

**Sua proteção em constante evolução.**

GBOEX, há mais de um século proporcionando proteção e segurança para milhares de famílias.

Em maio, temos muitos motivos para comemorar. **Celebremos** o aniversário de **110 anos** do **GBOEX**, os **90 anos** do **Jornal do Comércio** e o **Dia da Indústria**.

Parabéns!

**GBOEX** Desde 1913 **110** Anos  
Previdência e Seguro de Pessoas  
A proteção certa para a sua família.

24 de maio - Aniversário do GBOEX | 25 de maio - 90 anos do Jornal do Comércio e Dia da Indústria.

[www.gboex.com.br](http://www.gboex.com.br)

## Um mapa em construção

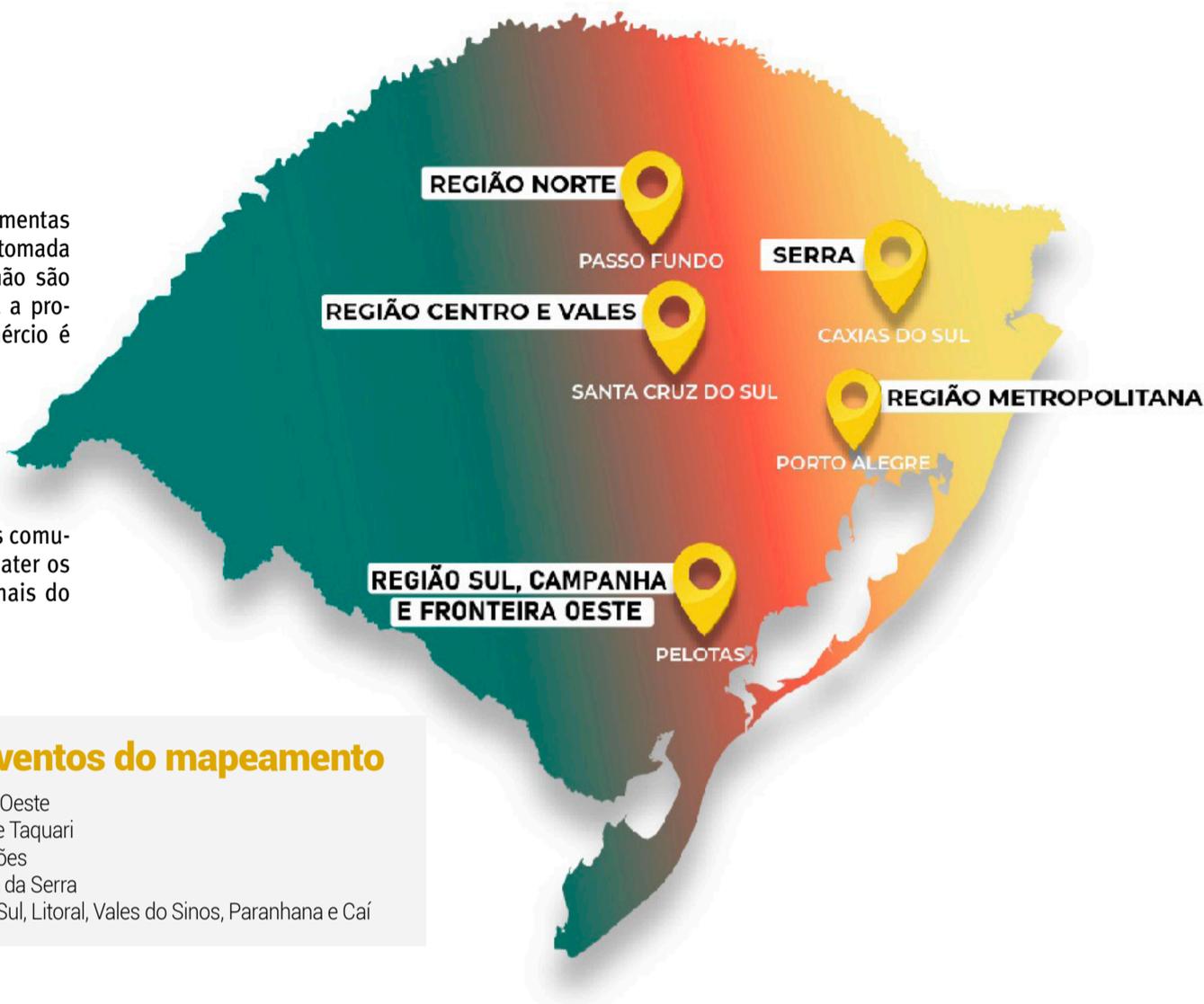
Como define o economista e pesquisador do DEE, Rodrigo Feix, "a economia é dinâmica".

"Muitas vezes um movimento leva algum tempo a mais para ser percebido por um mapeamento, por isso, quando se trata da análise regional, cruzamos diversos aspectos, com tempo de resposta às ações governamentais ou privadas mais curtos ou longos em nossas análises", explica.

É porque mapeamentos regionais da economia são,

essencialmente, ferramentas para a compreensão e tomada de decisões. Por isso, não são documentos fechados. E a proposta do Jornal do Comércio é fomentar este debate.

Cada capítulo deste trabalho será acompanhado de painéis regionais, com atores que movimentam a economia e as comunidades locais para debater os rumos e desafios regionais do Rio Grande do Sul.



### O cronograma de eventos do mapeamento

- Junho:** Sul, Campanha e Fronteira Oeste
- Julho:** Centro, Vales do Rio Pardo e Taquari
- Setembro:** Norte, Noroeste e Missões
- Outubro:** Serra e Campos de Cima da Serra
- Novembro:** Metropolitana, Centro Sul, Litoral, Vales do Sinos, Paranhana e Caí

## Parabéns a quem leva informação e gera desenvolvimento todos os dias.

25 de maio: aniversário de 90 anos do  
Jornal do Comércio e Dia da Indústria.

O BRDE é parceiro do conhecimento e de quem transforma o trabalho em progresso. Celebrar os 90 anos de atividade do Jornal do Comércio e homenagear a indústria, no mesmo dia, torna essa data ainda mais significativa.



CRÉDITO  
PARA INOVAR  
E DESENVOLVER.

Conheça as linhas de crédito para sua empresa: [www.brde.com.br](http://www.brde.com.br).

90 ANOS DO JC

## Pioneiro, Homero Guerreiro liderou modernização do jornalismo no JC

Os novos projetos anunciados nos 90 anos do Jornal do Comércio, como o Mapa Econômico do RS, mostram que o diário de economia e negócios segue sempre se atualizado. Ao longo de nove décadas, os avanços tiveram alguns marcos, desde a criação do boletim que noticiava a chegada de cargas ao porto da Capital até a consolidação de um robusto noticiário econômico.

Um dos protagonistas da modernização jornalística do JC foi Homero Guerreiro, que dedicou meio século de sua vida ao jornal. Em 1953, o então Consultor do Comércio anunciava em editorial assinado pelo fundador Jenor Cardoso Jarros uma série de transformações.

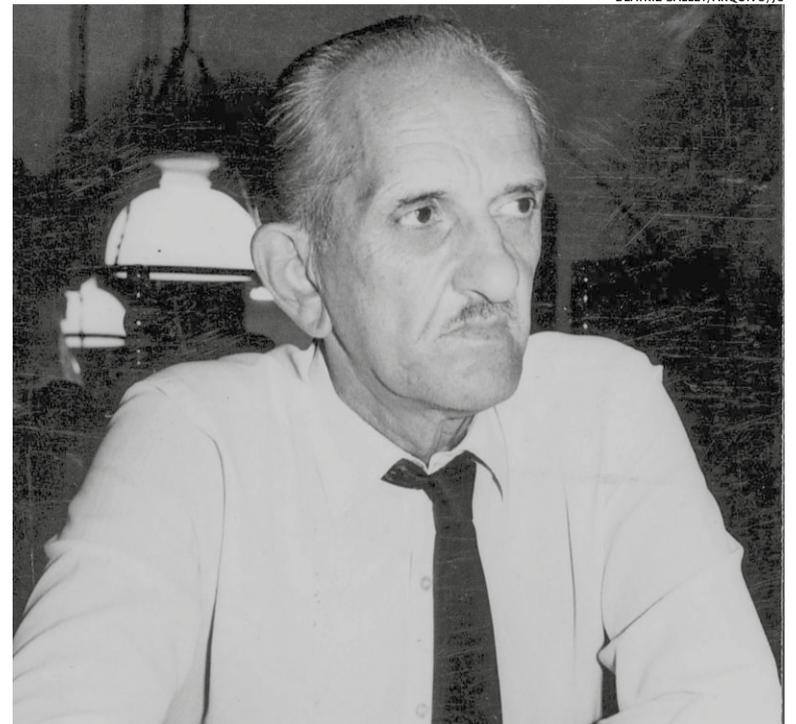
O empreendedor da imprensa gaúcha chamou um jovem para liderar a transformação do periódico: Homero Guerreiro, que tinha então 23 anos. Natural de Vacaria, ficou no JC até sua morte, em 2002, quando tinha 72 anos. Ao longo de meio século, viu o veículo mudar o nome para Jornal do Comércio e tornar-se diário. E cumpriu a missão de seguir com a linha editorial séria e de credibilidade do JC.

Profissionalizou a redação, contratando jornalistas formados para as funções de repórter e instituindo uma estrutura com editorias e chefia de reportagem. Também implantou a diagramação, na época coordenada por Roque Fachel.

Em 1969, com a morte de Jenor Jarros, foi convidado por Zaida Jarros para ser diretor-editor – o então secretário de redação, Paulo Poli, passou a ser o editor-chefe. No final dos anos 1990, Homero foi incorporado ao Conselho de Administração.

Além de diversas funções na redação do jornal, Homero fez cursos de especialização em Jornalismo no País e no exterior e escreveu dois livros: *Jornal do Comércio 60 anos* (AGE), de 1994, e *Tropeiro da Saudade*, coletânea de poesias lançada em 2001.

Paralelamente ao JC, atuou em diferentes momentos no Departamento de Imprensa Oficial, na Corrag, governo do Estado, Companhia



BEATRIZ SALLET/ARQUIVO/JC

Jornalista foi editor-chefe, diretor e atuou por meio século no jornal

de Desenvolvimento Industrial e Comercial do Estado. Foi vice-presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), dirigente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado, diretor da Agert e da Federasul. Ao lado de Alberto André e Antônio Gonzalez, idealizou a

criação do Museu de Comunicação Hipólito da Costa.

Tornou-se referência na imprensa a ponto de o Rotary Club Porto Alegre conceder a Comenda Homero Guerreiro a personalidades que se destacam na comunicação no Rio Grande do Sul.



**57°** CONVENÇÃO REGIONAL  
DE SUPERMERCADOS  
FARROUPILHA/RS

### PROGRAMAÇÃO

- 09h** MISSA  
(SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO)
- 10h** PALESTRA GESTÃO DE SUPERMERCADOS COM  
ALEXANDRE RIBEIRO/ R DIAS (SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO)
- 10h** ABERTURA DA FEIRA DE NEGÓCIOS COM MAIS DE 80  
EXPOSITORES (PAVILHÕES DA FENAKIWI/ FARROUPILHA)
- 20h** POLENTAÇO
- 21h** SORTEIO DA MOTO  
(PAVILHÕES FENAKIWI)

A cada R\$ 1000,00 em compras nos estandes,  
concorra a uma moto Ciclomotor Bull KRC

**30 DE MAIO**

FARROUPILHA / RS

Pavilhões da Fenakiwi

10h às 22h



\*imagens meramente ilustrativas

PATROCÍNIO:

**MARQUESPAN**  
ALIMENTOS

**Blue Ville**

**Girando Sol**

APOIO:

**Sindigêneros**  
Farroupilha

90 ANOS DO JC

## Colaborador mais antigo é referência na crítica de cinema

**Hélio Nascimento chegou a trabalhar por 10 anos com o fundador do JC**

O único dos colaboradores do Jornal do Comércio em atividade que trabalhou por anos ao lado do fundador Jenor Cardoso Jarros – falecido em 1969 – é o crítico de cinema Hélio Nascimento, 86 anos, que atua no JC desde 1960.

No convívio com Jenor, lembra que o então dirigente do JC gostava muito de cinema e até “discutia filmes com a gente lá no escritório. Inclusive foi produtor associado do longa-metragem *Vento Norte*, de 1951, talvez o filme mais importante da história do Rio Grande do Sul”, conta.

Hélio Nascimento também

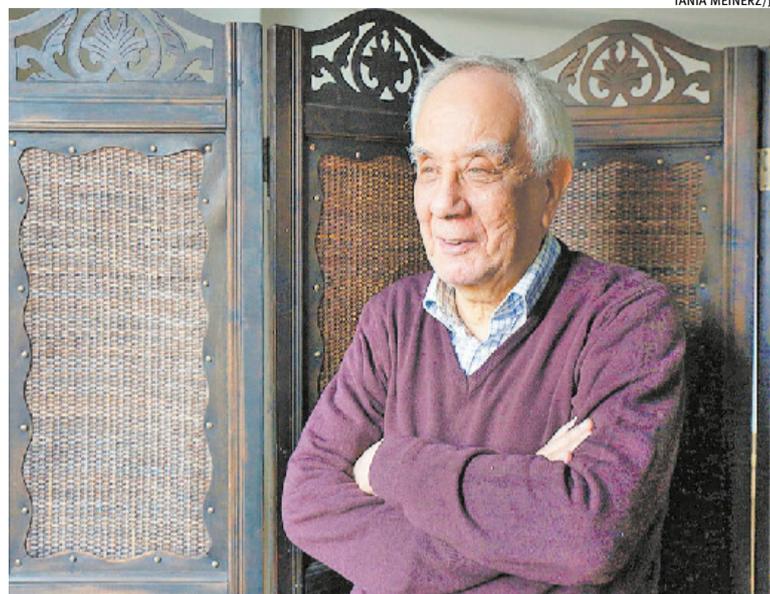
sempre gostou de cinema, mas primeiro foi funcionário no setor administrativo do jornal. Só depois que assumiu a crítica de cinema. Entrou no JC por acaso. Estava desempregado e encontrou o amigo Hiron Goidanich (Goida) na Rua da Praia. Goida, que trabalhava no escritório do JC, no Palácio do Comércio, incentivou Nascimento a ir para o jornal.

Pouco a pouco, o funcionário da administração foi dando contribuições para a seção de cinema, que já saía em todas as edições quando o jornal era trissemanal. Até que ele substituiu o titular Moraes de Oliveira, que deixou a empresa.

Nascimento conciliou as atividades do escritório com a redação por quase uma década. Quando o

JC se mudou para a sede da avenida João Pessoa, em 1968, ele continuou dando expediente no Palácio do Comércio, no Centro, mas mandava seus textos para a redação. Até que, pelo aumento das demandas administrativas e pelo crescimento do espaço editorial do jornal, não podia mais manter as duas funções.

Assim, em 1970, ele foi integrado definitivamente à redação na João Pessoa. Aí, além de escrever sobre cinema, passou a colaborar com outros temas, especialmente na parte de cultura. Foi Nascimento quem sugeriu o nome do então novo suplemento de cultura, *Panorama*, criado em 1983. No ano seguinte, Jayme Copstein, que assumira como novo editor-chefe, convidou-o para editar o



TÂNIA MEINERZ/JC

Nascimento escreve sobre filmes há 6 décadas no Jornal do Comércio

caderno, o que fez até 1992, quando se aposentou.

O afastamento do JC foi breve. Jefferson Barros pediu um artigo para o amigo, depois outro foi encomendado e, na segunda metade da década de 1990, Nascimento já estava colaborando regularmente. De lá para cá, publica uma coluna semanal de cinema no caderno *Viver*.

Hélio Nascimento é referência nacional em crítica de cinema. Além de seis décadas na atividade, teve inúmeras participações no Festival de Cinema de Gramado – foi do comitê organizador, do corpo de jurados, da comissão de seleção, da crítica e da plateia – que lhe rendeu homenagem pelo conjunto da obra.

## A história do Rio Grande passa por estas páginas.



Tudo começou em 1933 e nunca mais parou. São 90 anos prestando um importante serviço para a sociedade gaúcha e para toda a economia do Estado. Parabéns, Jornal do Comércio por estas nove décadas de sucesso, superação e conquistas. Uma homenagem da Unimed a quem sempre manteve seu propósito.

Unimed

90 ANOS DO JC

# GeraçãoE é aliado do empreendedorismo gaúcho há sete anos

Criado em agosto de 2015 para fomentar o empreendedorismo do Rio Grande do Sul, o GeraçãoE é um braço multimídia do Jornal do Comércio onde, diariamente, são produzidos conteúdos com o objetivo de fortalecer a economia do Estado. Considerado, até hoje, um dos produtos mais inovadores do mercado jornalístico do Rio Grande do Sul, o GeraçãoE é um híbrido de caderno, site, redes sociais e gerador de negócios para empreendedores e empreendedoras.

De negócios recém inaugurados aos tradicionais, passando pelas startups, o GE tem o compromisso de aproximar os leitores e leitoras do empreendedorismo, com histórias inspiradoras e também conteúdos educacionais.

**Ao longo de sete anos, foram mais de 7 mil matérias publicadas em geracaoe.com**, site próprio da plataforma onde, diariamente, são publicados conteúdos com as novidades de Porto Alegre.



DESIGNED BY RAWPIXEL.COM/FREEPIK



## Inovação do online ao papel

Além do conteúdo online, às quintas-feiras circula a edição impressa do GeraçãoE, encartada no Jornal do Comércio. São oito páginas com uma curadoria de matérias sobre empreendedorismo que colocam a criatividade em pauta, com a luz voltada para quem está no dia a dia das operações. Mais de 400 edições impressas do GeraçãoE já circularam pelo Rio Grande do Sul. Na edição impressa, a novidade de 2023 é a sessão #explorar, onde empreendedores e empreendedoras do Estado compartilham dicas para inspirar quem está à frente dos negócios, como filmes, séries, podcasts e eventos imperdíveis para quem empreende. Há, também, espaço reservado para divulgar as principais vagas em startups e empresas de todo País, assim como um mural para eventos.

90 ANOS DO JC

## GE nos Bairros fomenta economia local de Porto Alegre

O GE nos Bairros, projeto lançado em 2022 para desbravar a economia de diferentes regiões de diferentes regiões de Porto Alegre, chegou, em maio, à 13ª edição, com conteúdo sobre o Farroupilha. Em dezembro, o projeto recebeu menção honrosa no Prêmio ARI de Jornalismo, promovido pela Associação Riograndense de Imprensa (ARI) na categoria que celebrou os 250 anos da Capital, comemorados no ano passado. O projeto, inclusive, surgiu para celebrar o aniversário da capital

gaúcha. Entre os 13 bairros já visitados, estão contempladas diferentes regiões da cidade. Lomba do Pinheiro, Restinga, Tristeza, Bom Fim, Cidade Baixa, Petrópolis, Auxiliadora e Santana já foram tema do GE nos Bairros e o conteúdo completo está disponível em geracao.com. Com a boa recepção dos leitores, o projeto segue ao longo de 2023, com edições mensais. Os bairros são escolhidos pelo público do GeraçãoE por meio de votação no Instagram (@jcgeracao).



### Novo projeto do GeraçãoE desbrava a Região Metropolitana

Além do GE nos Bairros, nesta quinta-feira, um novo projeto chegou às ruas. O Bora GE tem como objetivo explorar a economia de outras cidades, saindo dos limites da Capital. A largada acontece na Região Metropolitana de Porto Alegre. Em dois dias de produção, a equipe do GeraçãoE

desbravou os negócios de Viamão, a fim de traçar um panorama da cidade por meio dos negócios. Ao longo do ano, outras cidades do entorno da Capital serão retratadas nas páginas do GeraçãoE. Assim como nos bairros, as cidades visitadas serão escolhidas por meio de enquete nas redes sociais.

DESENVOLVIMENTO,  
INOVAÇÃO E  
TRANSFORMAÇÃO.  
A INDÚSTRIA É A  
ESSÊNCIA DO  
PROGRESSO.

25 de maio

**Dia da  
Indústria**



Lavanderia Industrial

[renova.com.br](http://renova.com.br)

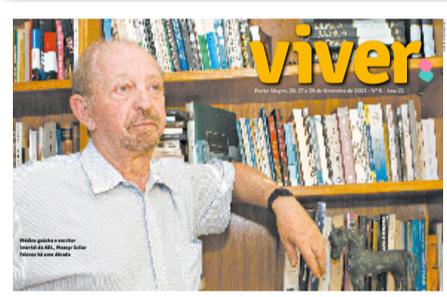


90 ANOS DO JC

# Reportagens traçam painel da cultura gaúcha há 5 anos

Desde o momento em que ampliou seu noticiário para outras editorias, o Jornal do Comércio tem dedicado generoso espaço às manifestações culturais em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Há 26 anos, o caderno Viver volta um olhar amplo e cuidadoso à arte feita em nosso Estado, englobando agenda cultural, crítica, investigação e discussões de fundo. Com o objetivo de aprofundar ainda mais o cânone da cultura gaúcha, o Viver tem publicado há cinco anos - desde a celebração do aniversário de 85 anos do Jornal do Comércio, em 2018 - todas as semanas, uma Reportagem Cultural especial, realizada por nossa equipe de colaboradores. Desde então, mais de 250 reportagens foram publicadas, oferecendo ao público leitor um panorama detalhado, crescente e multifacetado sobre a cultura gaúcha.

## Os principais temas da arte de nosso Estado



### Metade menino do Bom Fim, Metade imortal

Reportagem Cultural

Uma caminhada que se repete há mais de 30 anos. Desde o primeiro dia de aula, o menino do Bom Fim, o personagem criado por Moacyr Scliar, vive a rotina de um estudante de ensino médio. Mas, ao contrário de qualquer outro personagem de ficção, ele não envelhece. Hoje, com 73 anos, Scliar continua a escrever o diário do menino, atualizando-o com as notícias e acontecimentos do mundo. A obra, que já ultrapassou 10 milhões de cópias, é considerada um dos maiores sucessos literários do Brasil. Neste reportagem, exploramos a trajetória de Scliar e o impacto de sua criação na literatura brasileira.



### Descortinando paisagens literárias

Reportagem Cultural

Uma caminhada que se repete há mais de 30 anos. Desde o primeiro dia de aula, o menino do Bom Fim, o personagem criado por Moacyr Scliar, vive a rotina de um estudante de ensino médio. Mas, ao contrário de qualquer outro personagem de ficção, ele não envelhece. Hoje, com 73 anos, Scliar continua a escrever o diário do menino, atualizando-o com as notícias e acontecimentos do mundo. A obra, que já ultrapassou 10 milhões de cópias, é considerada um dos maiores sucessos literários do Brasil. Neste reportagem, exploramos a trajetória de Scliar e o impacto de sua criação na literatura brasileira.

# LITERATURA

A potência da produção literária em nosso Estado tem encontrado espaço nas reportagens culturais publicadas semanalmente no Viver. Entre os nomes de destaque local e nacional que já estiveram nas páginas do caderno, estão Moacyr Scliar (foto), Caio Fernando Abreu, Carlos Nejar, Erico Verissimo, Josué Guimarães, Mario Quintana, Dyonélio Machado e muitos outros. Mais recentemente, o Viver tem publicado perfis de figuras significativas da nova literatura gaúcha, assinados pelo jornalista Rafael Gloria. Nomes como Carol Bensimon (foto), José Falero, Antônio Xerxenesky, Julia Dantas, Fernanda Bastos e Paulo Scott estão entre os perfilados.

# MÚSICA

A música é um terreno repleto de emoções e de histórias. E esse universo vem sendo explorado nas páginas do Viver desde a primeira edição das reportagens culturais, que trouxe como destaque o músico Borghettinho. Personagens como Teixeira (foto ao lado), Lupicínio Rodrigues (foto mais à direita), Túlio Piva, o lendário conjunto Os Almôndegas, Elis Regina e Fughetti Luz, entre outros, já estiveram em nossas páginas. As artes visuais também merecem espaço, com matérias sobre Pedro Weingärtner, Iberê Camargo, Britto Velho, Zoravia Bettiol, Maria Lídia Magliani e Vera Chaves Barcellos. Os leitores também puderam (re)visitar espaços importantes da cultura gaúcha, como o Atelier Livre, a Biblioteca Pública do Estado e o antigo Bar do IAB.

### Entre a grossura e a doçura

Reportagem Cultural

Moacyr Scliar, 73 anos, é um dos maiores escritores brasileiros. Seu diário do menino do Bom Fim, publicado semanalmente no Viver, é um dos livros mais vendidos do Brasil. Neste reportagem, exploramos a trajetória de Scliar e o impacto de sua criação na literatura brasileira.

### um outro LUPICÍNIO

Reportagem Cultural

Lupicínio Rodrigues, um dos maiores músicos brasileiros, morreu há mais de 50 anos. Neste reportagem, exploramos sua trajetória e o impacto de sua música na cultura gaúcha.

### Clóvis Duarte, o professor da comunicação

Reportagem Cultural

Clóvis Duarte, um dos maiores comunicadores brasileiros, morreu há mais de 50 anos. Neste reportagem, exploramos sua trajetória e o impacto de sua comunicação na cultura gaúcha.

### Ta-Ta-Ta

Reportagem Cultural

Ta-Ta-Ta, um dos maiores grupos de música brasileira, morreu há mais de 50 anos. Neste reportagem, exploramos sua trajetória e o impacto de sua música na cultura gaúcha.

# PERSONALIDADES

Em qualquer lugar do mundo, a cena cultural se faz com pessoas. Atento a isso, o Jornal do Comércio tem promovido uma série de perfis de personalidades significativas do universo artístico e do pensamento, em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Boa parte dessas matérias têm sido produzidas pelo jornalista Márcio Pinheiro, colaborador frequente do caderno Viver. Figuras inesquecíveis como Clóvis Duarte (mais à esquerda) e Tatata Pimentel (ao lado) surgem ao lado de intelectuais como Gerd Bornheim e Décio Freitas, além de realizadores e encorajadores das artes como Gilberto Schwartzmann, Roque Jacoby, Luciano Alabarse e outros tantos.

## Matérias de cultura recebem importantes prêmios

Além de sucesso de público, com número significativo de acessos e resposta positiva dos leitores, as Reportagens Culturais publicadas no caderno Viver têm recebido reconhecimento importante de crítica. Nos últimos anos, o Prêmio ARI de Jornalismo tem agraciado o trabalho da editoria de Cultura do Jornal do Comércio com sucessivas

honorarias. No ano passado, o colaborador Marcello Campos ficou em segundo lugar na categoria Reportagem Cultural, com a matéria *Um Mistério Chamado Horacina Correa*, enquanto João Vicente Ribas recebeu o terceiro lugar com a série *Cultura Missioneira*. A mesma premiação se repetiu em 2021, com Paulo César Teixeira e a matéria *Bossa Com Sotaque Gaúcho*, sobre João Luiz Palmeiro. Atual editor de Cultura do Jornal do Comércio, Igor Natusch obteve, por dois anos consecutivos, o primeiro lugar em Reportagem Cultural: além da série sobre o patrimônio histórico de Porto Alegre, recebeu a mesma honra pela reportagem *A Nova Fama de Theo Wiederspahn* (ao lado), 1º lugar no Prêmio ARI de 2020.



Porto Alegre, 24, 25 e 26 de janeiro de 2023 - Nº 25 - Ano 23

reportagem cultural

### A nova fama de THEO WIEDERSPAHN

que faz

Boa parte do que hoje se conhece sobre o obra e a história de Theo Wiederspahn foi resgatada de dentro de um galilério. Inesperadamente depois de décadas de ausência, a obra de Wiederspahn voltou a ser conhecida em uma exposição de arte na cidade de São Paulo, em um espaço que se tornou, em vão, lugar de ser burocrático. Porém, resgataram aspectos práticos sempre alguns dias de trabalho do passado. Uma das exposições era a arquitetura e o professor Gaster Wiederspahn, que desenvolveu a construção da história da arquitetura da Capital. Após localizar o

nome de Wiederspahn em antigos arquivos de jornal, Wiederspahn fez uma visita ao pai e ao irmão de Theo Wiederspahn em São Paulo, onde ele vive atualmente, para conhecer a obra e a história de seu pai. Wiederspahn foi resgatado de dentro de um galilério. Inesperadamente depois de décadas de ausência, a obra de Wiederspahn voltou a ser conhecida em uma exposição de arte na cidade de São Paulo, em um espaço que se tornou, em vão, lugar de ser burocrático. Porém, resgataram aspectos práticos sempre alguns dias de trabalho do passado. Uma das exposições era a arquitetura e o professor Gaster Wiederspahn, que desenvolveu a construção da história da arquitetura da Capital. Após localizar o

hata do Estado e de toda a América Latina. Era um profissional excepcional, um talento único dos tempos da República, professor da Faculdade Politécnica da UFRGS. Na época, Wiederspahn era o único brasileiro a trabalhar em um escritório de arquitetura em qualquer grande centro, dentro da Europa. Se houvesse uma história do edifício no Sul do Brasil, ele não só não poderia estar de fora, como seria o primeiro a ser lembrado. Quando em Wiederspahn, em 19 de fevereiro de 1925, o arquiteto chegou em Porto Alegre com 30 anos, ainda não tinha a maioria dos profissionais do ramo, tanto no passado quanto na atualidade, ainda está longe de surgir na carreira. Pode-se dizer que a capital dos gaúchos cresceu junto com Wiederspahn. O primeiro projeto dele aqui, realizado entre 1925 e 1927, girou a torno e a oportunidade para que fossem erguidas a agência central dos Correios e Telégrafos (CTC) e a Adesquia Federal da Avenida Federal (AF) - obra que, hoje, marcamos o nome do Memorial do Rio Grande do Sul e do Mare, respectivamente. Uma caminhada pelo Centro Histórico revela Wiederspahn em vários espaços. O que hoje na cidade pela modernidade da cidade e a expansão urbana de Porto Alegre, se tornou, em vão, lugar de ser burocrático. Porém, resgataram aspectos práticos sempre alguns dias de trabalho do passado. Uma das exposições era a arquitetura e o professor Gaster Wiederspahn, que desenvolveu a construção da história da arquitetura da Capital. Após localizar o

Leia mais na página central

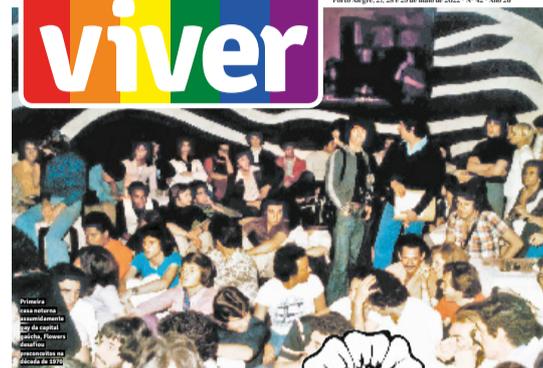


## Série sobre casas noturnas é destaque atual

Nos últimos cinco anos, as Reportagens Culturais do caderno Viver têm se destacado no resgate da memória cultural do Estado. Desde março do ano passado, o repórter Marcello Campos tem desenvolvido a série Porto Noite Alegre, que mergulha no passado - distante, ou nem tanto - das casas noturnas que fizeram a história da boemia da Capital. A primeira parte da série trouxe 10 reportagens, sempre na última sexta-feira de cada mês, abordando espaços lendários como o Encouraçado Butikin, a Flower's (ao lado), a Crocodillo's e a Água Na Boca, todos ainda vivos na memória dos porto-alegrenses. Recebida de forma entusiástica pelos leitores, a série foi reconhecida com menção honrosa no Prêmio Especial 250 Anos de Porto Alegre, concedido pela Associação Riograndense de Imprensa no ano passado. Renovada para este ano, a série Porto Noite Alegre segue mapeando a história da noite da Capital, tendo trazido, nos primeiros meses deste ano, matérias aprofundadas sobre o lendário Clube da Chave e a inesquecível boate Barbazul.



Porto Alegre, 27, 28 e 29 de maio de 2022 - Nº 42 - Ano 20



### Reportagem Cultural A boate mais colorida de Porto Alegre

Marcello Campos, especial para o PC  
Visitar boates durante o dia pode ser uma experiência surpreendente. A combinação de iluminação e música que se cria nesse ambiente é única. É possível perceber o ritmo da cidade e sentir o espírito da noite em um espaço que se tornou, em vão, lugar de ser burocrático. Porém, resgataram aspectos práticos sempre alguns dias de trabalho do passado. Uma das exposições era a arquitetura e o professor Gaster Wiederspahn, que desenvolveu a construção da história da arquitetura da Capital. Após localizar o



da noite ainda não havia "sido do ar", a série empurrou a história para o passado, em uma atmosfera própria ao live streaming de arte e cultura. O autor, jornalista e produtor de eventos, vem trabalhando em um projeto de resgate da memória cultural do Estado. Desde março do ano passado, o repórter Marcello Campos tem desenvolvido a série Porto Noite Alegre, que mergulha no passado - distante, ou nem tanto - das casas noturnas que fizeram a história da boemia da Capital. A primeira parte da série trouxe 10 reportagens, sempre na última sexta-feira de cada mês, abordando espaços lendários como o Encouraçado Butikin, a Flower's (ao lado), a Crocodillo's e a Água Na Boca, todos ainda vivos na memória dos porto-alegrenses. Recebida de forma entusiástica pelos leitores, a série foi reconhecida com menção honrosa no Prêmio Especial 250 Anos de Porto Alegre, concedido pela Associação Riograndense de Imprensa no ano passado. Renovada para este ano, a série Porto Noite Alegre segue mapeando a história da noite da Capital, tendo trazido, nos primeiros meses deste ano, matérias aprofundadas sobre o lendário Clube da Chave e a inesquecível boate Barbazul.

Leia mais na página central

# Parabéns, Jornal do Comércio

É com muita alegria que a **Ulbra** parabeniza o **Jornal do Comércio** pelo aniversário de **90 anos!** Em quase um século, sua trajetória histórica desempenhou um papel crucial cumprindo a função de informar e participar efetivamente da vida social, política e cultural dos gaúchos.

Nossos propósitos se entrelaçam na busca de promover o bem para a sociedade em prol de fazer a diferença na vida das pessoas.

Que possamos promover e testemunhar transformações e novas conquistas!



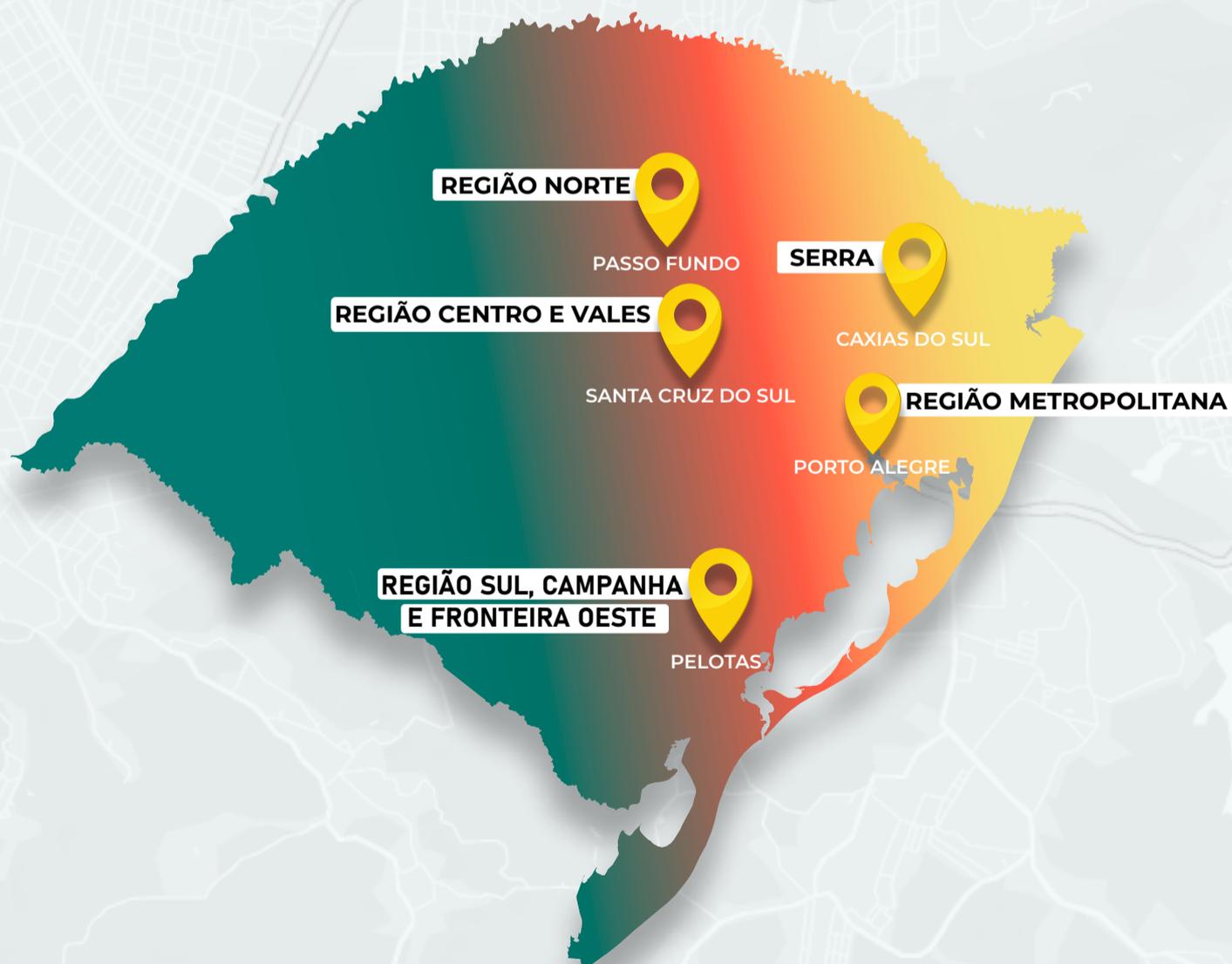
90 anos de história.



**Jornal do Comércio** 90 ANOS  
O jornal de economia e negócios do RS

# MAPA ECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL

**5 eventos, 5 cadernos especiais**  
**A partir de junho no JC.**



Vamos juntos valorizar ainda mais cada região do nosso Estado, levando conteúdo sério e de credibilidade.